

REVISTA

Linguagem *em pauta*



Vol. 3 | N. 2 | 2023

Linguagem em pauta

Ano 3, Vol.3, Num.2., 2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Vice-Reitor

Francisco Carvalho de Arruda Coelho

Pró-Reitora de Planejamento e Administração

Kaliny Kέλvia Pessoa Siqueira Lima

Pró-Reitora de Graduação

Jônia Tírcia Parente Jardim Albuquerque

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Antônio Glaudenir Brasil Maia

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Rebeca Sales Viana

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

Ana Íris Tomás Vasconcelos

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Betânia Moreira de Moraes

Diretora do Centro de Filosofia, Letras e Educação

Maria Elisalene Alves dos Santos

Coordenadora do Curso de Letras

Franciclé Fortaleza Bento

Editora-chefe

Flávia Cristina Candido de Oliveira

Editores-adjuntos

Franciclé Fortaleza Bento

Jessé de Sousa Mourão

João Paulo Eufrazio de Lima

Jorge Luiz Adeodato Júnior

Revisor

Francisco Sérgio Fernandes Carneiro

Capa

Jessé de Sousa Mourão

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
LÍRICA AMOROSA EM LEONARD COHEN: UMA ANÁLISE DE “HEY, THAT’S NO WAY TO SAY GOODBYE”	07
Leonardo Prudêncio	
A METÁFORA DA PERSONIFICAÇÃO EM MANCHETES DE JORNAIS BRASILEIROS	19
Francisco Marcos de Oliveira Luz	
REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA COERÊNCIA E DA RECATEGORIZAÇÃO EM ARTIGO DE OPINIÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	37
Kleiane Bezerra de Sá e Filipe Fontenele Oliveira	
A ESCRITA DE NÓS: O CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA NA OBRA “OLHO D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO	57
Francisco Fernandes de Araújo e Maria Elisalene Alves dos Santos	
DESIGUALDADE MATERIAL E ESPACIAL EM “OS TRANSPARENTES”, DE ONDJAKI	77
Letícia Vital Ferreira	
NEM TODAS AS PESSOAS PODEM: VIOLÊNCIA E PODER NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”, DE MACHADO DE ASSIS	91
Vanessa Lara de Souza Santos	
A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A POSITIVIDADE TÓXICA NO TIKTOK.....	103
Maria da Conceição Sales de Almeida e Francisco Vieira da Silva	
A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO HOMEM CIVILIZADO ATRAVÉS DO PERSONAGEM JOE CARIPUNA EM “MAD MARIA’, DE MÁRCIO SOUZA	123
Elaine dos Santos Ramos e Larissa Gotti Pissinatti	
UMA (RE)LEITURA DOS CHAMADOS VERBOS TRANSITIVOS “BIRRELATIVOS”	136
Francisco Levi Apolinário de Moraes e Raimundo Francisco Gomes	

APRESENTAÇÃO

É com entusiasmo que publicamos a quinta edição da Revista Linguagem em pauta, periódico científico vinculado ao curso de Letras – habilitações em língua inglesa e língua portuguesa – da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Esta publicação aтемática é composta por nove artigos direcionados aos estudos da linguística e da literatura.

A edição conta com a colaboração de professores-pesquisadores – mestres e doutores –, doutorandos, mestrandos, graduandos e graduados de universidades e institutos de diversas regiões do Brasil: Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Instituto Federal de Educação, Cultura e Tecnologia do Ceará (IFCE).

O primeiro artigo desta edição é intitulado “Lírica amorosa em Leonard Cohen: uma análise de *Hey, that’s no way to say goodbye*”, produzido por Leonardo Prudêncio, doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Em seu artigo, o autor analisa como a lírica amorosa ocorre na letra da canção já mencionada, uma vez que a letra sofre forte influência do autor – Leonard Cohen – que é poeta e romancista. O artigo pretende levantar questionamentos e hipóteses acerca da escrita poética da letra de canção como também observar o envolvimento da poesia com a cultura pop e de massa.

O segundo artigo de Francisco Marcos de Oliveira Luz, Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), é intitulado “A metáfora da personificação em manchetes de jornais brasileiros”. Nesse trabalho, o autor analisa manchetes a fim de examinar as metáforas de personificação, identificando os efeitos ideológicos. Constatou-se que essas metáforas propiciam um *status* humano aos enunciados jornalísticos, projetando um ethos de valores axiológicos.

O terceiro artigo é uma análise da relação possível da metarregra de progressão e da recategorização a partir de um artigo de opinião da Olimpíada de Língua Portuguesa “Escrevendo o futuro”, edição de 2016. O trabalho é intitulado “Reflexões sobre o fenômeno da coerência e da recategorização em artigo de opinião à luz da Linguística Textual”, de autoria de Kleiane Bezerra de Sá, doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e Filipe Fontenele Oliveira, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Segundo os autores, as metarregras de coerência são percebidas no decorrer da análise, principalmente, a progressão como também o processo de recategorização do referente “O lugar onde vivo” que o tema do concurso.

O quarto artigo intitulado “A escrita de nós: o conceito de escrevivência na obra ‘Olho D’Água’, de Conceição Evaristo” é de autoria de Francisco Fernandes de Araújo, graduado em Letras Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e de Maria Elisalene Alves dos Santos, doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O trabalho analisa e discute o conceito de escrevivência. Os autores observam a representatividade e a resistência presentes nessa obra que caracterizam a identidade e a aceitação das origens afrodescendentes.

O quinto artigo de Letícia Vital Ferreira, mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), é intitulado de “Desigualdade material e espacial em ‘Os transparentes’, de Ondjaki”. Esse trabalho discute o modo como a desigualdade social aparece refletida nos espaços do romance, destacando os locais destinados à elite e aos trabalhadores por meio da observação de elementos do sistema capitalista na produção literária. A autora identifica as contradições do sistema capitalista na caracterização dos espaços do romance e na dificuldade de acesso a eles pela classe mais baixa.

O sexto artigo investiga o estabelecimento das relações de “poder” e “violência” no conto “Pai contra mãe” de autoria de Vanessa Lara de Souza Santos, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A análise aborda como o “poder” circula entre as personagens – Cândido e Arminda – e como a microfísica da violência se faz presente. Essa violência, conforme a análise do trabalho, é naturalizada pelas instâncias de poder vigentes, destacando a violência física como também a violência simbólica.

O sétimo artigo intitulado “A construção de diversos discursos sobre a positividade tóxica no ‘Tiktok’” de Maria da Conceição Sales de Almeida, graduanda do curso de Letras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), e Francisco Vieira da Silva, doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esse trabalho investiga as condições históricas de emergência de

discursos de positividade tóxica na atualidade bem como descreve sua constituição. A análise possibilita a compreensão de que esses discursos mobilizam estratégias como ironia e sarcasmo e criam formas de resistência ao imperativo da felicidade.

O oitavo artigo de Eliane dos Santos Ramos, mestranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e Larissa Gotti Pissinatti, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) é intitulado “A desconstrução da imagem do homem civilizado através do personagem Joe Caripuna em ‘Mad Maria’, de Márcio Souza”. O trabalho analisa a representação da personagem indígena Joe Caripuna por meio dos fluxos de memória (individual e coletiva) da narrativa que denuncia a violência, a opressão, o genocídio e a exploração contra os nativos da região amazônica.

O nono artigo discute a ocorrência dos verbos “birrelativos”, uma vez que eles não podem selecionar dois objetos indiretos, simultaneamente, por sua natureza inconstante. O trabalho é intitulado “Uma (re)leitura dos chamados verbos transitivos ‘birrelativos’” de autoria de Francisco Levi Apolinário de Moraes, graduado em Letras Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e Raimundo Francisco Gomes, doutor em Letras/Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Agradecemos aos professores que se disponibilizaram em avaliar os artigos com seriedade e diligência. Também agradecemos as contribuições de nossos colaboradores e desejamos que as investigações, aqui elencadas, sirvam como fonte para novas pesquisas, propiciem debates e colaborem com os estudos no escopo da Linguística e da Literatura no Brasil.

Flávia Cristina Candido de Oliveira

LÍRICA AMOROSA EM LEONARD COHEN: UMA ANÁLISE DE “HEY, THAT’S NO WAY TO SAY GOODBYE”

LOVELYRICS BY LEONARD COHEN: NA ANALYSIS OF “HEY, THAT’S NO WAY TO SAY GOODBYE”

Leonardo Prudêncio¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar como a lírica amorosa acontece na letra da canção “Hey, that’s no way to say goodbye” de Leonard Cohen (1999). Ele, além de compositor, foi também autor de livros de poemas e romances, tendo alguns de seus trabalhos literários com tradução no Brasil. Trabalhar com uma letra de seu repertório, nos ajuda a perceber como o recurso lírico ainda exerce influência em poetas modernos. Para isso, os estudos de Adorno (2009), Hamburguer (2007) e Cícero (2017), serão importantes para pensarmos o trabalho do cancionista enquanto poeta. A migração do poeta de livros para a poesia em canções é uma outra questão que será debatida neste trabalho, para isto autores como Antunes (2014) e Moisés (2019) se farão importantes para nossa discussão teórica. Esperamos levantar questionamentos e hipóteses sobre o crescente interesse e debate sobre a escrita poética da letra de canção, como também observar o envolvimento da poesia com a cultura pop e de massa.

Palavras-chave: Canção; Leonard Cohen; Literatura; Poesia.

Abstract this article aims to analyze how the love lyrics occurs in the lyrics of the song “Hey, that’s no way to say goodbye” by Leonard Cohen (1999). He, in addition to being a composer, was also the author of books of poems and novels, with some of his literary works with translation in Brazil. Working with lyrics from his repertoire helps us to understand how the lyrical resource still exerts influence on modern poets. For this, the studies of Adorno (2009), Hamburguer (2007) and Cícero (2017), will be important for us to think about the work of the songwriter as a poet. The migration of the poet from books to poetry in songs is another issue that will be discussed in this work, for this purpose authors such as Antunes (2014) and Moisés (2019) will be we hope to raise questions and hypotheses about the growing interest and debate about the poetic writing of song lyrics, as well as observe the involvement of poetry with pop and mass culture.

Keywords: Song; Leonard Cohen; Literature; Poetry.

Introdução

¹ Mestre em Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), atualmente é Doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7446348162951493>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8389-9048>, E-mail: prudencioleo@hotmail.com

Leonard Cohen, certamente, é mais conhecido do grande público devido a sua produção no território da canção. No Brasil a sua produção literária ainda encontra-se com poucas traduções, temos entre nós algumas coletâneas de seus poemas e a tradução de seu primeiro romance *The favorite game*, publicado pela primeira vez em 1963, que na tradução brasileira ficou *A brincadeira favorita* (2011). Recentemente foi traduzido o último livro escrito por Cohen, *A chama* (2022). Existem também duas coletâneas publicadas pela editora 7 letras: *Atrás das linhas inimigas de meu amor* (2007) e *A mil beijos de profundidade* (2016). Sobre o autor em estudo, Lia Leite Santos (2015, p. 107) complementa:

Leonard Cohen, nascido em Montreal em 1943, inspirado por autores como Garcia Lorca, é compositor, cantor, escritor e poeta canadense. Embora sua notoriedade se deva ao fato de ser mundialmente conhecido por sucessos como *Suzanne* e *Love me until the die of love*, Cohen ingressou na música somente após os 30 anos de idade, quando já era um poeta e escritor consagrado.

Este estudo será feito a partir da lírica amorosa presente na letra da canção “Hey that’s no way to say goodbye” de Leonard Cohen (1999) e observar como essa temática ainda é desenvolvida por um compositor, e poeta, ligado à cultura pop. Para isto, os estudos desenvolvidos por Adorno (2003) e as ideias de Hamburguer (2007), sobre lírica moderna serão importantes para desenvolvermos uma ideia inicial sobre a estética dessa formatação de escrita poética.

O sujeito lírico

A tradição lírica-literária é, por muitas vezes, associada ao comportamento amoroso da voz poética. Outros associam a lírica como o poema melódico que descende de uma longa tradição ligada à oralidade, que para muitos é a base de toda a literatura. Sobre o lirismo podemos enfatizar a fala de Theodor W. Adorno ao comentar que ela é individual e carregada de humanidade. O poeta extrai de si, dessa voz individual que há nele, aquilo que é universal e comum a todos (ADORNO, 2003, p. 66):

Pois o teor [*Gehalt*] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal. Não que aquilo que o poema lírico exprime tenha de ser imediatamente aquilo que todos vivenciam. Sua

universalidade não é uma *volonte de tours*, não é a da mera comunicação daquilo que os outros simplesmente são capazes de comunicar. Ao contrário, o mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido, anunciando desse modo, por antecipação, algo de um estado em que nenhum universal ruim, ou seja, no fundo algo particular, acorrente o outro, o universal humano. A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individualização, o universal.

É importante dizer que o lírico não será, necessariamente, uma poética combativa de crítica social. O teor social é uma de suas ramificações, não é a única. O comportamento do poeta lírico não é meramente temático, mas estético. Sendo assim uma escrita de linguagem e que se sustenta por ela e com ela, como lembra, novamente, Adorno (2003, p. 74):

As mais altas composições líricas são, por isso, aquelas nas quais o sujeito, sem qualquer resíduo da mera matéria, soa na linguagem, até que a própria linguagem ganha voz. (...) assim a linguagem estabelece a mediação entre lírica e sociedade no que há de mais intrínseco. Por isso, a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a uma sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir.

A arte lírica se estabelece por via de linguagem. Esse fazer poético tem ganhado mais força de atuação por via de autores contemporâneos pós-Baudelaire que, segundo Michael Hamburger (2007), foi o primeiro a fazer este tipo de registro literário. É uma fala que rompe a barreira do ser no campo poético da linguagem.

É importante acentuar, também, que a experiência lírica envolve a performance de seus textos. O poeta não apenas escreve poemas para serem impressos em livros e entregues a leitura silenciosa e solitária por parte de seus leitores, vocalizar o poema é uma das atitudes líricas que permeiam este trabalho de linguagem, pois eles trabalham no limite desterritorial da poesia, que vai para além do território do papel impresso.

A poética contemporânea é feita a partir das experiências desses escritores com outros suportes que não sejam apenas livros, eles buscam outros aportes tecnológicos como o cinema, a música e outras alternativas para além do que é impresso no papel. A poesia lírica também ganha outros ares, indo se encontrar nas letras de canções pop.

A lírica amorosa de Leonard Cohen: Letra e canção

Não é de se estranhar que a poesia dialogue com a música, pois isso já era recorrente desde tempos remotos quando ela era tratada como mimese na era grega clássica, em que o fazer poético envolve fazer canções. Em sua *Poética*, o filósofo Aristóteles (2015, p. 39-41) diz:

De fato, assim como muitos mimetizam muitas coisas, apresentando-as em imagens por meio de cores e esquemas (em função da arte ou do hábito); outros o fazem por meio do som, tal como nas artes aqui mencionadas: todas elas efetuam a mimese por meio do ritmo, da linguagem e da melodia, quer separadamente ou em combinações.

Como podemos perceber, o poeta utilizava-se do território sonoro como um dos pormenores de criação literária. Essa tradição oral é percebida nos poetas da longa tradição grega, como Safo, Homero, Horácio e tantos outros que se utilizavam da vocalização como atributo de uma persona poética. Antonio Cicero (2017, p. 45) comenta essa questão da poesia oral grega:

A poesia foi um gênero artístico oral na Grécia muito antes da adoção da escrita. O poema – que os gregos chamavam *epos* (plural: *êpea* ou *epe*) – era o discurso que se reiterava, isto é que se conservava ou guardava, em oposição a *mythos*, que era o discurso que não se reiterava. Ora, entre os *êpea* contavam-se os vocábulos, os provérbios, as canções, as profecias e os oráculos. Quando se introduziu a escrita na Grécia, ela foi usada, em primeiro lugar, para registrar os poemas de Homero. Assim, manteve-se a tradição de que os discursos que mereciam ser conservados deviam ser escritos em versos, mesmo que não fossem poemas, mas tratados de medicina – como os hipocráticos – ou de filosofia – como o de Empédocles.

Podemos estabelecer que os trovadores medievais utilizavam do trabalho melódico. Nas cantigas entoadas em praças públicas havia espaço para o *epos* em forma de crítica social, deboche, sarcasmo ou até mesmo fofoca. A intenção deles e de qualquer outro artesão da linguagem poética era obstruir o tédio dos dias insalubres cortando-o com alaúdes, pandeiros e cantigas.

O crítico Antonio Cicero comenta que a apreciação mais completa que alguém faz de um poema escrito é quando ele é lido com voz própria, ou seja, em voz alta, entoado, fazendo com que a voz do poema se una com a voz de quem o lê, pois “ao ler um poema dessa maneira, o tornamos nosso: fazendo nossas as suas palavras, no sentido de que pensamos com elas e em torno delas, como se fossem nossas” (2017, p. 55 e 56).

O papel da canção como um dos veículos disseminadores de poesia é uma discussão acalorada na era contemporânea, e vem ganhando este destaque desde os

anos 1950, mas, especificamente, quando em 2016 foi outorgado o Nobel de Literatura ao poeta/compositor Bob Dylan, que embora tenha publicado alguns livros², a sua carreira é mais associada ao seu trabalho enquanto letrista. Ao receber esta honraria levantou-se novamente uma acalorada discussão sobre Letra e Poema.

É de conhecimento que a literatura, de modo geral, começa na oralidade e a poesia talvez seja a prática literária que esteja mais ligada à oralidade. Aristóteles (2015) nos lembra que a mimese parte do ritmo, do som e da melodia, quer seja de forma separada ou una. A transição da leitura de poesia vocalizada para a leitura silenciosa de um livro tem seu ponto de partida na idade média, sobre essa transição Moisés (2019, p. 79) comenta:

Ao longo dos séculos, da Antiguidade à Alta Idade Média, a poesia destinou-se quase exclusivamente a ser ouvida. Poesia impressa, quando tal artefato começa a circular, graças a Gutenberg, é sucedâneo da forma falada ou cantada, mas – e eis aí a primeira diferença – nos limites da nova modalidade de percepção, pelos olhos e não pelos ouvidos, um tempo considerável passa a transcorrer entre o ato da produção do poema e o seu consumo pelo ouvinte, agora leitor. Ler poesia, como o fazemos desde a invenção da imprensa, ou até antes, é um hábito tardio, fruto de um estágio avançado de civilização. Em nosso universo de língua portuguesa, por exemplo, a extensa produção de cantigas trovadorescas, dos séculos XII-XIV, foi consumida por um sem-número de ouvintes, nas cortes ou nas ruas, de geração em geração, extasiados diante da presença real do trovador, do jogral ou do menestrel.

No mesmo texto, Moisés (2019) fala sobre o que se perde e ganha com o passar da poesia entoada por trovadores, trabalhada de forma cancionista, para a leitura silenciosa que o livro trouxe. Perde-se, a performance do artista e o leitor deverá buscar naquela superfície silenciosa da página o ritmo e a sonoridade que o poema poderia ter caso ganhasse a performance do artista-trovador. Ainda sobre a fala de Moisés (2019, p. 80-81), podemos incluir que:

Poesia sempre foi e continua a ser, também, massa sonora, qualidade acústica, e não há evidências de que esse atributo tenha deixado de existir, quando a escrita passou a prevalecer. A forma escrita não circunscreve a poesia ao olho e à materialidade da folha em branco, apenas serve-se dos sinais gráficos, não sem profundas repercussões, claro está, como representação circunstancial da totalidade dos seus estratos, incluindo o sonoro.

² Sobre os livros de Bob Dylan: *Tarântula*, uma prosa poética cuja primeira edição data de 1971, e o livro de memórias *Crônicas – vol. 1*, primeira edição de 2004 e embora o subtítulo dê a entender que mais volumes viriam à tona o livro não passou do primeiro volume, ao menos até o momento da escrita deste artigo.

Em alguns casos, a letra de uma canção pode carregar elementos de literariedade. É importante comentar que consideramos a feitura de um *poema* diferente da composição de uma *letra*. Embora ambas carreguem o elemento da palavra, da busca sonora entremeando verso a verso e de uma linguagem que identifique seu autor, reconhecemos que ambas são feitas com propósitos diferentes, mesmo que trabalhem com o mesmo recurso, que é, a palavra trabalhada no grau de poesia.

Como podemos observar, ao longo dessa discussão, sempre houve um diálogo entre canção e poema, porém em determinado momento houve uma ruptura entre eles durante o período do Renascimento. O crítico Moisés (2019) pontua que essa reaproximação, entre canção e poema, teve seu início a partir dos poetas simbolistas, nesse caso a poesia foi de encontro com a música. Em meados do século XX ocorre o contrário é a música que vai de encontro à poesia através de artistas como Bob Dylan, Violeta Parra, Victor Jara e outros. A poesia de nosso tempo é outra, mas continua em diálogo com a antiguidade ao levar o campo textual para outros suportes, como a canção.

É certo que são atividades diferentes, escrever uma *Letra* é um processo que se difere do processo que é compor poemas que recebam apenas a materialidade da página de livros e que ganham corpo quando se encontram na voz do leitor. Arnaldo Antunes (2014 p. 72), também conhecido por seu trabalho como letrista e autor de livros de poesia, comenta que:

Uma canção não é uma letra entoada. Uma canção não é uma melodia que diz. Uma canção é algo que ocorre entre verbo e som, sem privilegiar nenhum deles (...) a canção não é um código composto pela junção de dois códigos primários, pois sua origem conjunta é anterior a essa divisão.

Note que para o poeta Antunes a canção é um híbrido com vida própria e que deve ser avaliado como tal. O verso declamado/cantado é um dos recursos utilizados por trovadores modernos como o canadense Leonard Cohen que desde os anos 1950 já era reconhecido como poeta e romancista. Tendo, inclusive, ganhado prêmios por conta desse trabalho mais encaminhado à publicação de livros.

Leonard Cohen era bastante jovem quando veio a lume o seu primeiro livro, ainda sem tradução no mercado editorial brasileiro, chamado *Let us compare Mythologies*, publicado pela primeira vez em 1956, contendo 44 poemas escritos entre os seus 15 e

20 anos. Sylvie Simmons (2017, p. 55), uma de suas principais biógrafas, relata que já na estreia Cohen demonstra maturidade e domínio da técnica poética:

Os poemas têm uma noção de atemporalidade ou de um tempo em múltiplas camadas. Erros antigos são justapostos a atrocidades modernas e à linguagem arcaica (refinada, bíblica, romântica) se mistura a ironia contemporânea. Leonard emprega tanto a forma poética tradicional quanto a prosa poética. Como um trovador do século XX ou um romântico do século XIX, ele destaca as próprias experiências e sentimentos – geralmente de fracasso e desespero.

Note que desde o seu primeiro livro já havia uma ligação entre o autor e a tradição trovadoresca das canções. A sua guinada para o poema-canção ocorreu com a gravação de duas composições suas no disco *In My life* de Juddy Collins em novembro de 1966, sendo elas “Suzanne” e “Dress rehearsal rag”. O sucesso comercial de “Suzanne” na voz de Collins rendeu ao poeta um convite para gravar um álbum solo. O convite resultou na gravação do disco *Songs of Leonard Cohen* de 1967. Sobre ele Sylvie Simmons (2017, p. 178) relata:

Songs of Leonard Cohen foi enviado para as lojas em 26 de dezembro de 1967, no inverno do Verão do Amor. Leonard tinha 33 anos na época, um antediluviano pelos padrões dos anos 1960. Ele tentou disfarçar a idade na fotografia da capa do álbum, um *close* tirado de uma cabine de fotos de uma estação de metrô nova-iorquina. Em tom sépia e com margem preta funérea, a imagem mostra um homem solene de paletó escuro e camisa branca, inegavelmente adulto. Poderia muito bem ser a foto de um poeta espanhol morto. (...) a contracapa foi ocupada pelo desenho colorido de uma mulher em chamas, imagem de uma santa mexicana que Leonard encontrou na loja onde comprava velas e feitiços. Era bem diferente de qualquer outra capa de álbum da época.

Foi então que Cohen atraiu mais admiradores, ele vinha exercendo uma elogiosa carreira literária que foi aos poucos migrando para a música pop. Até hoje o poeta é lembrado, tanto por seu trabalho literário em livros quanto por sua contribuição literária em letras. É desse disco, de estreia, que retiramos a peça poética de nossa análise comparativa, trata-se da segunda faixa do lado B intitulada “Hey, that’s no way to say goodbye” que na tradução conjunta de Margarida Vale de Gato e Manuel Alberto ficou assim (COHEN, 1999, p. 207-209):

Ouve, isso não é maneira de se despedir

Amei-te pela madrugada
Os nossos beijos fundos e quentes
O teu cabelo na almofada

Como uma tempestade de sono dourada
 Sim, muitos amaram antes de nós
 Sei que não somos novidade
 Nos bosques e na cidade
 Já sorriram como nós
 Mas agora é altura de partir
 E ambos temos de tentar
 Os teus olhos marejados de mágoa
Ouve, isso não é maneira de se despedir

Não procuro mais ninguém
 Ao vaguear nas horas vagas
 Acompanha-me até à esquina
 Os nossos passos hão-de rimar sempre
 Sabes que o meu amor parte contigo
 Assim como o teu amor fica comigo
 É só que tudo tem de mudar
 Como as ondas e a preia-mar
 Mas não vamos falar de amor ou correntes
 Coisas que não conseguimos impedir
 Os teus olhos marejados de mágoa
Ouve, isso não é maneira de se despedir

Amei-te pela madrugada
 Os nossos beijos fundos e quentes
 O teu cabelo na almofada
 Como uma tempestade de sono dourada
 Sim, muitos amaram antes de nós
 Sei que não somos novidade
 Nos bosques e na cidade
 Já sorriram como nós
 Mas agora é altura de partir
 E ambos temos de tentar
 Os teus olhos marejados de mágoa
Ouve, isso não é maneira de se despedir

Em uma leitura de superfície podemos perceber que se trata de um poema sobre a despedida de um casal. O tema trabalhado nessa canção não é inovador, porém a forma como ele é poetizado é que torna a letrística de Cohen relevante. A capacidade do poeta em emitir imagens dessa despedida garante ao leitor não apenas uma visualização da cena, mas uma representação do real por palavras. A poesia possui essa capacidade de não apenas nos emocionar, mas também a de observar a vida a partir de outros ângulos, lembrando o dizer de Moisés (2019, p. 18):

A poesia, a bem dizer, não ensina a ver nada; ou então, o que daria no mesmo, ensina a ver tudo. O que a poesia ensina é apenas um modo de ver. A coisa vista, ou por ver, ficará a cargo de quem lê. Digamos que a ensinância poética está mais interessada no processo da aprendizagem do que na ampla variedade de seus resultados.

O poema cantado por Cohen nos dá aprendizagens sobre a despedida amorosa. A voz lírica é de quem observa o feito depois de ocorrida à despedida que ambos sentem que não terá volta e que cada um carregará em si próprio o amor que um despejou no outro e essa troca nos lembra do amor cortês que os trovadores medievais executavam em suas cantigas, é influência é percebida quando lemos o comentário do crítico M. Rodrigues Lapa (1981, p. 144) quando diz que é característica das canções provençais quanto ao uso da “descrição primaveril, tema consagrado na retórica médio-latina sob o nome de *descriptio terrae vernantis*, e a descrição das qualidades da dona, também motivo estilístico da poesia latino-medieval”.

Quando voltamos a atenção para os poemas de seus livros, como os de *Let us compare mythologies* (COHEN, 2007), percebemos uma forte aproximação com a proposta lírica de autores como Garcia Lorca, mencionado pelo poeta no seu “Discurso na entrega do Prêmio Príncipe das Astúrias” (COHEN, 2022), que foi na leitura de poemas de Lorca que Cohen foi conseguindo encontrar a sua própria voz. O poeta Lorca é um dos modernos líricos que aparecem com frequência nos escritos do canadense Cohen, “Não se trata, entretanto, de sofrer com a angústia da influência, segundo a formulação de Harold Bloom, mas sim de, seguindo a tradição judaica, responder a um chamado”, afirma Souza (2022).

Quando colocamos o poema-canção na vitrola para ouvir a interpretação de Cohen nos deparamos com uma execução minimalista, representada aqui por violão e percussão, ao fundo ouvimos um coral que acompanha boa parte da execução da música nos remetendo a algo angelical, como se o poeta nos dissesse que o amor é uma graça divina. O tema e a ligação de Cohen com o sagrado é algo que é repassado por quase toda a sua obra. Mas esse poema não verseja apenas sobre despedida, há outras camadas que poderíamos explorar mais a fundo, como as imagens eróticas que Cohen (1999, p. 207) entrelaça ao longo da letra, o seu início é imagético-erótico:

Amei-te pela madrugada
Os nossos beijos fundos e quentes
O teu cabelo na almofada
Como uma tempestade de sono dourada

O teor erótico, e ao mesmo tempo, provocador é uma das marcas da poética que ele construiu em sua obra. Em seu álbum de estreia já temos uma

apresentação temática do que ele irá desenvolver nos discos posteriores de sua carreira. O recurso imagético é um dado importante tanto para o poeta quanto para o leitor/ouvinte, pois é um dos recursos que assegura a poeticidade do texto. Aristóteles (2015) já defendia o uso da imagem como um recurso de composição mimética.

O título do poema-canção é uma frase que fica sendo repetida ao final de cada estrofe, que nos propõe que o poeta estava treinando formas de transcrever uma despedida. Podemos notar que as estrofes reproduzem ensaios de uma despedida e não satisfeito com o que escrevia no poema, Cohen repete seu mantra: “ouve, isso não é maneira de se despedir.” Que soa também como um conselho, um pedido de desculpas, pelo adeus e pela maneira abrupta da separação. Há também a possibilidade dele estar nos mostrando como ocorreu a separação dele com a musa e no estribilho nos confessasse que aquela forma de despedida, naquelas circunstâncias não eram corretas. Esse leque de possibilidades interpretativas sobre um único poema lembra Paul Valéry (2018, p. 34):

Divergências podem manifestar-se entre as interpretações poéticas de um poema, entre as impressões e as significações, ou melhor, entre as ressonâncias provocadas, numa e noutra pessoa, a ação da obra. Eis porém que essa observação banal precisa assumir, com a reflexão, uma importância de primeira grandeza: essa diversidade possível de efeitos legítimos de uma obra é a marca mesma do intelecto. Ela corresponde, aliás, a pluralidade das vias que se oferecem ao autor durante seu trabalho de produção. É que todo ato do intelecto é sempre como que acompanhado por certa atmosfera de indeterminação mais ou menos sensível.

Era costume dos trovadores medievais contarem casos amorosos em suas cantigas. Embora alguns desses casos existam no campo da imaginação, não deixa de ser interessante notar o tratamento que o tema recebia por parte dos poetas. Segundo Rodrigues Lapa (1981) o amor cortês envolve revela nas cantigas o nome da pessoa amada, essa característica da poesia medieval é vista na canção aqui analisada. Note que Leonard Cohen está, cronologicamente, séculos à frente, mas a confecção do tema abordado em seu trabalho poético se dá por outra forma, pois o trabalho de linguagem é o que diferencia um poema do outro. A poesia não envelhece os temas, ela os renova, e Cohen consegue remodelar temas universais através de um trabalho de manejo de linguagem que o aproxima esteticamente do fazer poético na contemporaneidade.

Cohen utiliza sua lírica não apenas para cantar amores, ele a usa também como uma oração. Sabe-se, a partir de sua biografia (SIMMONS 2017), que ele foi criado como judeu, embora ao longo de sua vida tenha trilhado por outros ensinamentos sagrados, como o budismo. A sua poética toca em temas amorosos, sociais e sagrados. Segundo Otávio Paz (1982, p. 55):

As palavras do poeta são também as palavras de sua comunidade. Do contrário não veriam palavras. Toda palavra implica dois elementos: o que fala e o que ouve. O universo verbal do poema não é feito dos vocábulos do dicionário, mas dos vocábulos da comunidade. O poeta não é um homem rico em palavras mortas, mas vozes vivas.

Escrever com a voz de sua comunidade implica utilizar de linguagem, ritmo e imagens que consigam dialogar diretamente com o leitor/ouvinte. A poética de Cohen consegue transmitir os anseios de quem ama, assim como os anseios de quem passa por algum problema social e, por fim, consegue compor poemas que lembram orações, ou melhor: cânticos amorosos. Se Deus é amor, cantar o amor é fazer Deus presentifica-se naquele que cantam e, porque não, também nos que vocalizam poemas amorosos.

Considerações finais

A lírica de Leonard Cohen, não está presa apenas a poemas impressos em livros. A sua escritura perpassa outros suportes artísticos que rompem com a tradição de que o poeta deve ser exclusivamente aquele que publica livros. Ao se deslocar para o campo da canção, ele consegue ampliar não apenas o seu alcance de público, como também há nesse movimento uma chance de abranger mais o seu discurso lírico, antes restrito a livros e alguns leitores.

Ao invés de apenas ler os poemas, o público pode dar voz/corpo ao texto de Cohen quando cantam suas palavras, seja na solidão de um fone de ouvido, ou na multidão de uma apresentação pública. O artista contemporâneo é esse subversivo dos suportes, que rompe os limites impostos pela tradição de que cada coisa deve ocupar apenas um único espaço. Leonard Cohen leva a sua poesia lírica à canção pop como faziam os trovadores ibéricos, isso atualiza o campo das artes tornando todos os suportes acessíveis à produção artística.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.
- ANTUNES, Arnaldo. **40 Escritos**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- CICERO, Antonio. **A poesia e a crítica: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- COHEN, Leonard. **Poemas e canções – Volume 1**. Lisboa: Relógio d’água editores, 1999.
- COHEN, Leonard. **A brincadeira favorita**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- COHEN, Leonardo. **Let us compare mythologies – 50th anniversary facsimile edition**. New Yoork: Haper Collins, 2007.
- COHEN, Leonard. **Atrás das linhas inimigas de meu amor**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.
- COHEN, Leonard. **A mil beijos de profundidade**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.
- COHEN, Leonard. **A chama**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- HAMBURGER, Michael. **A verdade da poesia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- LAPA, M. Rodrigues. **Lições de Literatura Portuguesa - época medieval**. 10. ed. Coimbra: Coimbra editora limitada, 1981.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- PAZ, Otávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.
- SANTOS, Lia Leite. A escrita feminina de Leonard Cohen em A brincadeira favorita. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 5, v. 5, ago./dez. 2015.
- SOUZA, Gustavo Ramos de. Responder ao poema: Leonard Cohen encontra Frederico Garcia Lorca. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, n. 1, p. 1 - 21, 2022.
- SYLVIE, Simmons. **I’m your man – a vida de Leonard Cohen**. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.
- VALÉRY, Paul. **Lições de poética**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

Submetido em 08 de setembro de 2023.

Aceito em 19 de outubro de 2023.

A METÁFORA DA PERSONIFICAÇÃO EM MANCHETES DE JORNAIS BRASILEIROS

THE PERSONIFICATION METAPHOR IN BRAZILIAN NEWSPAPERS HEADLINES

Francisco Marcos de Oliveira Luz¹

Resumo: Manchetes de jornais são gêneros textuais de rápida circulação que condensam conteúdos capazes de influenciar os mais diversos auditórios. No presente caso, as manchetes que circulam notícias econômicas, a metáfora da personificação tem sido um fenômeno recorrente. Essa metáfora se caracteriza por ser um alto efeito ideológico latente, o que contribui para um certo desvio de um olhar crítico em relação a esse fenômeno. Nesse sentido, este artigo objetiva analisar manchetes de jornais de veículos da imprensa brasileira com o fito de examinar as metáforas de personificação, identificando os efeitos ideológicos latentes por meio dessas construções metafóricas. Metodologicamente, esse trabalho analisou 6 manchetes de jornais brasileiros, extraídas por meio da ferramenta de buscas do *Google* e que abrangem o período de 2017, momento em que o país estava sob o governo Temer e havia discussões acerca dos papéis do Estado e do mercado na política econômica nacional. Os enunciados foram selecionados após busca pela palavra-chave “mercado”, o que resultou em um determinado número de ocorrências oriundas de diferentes veículos da imprensa escrita brasileira. Como referencial teórico, o estudo se apoiou em Cacciari (1998), Goatly (2007), Gibbs (1994), Lakoff e Johnson (1980), Charteris-Black (2004) entre outros. Na argumentação teórica, partiu-se do pressuposto de que a metáfora da personificação contribuiu para a construção de um sentido cuja ideologia é latente em relação a uma leitura mais aprofundada. A análise permitiu constatar que antropomorfizações, por meio do uso de metáforas de personificação, proporciona *status* humano aos enunciados jornalísticos projetando um ethos de valores axiológicos aparentemente incontestáveis devido à ideologia que é veiculada de forma imperceptível.

Palavras-chave: Metáfora da personificação; Ideologia; Manchetes de jornais.

Abstract: Newspaper headlines are fast-circulating textual genres that condense content capable of influencing the most diverse audiences. In the present case, in the headlines that circulate economic news, the metaphor of personification has been a recurring phenomenon. This metaphor is characterized by a high effect of latent ideology, which contributes to a certain deviation from a critical view in relation to these statements. In this sense, this article aims to analyze newspaper headlines from Brazilian press outlets with the aim of examining personification metaphors, identifying the latent ideological effects through these metaphorical constructions. Methodologically, this work analyzed 6 headlines from Brazilian newspapers, extracted using the Google search tool and covering

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7009207338987595>, Orcid: <https://orcid.org/000-001-6427-6637>, E-mail: marcosluz@uern.br

the period of 2017, a time when the country was under the Temer government and there were discussions about the roles of the State and the market in national economic policy. The headlines were selected after searching for the keyword “market”, which resulted in a certain number of headlines coming from different vehicles in the Brazilian written press. As a theoretical reference, the study was based on Cacciari (1998), Goatly (2007), Gibbs (1994), Lakoff and Johnson (1980), Charteris-Black (2004) among others. In the theoretical argument, we started from the assumption that the metaphor of personification contributed to the construction of a meaning whose ideology is latent in relation to a more in-depth reading. The analysis revealed that Anthropomorphizations, through the use of personification metaphors, provide human status to journalistic statements, projecting an ethos of axiological values that are apparently indisputable due to the ideology that is conveyed in an imperceptible way.

Key-words: Personification Metaphor; Ideology; Newspaper headlines.

Introdução

Após décadas de Ditadura Militar, em que o Brasil viveu um pesadelo orwelliano², a história se repetiu em 2016: o país sofreu mais um golpe de Estado, perpetrado, dessa vez, por alguns agentes do poder legislativo em conluio com o então presidente da República. Como resultado, o Estado e a democracia brasileiros ficaram relegados a um segundo plano por razões que apontam para um suposto fisiologismo político. Assim, decidiram dar a democracia um papel de figurante, dando protagonismo a grupos que advogam preceitos neoliberais e financistas.

Em meio às inúmeras discussões políticas, uma passa, muitas vezes, despercebida: a discussão sobre o papel maior ou menor do Estado ou mercado na vida em sociedade. Aqueles que tecem críticas ao tamanho da presença do Estado na vida das pessoas, por exemplo, são os mesmos que concebem o mercado como um agente moral legítimo. Isso pode ser observado através de escolhas lexicais que ocorrem em meio às práticas discursivas.

O termo mercado surge de maneira tão natural e acrítica nas manchetes da mídia brasileira que muitos não conseguem perceber o papel que esse vocábulo pode desempenhar quando enunciado em gêneros jornalísticos de circulação nacionalmente abrangente. É muito comum se deparar com manchetes cujo enunciado se compõe desta maneira: “O mercado amanheceu nervoso hoje”. Aqui, fica subentendido que o mercado

² O termo Orwelliano faz referência ao romance distópico 1984, escrito por George Orwell, no qual o autor faz uma crítica a um estado totalitário, em que há a supressão da individualidade e vigilância governamental constante (nota do autor).

é retratado como uma pessoa cujo estado emocional é afetado e, de certa forma, vitimado por circunstâncias, geralmente históricas, causadas por supostas ações ou interferências estatais. Essa interpretação é possível sob uma ótica na qual o mercado é concebido como uma pessoa, e é motivada por um processo denominado personificação, figura de linguagem que, segundo Goatly (2007), pode revelar aspectos de ideologia latente.

A metáfora da personificação foi estudada por Silva (2011), que tencionou observar o efeito semântico-discursivo da personificação em propagandas de *outdoors*. Herrera-Soler (2006) se debruçou sobre as realizações metafóricas em discursos que tratam da globalização usando, como *corpus*, manchetes de jornais britânicos e espanhóis. Ezeifeke (2013) destaca o uso de metáforas sutis, as quais podem ser utilizadas pela mídia para esconder a parcialidade no que se refere às questões relacionadas às lutas de classes, em que grupos com menos poder econômico recebem tratamentos discrepantes nas coberturas dos fatos sociais.

Este artigo objetiva analisar manchetes de jornais de alguns veículos da imprensa brasileira com o fito de examinar as metáforas de personificação, identificando os efeitos ideológicos latentes por meio dessas construções metafóricas.

A relevância desse estudo das manchetes de jornais com elementos metafóricos se dá pelo fato desse gênero ser como um espelho que reflete os eventos tópicos da sociedade que, ao mesmo tempo, ajuda a moldar a visão de mundo de leitores em potencial. Essa análise pode ajudar a desvendar os mecanismos pelos quais as palavras moldam percepções, criam empatia e influenciam a forma como compreendemos o mundo ao nosso redor.

A metáfora e sua ubiquidade

A metáfora está presente de forma ubíqua nas experiências humanas. Ao pensarmos, lermos e escrevermos, deparamo-nos, de modo consciente e inconsciente, com a linguagem metafórica. Por meio de expressões linguísticas como metáforas, metonímias, ironias e oxímoros, a linguagem figurada tem guiado o pensamento humano nas mais diversas situações. Segundo Gibbs (1994, p. 01), “a linguagem figurada não é

mero desvio ou ornamento, mas é [um fenômeno] ubíquo no discurso do cotidiano”. O autor estadunidense faz referência à visão tradicional sobre a metáfora, que a concebe apenas como um recurso estilístico limitado por contingências do momento da produção linguística.

Cacciari (1998, p. 120) destaca três argumentos que justificam o fato de falarmos metaforicamente:

- As metáforas são usadas para conceptualizar e tornar expressáveis partes relevantes de nossa vida interior e atividades cognitivas diárias;
- Metáforas realizam tais atividades através de: (a) criando entidades conceituais que estendem categorias pré-existentes e (b) usando as propriedades expressivas de objetos e eventos como uma base perceptual;
- Metáforas representam uma forma de lidar com a inabilidade relativa de linguagem que necessita explicação, ou expressa diretamente, a complexidade de nossa experiência perceptual.

A metáfora desempenha um papel essencial no discurso cotidiano e pode moldar o pensamento, e tem sido objeto de estudo da Linguística Cognitiva, a qual dá um tratamento de destaque a esse fenômeno Linguístico. Assim, quando alguém opta por expressões metafóricas (provérbios, expressões idiomáticas etc.) para expressar determinados sentidos, não significa dizer que essa escolha seja reflexo apenas de preferências idiossincráticas. O uso metafórico é requerido quando da inexpressividade de alguns sentidos da linguagem literal, que frequentemente não consegue expressar algumas necessidades comunicativas. Dessa forma, conceitos abstratos como “Deus”, por exemplo, são expressos de forma figurada (“Deus é amor”); conceitos abstratos para explicar experiências sensorio-perceptuais são descritos de forma metafórica como em “Eu não escrevo partituras, mas *ideias sonoras*” (CACCIARI, 1998, p. 121). Esse uso ilustra, parcialmente, o grau de ubiquidade da linguagem figurada nas experiências humanas e a importância dela nesse processo.

A metáfora da personificação

Uma das metáforas mais salientes e de fácil identificação é a da *personificação*. Essa metáfora é categorizada por Lakoff e Johnson (1980) como ontológica e é usada

para falar de objetos físicos em termos de pessoas. Por meio dela, é possível entendermos um grande número de experiências de entidades não-humanas como se tivessem motivações humanas. Sendo assim, podemos dizer: (1) “*minha religião me diz para não comer carne de porco*” ou “(2) *O candidato preferido do mercado*”. Nesses enunciados, é possível observarmos, nos trechos em itálico, exemplos de personificação dos termos mercado e religião. O verbo “dizer”, em (1), dá qualidades de ser vivo à “religião”. Em (2), o termo mercado é personificado metaforicamente por meio da expressão “preferido”, que atribui qualidades prototipicamente humanas à entidade Estado.

A personificação não representa uma única ideia. A cada personificação, há aspectos que qualificam o tipo de pessoal que surge da metáfora em questão. Lakoff e Johnson (1980, p. 33) citam os seguintes exemplos:

- “A inflação tem atacado as bases de nossa economia.
- Nosso maior inimigo no momento é a inflação.
- A inflação roubou minha poupança.”

Nos exemplos anteriores, não há apenas a personificação de inflação. Há algumas possíveis inferências: a inflação passa a ser conceptualizada como uma inimiga. As escolhas lexicais que induzem à conceptualização de inflação como um inimigo ajudam a argumentação de uma instituição, como no caso de um hipotético governo, a ganhar adesões em relação aos discursos com propostas de combate à inflação, mesmo que, para isso, faça uso de medidas impopulares.

A metáfora da personificação proporciona coerência ao discurso de quem a emite e, portanto, pode contribuir para a persuasão do receptor em relação a determinadas proposições. A coerência se dá pelo fato de a instituição personificada, como a inflação, ser conceptualizada como uma inimiga, que faz parte do imaginário popular e de histórias que ajudam a compreender a realidade.

Metáfora e ideologia

Estudar metáforas é importante, segundo Charteris-Black (2004, p. 8), porque seu uso pressupõe “a construção de representações através de, por exemplo,

personificação e pela linguagem que emerge de conceptualizações subjacentes às quais conectam diferentes domínios de atividade humana”. Um exemplo disso é a forma como o termo mercado é descrito no discurso midiático, geralmente, personificado como um agente ativo e influenciador na economia e na política. No exemplo “O mercado aguarda ansioso a votação da reforma da previdência”, há uma clara personificação, em que o mercado é conceptualizado como alguém que aguarda o desfecho de uma situação.

Goatly (2007) ressalta que a linguagem literal e a metáfora convencional – esta última frequentemente se torna clichê – se caracterizam por apresentarem uma ideologia latente. Mesmo assim, aspectos ideológicos de determinados enunciados, quando a metáfora de personificação for convencional, são menos detectáveis, o que contribui para que certos discursos sejam naturalizados, resultando na manutenção de um *status quo* de certa classe dominante, a qual detêm os meios de produção, o que se reflete em poder econômico capaz de ter influência nos meios de comunicação, através de anúncios em grandes jornais de circulação no Brasil. Dessa forma, o tratamento linguístico que se dá ao termo mercado tem a tendência a ser positivo, por parte dos redatores de notícias jornalísticas. O autor destaca a expressão “eu não compro essa ideia”, em língua inglesa e em língua portuguesa, como um exemplo de que a língua, por meio de metáforas convencionais, pode refletir uma ideologia já estabelecida (latente). Nesse caso, o verbo “comprar”, que tem origem nas reações comerciais e capitalistas, indica a ideia de que o pensamento é uma mercadoria e, portanto, pode ser comprado, o que demonstra a hegemonia de escolhas lexicais oriundas das relações mercadológicas.

A escolha do termo “mercado” personificado pode ter implicações ideológicas, uma vez que tal uso pode esconder os verdadeiros agentes de determinadas ações políticas, sociais e econômicas que podem influenciar nas mudanças concretas nas vidas de muitos sujeitos.

A metáfora desempenha uma função importante na comunicação humana. Conforme Gibbs (1994), existem três funções que justificam o uso de metáforas. A “hipótese da inexpressividade”, primeiramente, é a responsável por expressar ideias que a linguagem literal teria extrema dificuldade de reproduzir. O autor estadunidense a ilustra com o seguinte exemplo: “*It slipped my mind [...]*” (Ibidem, p. 124) (escapou-me da memória, em português), que dificilmente seria enunciado de forma literal. A “hipótese

da compacidade”, por sua vez, proporciona uma forma compacta de expressão de significados complexos, como nos casos da linguagem poética. Em “Meu amor é como um buquê de flores desabrochando” (Ibidem, p. 125), expressa-se uma rede de ideias complexas sobre o amor. Por fim, a “hipótese da vivacidade” proporciona “capturar a vivacidade de nossa experiência fenomenológica” (Ibidem, p.125). O uso da linguagem metafórica empresta à experiência subjetiva a possibilidade de evocar imagens mentais por intermédio de escolhas lexicais figuradas. A linguagem poética, como no exemplo do verso anterior, proporciona vivacidade à linguagem verbal, por meio de um mapeamento complexo, fruto do uso figurado da linguagem comum.

Assim, expressividade, compacidade e vivacidade desempenham funções importantes na comunicação humana, especialmente em estudos na área da Psicologia, nos quais sujeitos falam sobre suas experiências emocionais.

A Análise Crítica da Metáfora

A Análise Crítica da Metáfora, desenvolvida por Charteris-Black (2004), visa a abordar a metáfora sob um ponto de vista crítico, relacionando os pressupostos teóricos da semântica cognitiva aos da pragmática, conjuntamente com os estudos sobre a ideologia. O autor destaca a necessidade de averiguar as diferenças entre as intenções de quem produz enunciados metafóricos e as intenções dos que os interpretam. Charteris-Black (2004, p. 7) argumenta que “a metáfora é uma figura de linguagem que é tipicamente usada na persuasão porque ela representa uma forma inovadora de se ver o mundo e oferece uma percepção atualizada [a respeito das experiências de mundo]”. A Análise Crítica da Metáfora se propõe a evidenciar “as ideologias subjacentes, atitudes e crenças” (Ibidem, p. 42), o que pode proporcionar uma melhor compreensão da relação linguagem-pensamento-sociedade.

Charteris-Black (2004) defende que a metáfora deve ser observada sob uma perspectiva crítica, o que, em outras palavras, significa destacar o papel persuasivo e ideológico que ela possui nos enunciados que veiculam no meio social. O autor britânico ainda destaca o papel dos *corpora* para investigar a metáfora nas ocorrências nos discursos veiculados nas mídias sociais e nas instituições públicas e políticas. Charteris-

Black (2004) faz uso de análises de ocorrências de expressões que podem ser interpretadas metaforicamente em determinados contextos, buscando comprovar que, por meio da incidência constante desses usos em certos discursos, é possível ver que esses casos podem revelar avaliações negativas de determinados agentes sociais. Como exemplo ilustrativo, o linguista cita a expressão “*blood is shed*” (sangue é derramado), observada em vinte ocorrências em *corpora on-line*. Charteris-Black (2004) destaca a avaliação negativa nos exemplos retirados do *corpus* pelo fato de a expressão metafórica *blood is shed* ser acompanhada de colocados como “*ambitious*” (ambicioso) e “*untalented*” (sem talento). Aqui, a prosódia semântica da expressão metafórica é considerada negativa pelo fato de esta estar inserida em meio aos termos supracitados. Já em outra passagem citada pelo linguista britânico, o vocábulo “*children*” é avaliado de forma positiva na passagem “*But to think of the Caucasus, Nagorno-Karabakh, everywhere, where children’s blood was shed! (US books)*” (pensar no Cáucaso, Nagorno-karabakh, em todos os lugares onde sangue de crianças é derramado). Nesse caso, o sujeito “crianças” é positivamente conceptualizado pelo fato de elas serem retratadas como vítimas. A expressão “*blood is shed*” (sangue é derramado) não é considerada neutra, tendo seu uso (metafórico) possivelmente escolhido para provocar comoção no leitor.

A mesma expressão metafórica (*Blood is shed: sangue é derramado*) tem uso analisado na seguinte passagem: “*Witness said that it was only a miracle that prevented much more Jewish blood being shed because the first suicide bomb was aimed at a bus carrying Jewish nannies to a settlement inside the largely PLO-controlled Gaza Strip.*” (testemunhas disseram que apenas um milagre evitaria muito mais sangue judeu derramado porque o primeiro atentado suicida à bomba mirava um ônibus que levava babás judias para um assentamento dentro de uma área da Faixa de Gaza controlada pela OLP). Nessa passagem, o uso figurado de “sangue é derramado” atribui papéis diferentes aos agentes sociais envolvidos: judeus e homens bombas suicidas. Os primeiros estão descritos como vítimas; os segundos são considerados culpados. Essa expressão linguística teria motivações metonímicas, haja vista a existência da metonímia conceptual (*Blood for Life: sangue pela vida*), e seria motivada pela metáfora conceptual MACHUCAR É SEPARAR (*HARMING IS SEPARATING*). Segundo Charteris-Black (2004, p.

26), a metonímia conceptual e a metáfora conceptual destacadas contribuíram para “ativar o esquema mental³ para o comportamento predatório que pressupõe inocência por parte da vítima e culpa pela parte do agente [da ação terrorista]”.

A abordagem crítica da metáfora destaca também a função retórica que essa figura desempenha dentro do discurso. Segundo Charteris-Black (2004), o uso de expressões metafóricas se justifica pelo fato de o orador visar a “construir uma avaliação disfarçada, secreta”, não se comprometendo, assim, de forma tão direta, mas ao mesmo tempo influenciando o auditório. Isso se explica pelo caráter subconsciente da metáfora no discurso, intervindo de forma que atinja o imaginário social, por meio da reincidência de expressões metafóricas, de forma regular, no discurso.

A Análise Crítica da Metáfora (ACM) desenvolvida por Charteris-Black (2004) defende a ideia de que a análise metafórica deveria ser um componente central na análise do discurso crítica (CHARTERIS-BLACK, 2004). O autor justifica essa tese afirmando que “as metáforas são usadas de forma persuasiva para transmitir avaliações e, portanto, constitui parte da ideologia do texto” (Ibidem, p. 28). A ideologia que perpassa os discursos e os textos é objeto de estudo da análise do discurso e daqueles que estudam a linguagem sob uma perspectiva crítica. Dessa forma, a união entre a análise do discurso crítica com os estudos cognitivos deu luz à ACM.

Goatly (2007) também aborda a metáfora sob uma perspectiva crítica, chamando a atenção para o fato de haver uma disputa ideológica e hegemônica do significado. Assim, a metáfora “aceita”, no caso da que circula em enunciados da mídia conservadora, será a metáfora convencional, que pode ser observada nas manchetes de jornais em que há personificações, nas quais os agentes ou ideias defendidas pelas classes dominantes se sobrepõem a uma hipotética metáfora original, que se configura como um enunciado mais complexo e chamativo e, portanto, passível de ser criticado, dada a sua saliência semântica. O linguista britânico faz referência a uma escala de efeitos metafóricos e a outra de efeitos ideológicos. As metáforas convencionais (personificações e clichê, por exemplo) e a linguagem literal requerem um menor processamento cognitivo, o que sugere a possibilidade de haver “efeitos ideológicos latentes” (GOATLY, 2007, p. 22). No

³ Esquemas mentais ou [esquema de imagens] são representações abstratas que são instanciadas por expressões mais específicas (KÖVECSES, 2006, p. 373)

caso da metáfora original, que requer um maior esforço interpretativo, os efeitos ideológicos latentes são menores, dado o maior efeito metafórico desse tipo de construção.

O texto midiático e a linguagem metafórica

Richardson (2007, pp. 66-70) aborda os textos midiáticos levando em consideração as figuras de linguagem ou, como ele prefere, tropos. A primeira figura que ele aponta é a “hipérbole”. Esse tropo linguístico que visa a provocar o exagero com o intuito de favorecer os efeitos retóricos pode ser observado em manchetes de jornais. O autor destaca o seguinte exemplo retirado de jornal britânico *Daily Express: Bambi turns killer*. O efeito que tal manchete com sentido hiperbólico pode causar é frequentemente associado ao humor e ao sensacionalismo. Vale ressaltar que os tipos de jornais em que se veiculam essas manchetes são chamados de tabloides, jornais cujos conteúdos não noticiam assuntos de tanta seriedade. O uso das hipérboles, Richardson (2007, p. 66) ressalta, implica também argumentar a favor de uma ideologia, como o pensamento que combate a imigração. O autor ilustra com o exemplo de um atropelamento causado por um motorista bêbado ao volante e cujas origens são estrangeiras. Nesse caso, embora a polícia não tenha comprovado abuso no uso de álcool pelo motorista, o jornal *The Sun* noticiou o fato qualificando o motorista como “perverso” (*wicked*, no original), em detrimento da real apuração dos fatos.

Neologismos e trocadilhos

Outra figura de estilo usada nos textos jornalísticos é o *neologismo*. Essa figura se caracteriza por ser uma palavra criada/cunhada que já existe com outro significado atribuído. Richards (2007, p. 60) destaca que há três modos de formar os neologismos principais que transitam no texto midiático, a saber: 1) por meio de sufixação e prefixação; 2) por intermédio da alteração da classe gramatical: para efeito de ilustração, o autor utiliza a palavra “*google*”, cuja função substantiva migra para se

tornar um verbo; 3) é criado por meio da fusão de dois termos, como em “smog = *Smoke+fog*” (RICHARDSON, 2007, p. 69).

O trocadilho, por sua vez, é um recurso linguístico bastante familiar em jornalismo, pois o seu uso em manchetes jornalísticas produz efeitos de sentido que podem chamar a atenção de forma humorística e jocosa. Richardson (2007, p. 70) menciona três tipos principais que ocorrem nos textos midiáticos. Os “trocadilhos homográficos”, que exploram os sentidos extras da mesma palavra. Em português, destacam-se os vocábulos “manga” (fruta) e “manga” (parte de roupa), por exemplo. Os “trocadilhos ideográficos”, por seu turno, são palavras de sons parecidos, mas não iguais, que são usados em substituição de um ao outro em uma frase. Richardson (2007, p. 70) aponta “*merry*” e “*Mary*”. E, por último, temos os “trocadilhos homofônicos”, que substituem palavras com o mesmo som, mas com sentidos diferentes, como em “*raised*” e “*raized*”.

A metáfora e a metonímia

A metáfora e a metonímia são recursos que, conforme Richardson (2007, p. 66), são frequentes em textos do jornalismo. Há a predominância de determinadas metáforas conceptuais em certos gêneros jornalísticos, como a metáfora ESPORTE É GUERRA, que predomina nos textos ou discursos midiáticos. Em nossa concepção, baseada em estudos realizados por Charteris-Black (2004), as expressões linguísticas que metaforizam o domínio esporte também podem ser usadas para metaforizar outro domínio, como no caso da metáfora POLÍTICA É FUTEBOL, que licencia as expressões linguísticas presentes nos discursos referentes à política em sentido abstrato.

Em consonância com nossa argumentação, Richardson (2007) observou o uso de metáfora conceptual durante o período da invasão do Iraque. Metáforas como GUERRA É NEGÓCIO, GUERRA É POLÍTICA e GUERRA É LIBERDADE foram usadas pela mídia impressa como forma de legitimar essa invasão estadunidense. Em expressões como “*timetable*” (horário, agenda de compromissos) e “*The games of Saddam*” (os jogos de

Saddam⁴), podemos comprovar que houve metaforização dos fatos a respeito da invasão estadunidense no Iraque.

Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, analisamos 6 manchetes de jornais brasileiros, extraídas por meio da ferramenta de buscas do *Google* e que abrangem o período de 2017, momento em que o país estava sob o governo Temer e havia muitas discussões acerca dos papéis do Estado e do mercado na política econômica nacional. As manchetes foram selecionadas após busca pela palavra-chave “mercado”, o que nos levou a um determinado número de manchetes oriundas de diferentes veículos da imprensa escrita brasileira.

Para identificarmos as metáforas de personificação, recorreremos ao Procedimento de Identificação de Metáforas (PIM), citado por Semino (2008, p. 11-12) e conforme o grupo *Pragglejaz*⁵, que orienta:

- Ler o texto-discurso inteiro para estabelecer um entendimento geral do sentido;
- Determinar as unidades lexicais no texto-discurso;
- (a Para cada unidade lexical no texto, estabelecer seu sentido no contexto, o que significa dizer como esse sentido se aplica a uma entidade, sua relação ou atribuição na situação evocada pelo texto (sentido contextual). Para tanto, leve-se em conta o que vem antes e depois da unidade lexical observada; (b para cada unidade lexical, determina-se se ela tem um sentido contemporâneo mais básico em outros contextos do que o contexto investigado). Sendo assim, o sentido básico tenderá a ser:
 - Mais concreto (o que se evoca é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir no paladar);
 - Relacionado a ações corpóreas;
 - Mais exato (oposto a vago)
 - Historicamente mais antigo.
- Os sentidos básicos não são necessariamente os mais frequentes da unidade lexical;
- c) Se a unidade lexical tiver um sentido contemporâneo mais básico em outros contextos do que no contexto em análise, decide-se se o sentido contextual contrasta com o sentido básico, mas pode ser entendido em comparação com ele.

⁴ Ditador que governou o Iraque do final dos anos 70 até o ano de 2003, quando o país foi invadido pelos Estados Unidos (Fonte: Wikipédia).

⁵ O nome *Pragglejaz* é formado pelas iniciais dos membros do grupo composto por: Peter Crisp, Ray Gibbs, Alan Cienki, Gerard Steen, Lynne Cameron, Elena Semino, Joseph Grady, Alice Deignan e Zoltan Kövecses.

Ressaltamos que a opção pelo gênero textual manchete jornalística se deu pelo fato de esse gênero se caracterizar por enunciados que são eficientes em circular, informar e, conseqüentemente, influenciar diversos tipos de público.

Análise e discussão

Iniciaremos agora as análises e discussões do *corpus*, composto por 06 (seis) manchetes extraídas de jornais brasileiros de circulação diária e cujo formato é digital. A primeira manchete, retirada do jornal O globo, é a seguinte:

(01) “Cúpula do PT aconselha a Lula a não fazer *acenos ao mercado*” (CÚPULA..., 2017, grifos nossos)

A manchete do exemplo 1 foi produzida em 6 de dezembro de 2017, período em que muitos candidatos já se decidiram a lançar seus nomes para concorrerem na eleição para presidência da República. O ex-presidente Lula, sendo um desses candidatos, teria de passar, em tese, pelos crivos do olhar do mercado. O enunciado deixa implícita a ideia de que candidatos teriam de convencer o mercado de que Lula seria um candidato que o agradaria. A expressão “fazer acenos ao mercado” se constitui em um enunciado metafórico, pois produz um efeito de reificação. As escolhas lexicais como “acenos”, que aqui fazem referência ao mercado, uma entidade abstrata, são, geralmente, utilizadas em situações em que há interações com entidades vivas.

A expressão metafórica “fazer acenos ao mercado” é ideologicamente motivada, pois o termo “mercado” é atravessado por significados que estão a serviço do poder econômico, o qual está em constante relação com o meio político. O uso dessa metáfora, tendo em vista o contexto sócio-histórico em que foi produzida, leva-nos a ter convicção de que a opção por usá-la se explica pela intenção subjacente de influenciar os julgamentos de valor atribuídos a certos atores e a certas instituições sociais, representados por Lula, ex-presidente e presidenciável, e pelo mercado.

(2) “Tesouro: sem reforma da previdência, *país perde a confiança do mercado*” (NASCIMENTO, 2017, grifos nossos)

Em (2), o mercado é personificado, o que se evidencia pelo uso da expressão “perder a confiança”. O verbo “perder”, nesse contexto, tem sentido metafórico, pois seu objeto é “confiança”, uma entidade abstrata. O termo “país” é usado, metaforicamente, como alguém que pode não ser digno da confiança de um outro sujeito, nesse caso específico, do “mercado”. Fica, portanto, implícita em (02) a conceptualização positiva do “mercado” em detrimento do outro agente que interage no enunciado. Este último precisa se submeter ao crivo do olhar valorativo do outro: o mercado.

(3) “*Mercado de olho* nas eleições e na reforma [da previdência]” (BARBOSA, 2017, grifos nossos)

Em (03), o “mercado” é personificado como um expectador interessado em fatos futuros. O verbo “ver” conjugado na terceira pessoa proporciona características humanas ao “mercado”. A recorrente personificação demonstra que o “mercado” tem uma conotação positiva no discurso da mídia brasileira. Isso ratifica o pensamento de Stubbs citado por Charteris-Black (2004, p. 33) de que a repetição de padrões (discursivos) pressupõe uma forma de pensar a respeito de determinado assunto. Nesse caso, o “mercado” é conceptualizado recorrentemente como uma pessoa que apresenta uma moralidade socialmente aceita.

O enunciado apresenta implicações ideológicas, pois o fato de descrever o “mercado” de forma personificada demonstra a naturalização do papel dele na sociedade. Isso transparece de forma a subliminar as intenções ocultas do enunciador, que tem um alinhamento ideológico com setores do poder hegemônico, sobretudo do mercado financeiro.

(4) “Por que a reforma da previdência está *no radar do mercado?*” (CARNEIRO, 2017, grifos nossos)

Nessa manchete, ocorre mais um caso de reificação, pois o termo “mercado” é conceptualizado como algo que tem como atributo um “radar”. O termo “radar”, que representa uma experiência concreta, é atribuído ao “mercado” que, por meio do uso de radar, “detecta” as notícias que podem lhe interessar. Demonstra-se, portanto, o potencial poder que o “mercado” tem em razão dessa espécie de onisciência.

O uso de metáforas pode, também, revelar certos aspectos e esconder outros. Ao utilizar o termo “radar”, que tem um sentido conotativo, a manchete esconde os agentes sociais que subjazem o termo mercado.

(5) “*Mercado se mantém otimista com a possibilidade de juros menores: principal perigo é a eleição de um populista sem compromisso com reformas*” (COSTA, 2017, grifos nossos)

Essa manchete apresenta dois tópicos: um econômico e outro político. Na primeira parte do enunciado, o termo “mercado” sofre o processo de personificação, sendo conceptualizado como alguém que vê o futuro de forma otimista. No subtítulo, porém, há um fator condicionante para que se tornem reais as aspirações da “pessoa” mercado: um candidato eleito que não contemple a agenda mercadológica. O uso do termo “perigo” coloca o mercado como uma vítima em potencial de um agente social designado pelos poderes do Estado.

O mercado conceptualizado como uma pessoa é moralmente endossado pela moralidade conservadora (LAKOFF, 2009). O mercado é visto como um agente social cuja autoridade moral lhe dá legitimidade para tomar decisões racionais, com disciplina, premiando aqueles que agem de forma disciplinada e punindo os que não agem assim.

(6) “*Após fala desastrosa, Temer faz mobilização para tranquilizar mercado*” (CAMAROTTI, 2017, grifos nossos)

Assim como no enunciado 1, no qual o mercado é personificado na figura de uma pessoa de quem se espera chamar a atenção sutilmente, com acenos, na manchete 6, o verbo “tranquilizar” está sendo usado metaforicamente, pois o seu objeto é uma instituição abstrata e antropomorfizada com o propósito de conceptualizar o mercado como uma vítima em potencial de determinado Estado e das políticas de estadistas.

Essa manchete dialoga com outras que são corriqueiras no imaginário midiático, tais como “o mercado amanheceu nervoso hoje”, que descreve um mercado com características humanas, apto a ter sentimentos e sensações. Portanto, no enunciado 6, a metáfora personificadora apresenta pouco efeito metafórico, pois possui um alto grau de convencionalidade. Por outro lado, com base nos pressupostos de Goatly (2007), essa metáfora tem alto grau de efeito ideológico latente.

Considerações finais

Após analisarmos as manchetes que compuseram o *corpus* deste estudo, constatamos, com base nos referenciais teóricos utilizados, que em nenhum dos enunciados o mercado é enquadrado negativamente. As antropomorfizações, por meio do uso de metáforas de personificação, proporcionaram-lhe um *status* de humano cujos valores axiológicos aparentam ser incontestáveis. Isso se dá em contextos nos quais ora o mercado é uma vítima do Estado, ora é um agente que precisa de cuidados e atenção especiais por parte dos agentes políticos no poder. Em nenhum dos enunciados analisados foi possível encontrar uma metáfora original, que poderia requerer um processamento interpretativo mais complexo, possibilitando uma contestação acerca dos significados e intenções retóricas da manchete. A naturalização da personificação do mercado como um ser que, com qualidades humanas, aguarda acenos, desconfia, espera, observa e é emocionalmente afetado pelas decisões políticas é construída pelas frequentes repetições de padrões linguístico-metafóricos convencionais que proporcionam efeitos ideológicos latentes, os quais colaboram com a manutenção do *status quo* da política e economia de um país como o Brasil.

Referências

- BARBOSA, M. Mercado de olho nas eleições e na reforma. **Folha de Pernambuco**, [S. l.], p. 1, 30 dez. 2017. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/economia/mercado-de-olho-nas-eleicoes-e-na-reforma/53950/>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- CACCIARI, C. Why do We speak metaphorically? Reflections on the functions of metaphor in discourse and reasoning. In: KATZ, A. *et al.* **Figurative language and thought**. New York: Oxford University Press, 1998.
- CAMAROTTI, G. Após fala desastrosa, Temer faz mobilização para tranquilizar mercado. **Blog do Camarotti - O Globo**, [S. l.], p. 1-1, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/blog-do-camarotti/post/apos-fala-desastrosa-temer-faz-mobilizacao-para-tentar-tranquilizar-mercados.html>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- CARNEIRO, L. Por que a reforma da previdência está no radar do mercado? **O Globo**, [S. l.], p. 1, 4 dez. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/por-que-reforma-da-previdencia-esta-no-radar-do-mercado-22146318>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approach to Critical Metaphor Analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

COSTA, R. Mercado se mantém otimista com a possibilidade de juros menores: principal perigo é a eleição de um populista sem compromisso com reformas. **Correio Braziliense**, [S. l.], p. 1, 7 nov. 2017. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/12/25/internas_economia,649782/mercado-se-mantem-otimista-com-a-possibilidade-de-juros-menores.shtml. Acesso em: 7 nov. 2017.

CÚPULA do PT aconselha a Lula a não fazer acenos ao mercado. **O Globo**, São Paulo, p. 1, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=C%C3%BApula+do+PT+aconselha+a+Lula+a+n%C3%A3o+fazer+acenos+ao+mercado&biw=1366&bih=657&sxsrf=APwXEdcgX61RoblRZHkKkxwiOm0P>. Acesso em: 7 nov. 2017.

EZEIFEKA, C. R. Strategic Use of Metaphor in Nigerian Newspaper Reports: A Critical Perspective. **Critical Approaches to Discourse Analysis across Disciplines**, Lancaster, v. 6, n. 2, p. 174-192, 2013. Disponível em: https://www.lancaster.ac.uk/fass/journals/cadaad/wp-content/uploads/2015/01/Volume-6_Ezeifeke.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

GIBBS, R. W. **The poetics of mind**: figurative thought, language, and understanding. New York: Cambridge, 1994.

GOATLY, A. **Washing the brain**: metaphor and hidden ideology. Amsterdam: John Benjamin, 2007.

HERRERA-SOLER, H. Conceptual metaphors in press headlines on globalisation. **Annual Review of Cognitive Linguistics**, Amsterdã, v. 4, n. 4, p. 1-20, 2006. Disponível em: <https://sci-hub.se/10.1075/arcl.4.02her>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KÖVECSSES, Z. **Language, mind and culture**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G. **The political mind**: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics. New York: Penguin Group, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

NASCIMENTO, B. Tesouro: sem reforma da previdência, país perde a confiança do mercado. **O globo**, São Paulo, p. 1, 6 dez. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tesouro-sem-reforma-da-previdencia-pais-perde-confianca-do-mercado-22155298>. Acesso em: 6 dez. 2017.

RICHARDSON, J. E. **Analizing Newspaper**: an approach from critical discourse analysis. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

SADDAM HUSSEIN. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Saddam_Hussein

SEMINO, E. **Metaphor in discourse**. Cambridge: Cambridge University press, 2008.

SILVA, J. M. da. A personificação em propagandas veiculadas em outdoor: um liame a ser discutido. In: **Metáforas conceptuais no discurso**. 172 ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 27-45.

Submetido em 14 de setembro de 2023.

Aceito em 25 de novembro de 2023.

REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA COERÊNCIA E DA RECATEGORIZAÇÃO EM ARTIGO DE OPINIÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL



REFLECTIONS ON THE PHENOMENON OF COHERENCE AND RECATEGORIZATION IN AN OPINION ARTICLE IN THE LIGHT OF TEXTUAL LINGUISTICS

Kleiane Bezerra de Sá¹
Filipe Fontenele Oliveira²

Resumo: O presente trabalho, pertencente à Linguística Textual (LT), tem como objetivo analisar uma relação possível entre a metarregra de progressão e a recategorização. Essa aproximação trata especificamente do referente “O lugar onde vivo”, em um artigo de opinião redigido para a V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, evento destinado a estudantes da escola pública, ocorrido no ano de 2016. O referencial teórico adotado, no âmbito da LT, conta com reflexões sobre o fenômeno da coerência, sobretudo das metarregras de coerência presentes em Charolles (1978) e Costa Val (2006), e o da recategorização sob a ótica de Mondada; Dubois (2003), Koch (2009) e Cavalcante; Custódio Filho; Brito (2014). O material de análise fez parte do *corpus* da pesquisa de mestrado de um dos autores desse trabalho que teve como objetivo a compreensão do processo de recategorização do referente “O lugar onde vivo” em artigos de opinião. A temática adotada pelo estudante, autor do referido artigo foi a “Violência contra a juventude na periferia da cidade de Fortaleza”. O percurso metodológico que envolveu a produção do estudante foi dividido em duas etapas: uma que tratou do estudo do gênero artigo de opinião e a produção do primeiro artigo pelo participante; outra que se pautou no processo de reescrita. No tópico de análise, percebemos o cuidado do estudante com as metarregras de coerência, sobretudo relativo à progressão, bem como um processo de recategorização do referente “O lugar onde vivo” baseado nas desigualdades sociais.

Palavras-chave: Recategorização; Coerência; Artigo de opinião; Olimpíada de Língua Portuguesa; “O lugar onde vivo”.

¹ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (2018); Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (2013); Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará (2010); Professora EBT do Instituto Federal de Educação, Cultura e Tecnologia do Ceará. Lattes: 4424006275070421. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2706-2687>. E-mail: kleiane.bezerra@ifce.edu.br

² Mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Universidade Estadual do Ceará (2011); Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (2009) e em LETRAS pela Universidade Estadual do Ceará (2008); Professor no Instituto Federal de Educação, Cultura e Tecnologia do Ceará - *campus* Sobral. Lattes: 8300606842021178. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2522-0056>. E-mail: oliveira.fontenele@ifce.edu.br

Abstract: The present work, belonging to Textual Linguistics (TL), aims to analyze a possible relationship between the progression metarule and recategorization. This approach deals specifically with the referent “The place where I live”, in an opinion article written for the V edition of the Portuguese Language Olympiad Writing the Future, an event aimed at public school students, which took place in 2016. The theoretical framework adopted, in within the scope of TL, it includes reflections on the phenomenon of coherence, especially the meta-rules of coherence present in Charolles (1978) and Costa Val (2006), and that of recategorization from the perspective of Mondada; Dubois (2003), Koch (2009) and Cavalcante; Custodio Filho; Brito (2014). The analysis material was part of the *corpus* of the master's research of one of the authors of this work, which aimed to understand the process of recategorization of the referent “The place where I live” in opinion articles. The theme adopted by the student, author of the aforementioned article, was Violence against youth on the outskirts of the city of Fortaleza. The methodological path that involved the student's production was divided into two stages: one that dealt with the study of the opinion article genre and the production of the first article by the participant; another that was guided by the rewriting process. In the analysis topic, we noticed the student's care with the meta-rules of coherence, especially regarding progression, as well as a process of recategorization of the referent “The place where I live” based on social inequalities.

Keywords: Coherence; Opinion article; Recategorization; Portuguese Language Olympics; “The place where I live”.

Introdução

A Linguística Textual (doravante LT) considera que a análise de um texto implica a integração de um conjunto de aspectos que respondem por sua coerência em contexto (CAVALCANTE *et al.* 2022). Tais aspectos estão presentes em diferentes dimensões e dependem de condições discursivas que se atualizam no momento da interação, seja ela oral ou escrita.

Sob essa ótica, pretendemos, neste artigo, refletir sobre a proposta de Charolles (1978), na obra *Introdução aos problemas da coerência dos textos*, em que são apresentadas as *metarregras de coerência*: repetição, progressão, relação e não contradição, que permitem avaliar o fenômeno da coerência por meio de critérios bem definidos (CHAROLLES, 1978; COSTA VAL, 1990), e relacionar a metarregra de *progressão* ao fenômeno *recategorização*, que atualiza referentes³, amparado

³ Para melhor entendimento, esclarecemos que este termo é tomado, neste trabalho, como equivalente a *objeto de discurso*.

em um conjunto amplo de aspectos que encaminham os interlocutores a construir representações que vão além da identificação da materialidade linguística, as quais revelam os pontos de vista dos enunciadores em *diálogo* interno em cada texto.

A cada um desses fenômenos dedicamos uma seção teórica. Na seção dedicada às metarregras, apresentamos, sucintamente, os sete princípios de textualidade de Beaugrande e Dressler (1981), a fim de contextualizar a coerência como um desses princípios. A seguir, explanamos a redefinição que Costa Val (1990) propôs para as categorias idealizadas por Charolles (1978) para, então, enfatizarmos a *progressão*, uma vez que trata do acréscimo de informações novas às que já vinham sendo tratadas ao longo do texto. Justificamos a ênfase nesta metarregra em virtude de ser este um caminho possível para relacionar os fenômenos da *coerência e da recategorização*, amparados no que diz Koch (2008, p. 101): “objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir ou reconstruir o sentido no curso da progressão textual”.

Na seção dedicada à recategorização, apresentamos um breve panorama sobre a construção de objetos de discurso – os referentes – que são construídos interativamente e cognitivamente pelos sujeitos falantes por meio de estratégias de recategorização.

A perspectiva de Koch (2008), em que aponta ser possível, no curso da progressão textual, a recategorização de referentes, motiva-nos a ampliar as discussões e aplicações concretas desse fenômeno no âmbito do ensino, especialmente, no que se refere à produção de textos argumentativos, mais especificamente do gênero textual artigo de opinião, no contexto da V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, doravante OLPEF.

Destacamos que o contexto da OLPEF, no ano de 2016, fez parte do processo de pesquisa de mestrado de um dos autores desse trabalho. Dessa forma, no tópico que trata do percurso metodológico, detalhamos um pouco mais como

essa ação aconteceu, tendo em vista que o artigo de opinião estudado na seção de análise foi fruto desse processo.

Por fim, demonstramos, na seção de análise, como a metarregra de progressão se relaciona à recategorização no artigo de opinião produzido na etapa escolar do evento mencionado, a fim de relacionar essas duas vertentes teóricas.

Coerência

Um texto faz sentido quando existe continuidade de sentidos entre o conhecimento ativado pelas expressões do texto (BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981, p. 4)

Tomamos como pressuposto que a coerência, entre os sete princípios de textualidade apresentados por Beaugrande e Dressler (1981) é, na verdade, a própria razão de ser de um texto, e todos os demais princípios – coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade são subservientes a ela.

Sob essa ótica, os teóricos em questão se dedicaram ao estudo dos padrões da textualidade e apresentaram importantes contribuições para a compreensão da estrutura e do funcionamento dos textos ao elencar e descrever sete fatores que garantem a textualidade, ou seja, que possibilitam que um texto seja assim considerado. Nessa tônica, propuseram fatores pragmáticos nomeados como intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, ao lado de fatores linguísticos e conceituais nomeados como coerência e coesão, reiterando a importância dos aspectos extragramaticais do texto, os quais foram considerados por Beaugrande (1991) como *princípios de textualidade*.

Na esteira dos estudos da LT, distintas percepções do conceito de coerência são apresentados. Temos visto evoluções na abordagem deste fenômeno desde a proposta inicial que a considerou em uma perspectiva cognitivista, van Dijk

(1977), até ser reconsiderada numa dimensão sociocognitiva e discursiva, proposta por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

No contexto de estudo da LT, no Brasil, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), o fenômeno da coerência surge, inicialmente, da percepção de uma unidade negociada de sentido, a qual está diretamente condicionada à intenção argumentativa⁴ do locutor e à coparticipação do interlocutor, o qual é membro ativo da construção da coerência ao fazer esforços cognitivos exigidos pelo contexto para compreensão de um texto.

A construção da coerência é, portanto, orientada por várias indicações deixadas na superfície do texto – dentre elas, expressões referenciais de recategorização, as quais se integram a um numeroso conjunto de conhecimentos compartilhados socialmente, que desenvolvemos mediante às experiências de vida e ao contato com as mais variadas fontes de informação. Tais conhecimentos, por serem determinados culturalmente, têm um caráter sócio-histórico, por isso se fala atualmente em um estatuto sociocognitivo e discursivo da coerência.

Avançando nas abordagens sobre o fenômeno da coerência, Sá (2018) reflete sobre as metarregras no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e demonstra que esses critérios têm sido amplamente aplicados ao ensino de produção escrita, os quais até hoje subjazem os guias de orientação para correção, sendo exemplo a Matriz de Referência para Redação. O referido estudo corrobora as ponderações aqui empreendidas, pelo fato de lidar com a sequência argumentativa (ADAM, 2018).

Quanto às metarregras de coerência, essas foram propostas por Charolles (1978) e adaptadas por Costa Val (2006), que renomeou duas das metarregras e instituiu *continuidade* no lugar de repetição e *articulação* no lugar de relação, resultando na nomenclatura que também é adotada aqui: continuidade, progressão, articulação e não contradição.

⁴ Esclarecemos que nem todo estudo considera a coerência relacionada à intenção argumentativa do locutor.

Faz-se necessária, mesmo que breve, uma explanação sobre tais metarregras: a) continuidade: o texto deve apresentar elementos de recorrência escrita ao longo de seu desenvolvimento, ou seja, o escritor deve valer-se de estratégias de referenciação, a fim de estabelecer um “fio condutor textual”; b) progressão: o texto deve apresentar ideias novas às que já vinham sendo tratadas, pois não pode simplesmente repetir indefinidamente seu próprio assunto; c) articulação: o texto deve apresentar articulação entre ideias que continuam e que progridem no texto, ou seja, esta metarregra é entendida como um princípio de coesão, o qual é responsável pela avaliação da relação entre as informações apresentadas em um texto; d) não contradição: o texto não deve apresentar elementos que contradigam um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência, ou seja, o mundo textual deve ser compatível com o mundo que ele representa.

Convém mencionar que todas as metarregras atuam na construção da coerência, mas, neste trabalho, procuramos refletir sobre a metarregra de progressão, a qual é responsável pelo fenômeno da recategorização ao longo do desenvolvimento do texto, tendo em vista que uma vez instituídos os objetos de discurso na memória discursiva, esses passam por constantes transformações no curso da progressão textual. Além disso, estamos alinhados à proposta de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), em que os autores empreendem uma discussão concebendo referentes em uma dimensão dinâmica, ou seja, tomam os referentes como evolutivos e passíveis de transformação, modificados ou recategorizados no curso da progressão textual.

Na seção a seguir, apresentamos a recategorização referencial, com vistas a demonstrar as perspectivas aqui assumidas.

Recategorização referencial

As categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 28).

Na seara da LT, o processo de recategorização é inerente às atividades languageiras e de construção de sentido. Pelo excerto que trazemos, Mondada e Dubois (2003) confirmam essa questão ao salientarem as discussões, controvérsias e desacordos, os quais são comuns no processo de interação. Nesse processo, os interactantes sempre estão à procura do melhor termo para designar aquilo que pensam e sentem, o que supõe saber que as categorias não são fixas.

Para ilustrar um pouco mais a não fixidez das categorias, podemos nos referir a uma situação levantada pelas autoras no mesmo texto desse excerto. Elas aludem às diferentes configurações que um mesmo objeto pode assumir conforme o ato comunicativo, o qual prevê a participação ativa dos sujeitos inseridos num contexto específico diferente. Para exemplificar, elas abordam a possibilidade distinta de referir a um piano. Em sua primeira funcionalidade, um piano participa do rol dos instrumentos musicais, entretanto, para alguns, ele pode servir de um requintado móvel; para outros, um fardo, tendo em vista um eventual processo de mudança.

Em ambos os casos, existe uma particularização do objeto no cenário discursivo. A categoria “instrumento musical” sai de cena e o objeto ganha novos sentidos, ocorrendo, dessa forma, uma recategorização. Essa flexibilidade das categorias, presente nas situações concretas de vida, ocorre em face da dinamicidade discursiva que afeta os sujeitos e por eles é afetada. Não existe, dessa maneira, uma relação unívoca entre os nomes e o mundo, o qual não é espelhado pela linguagem, como disse Salomão (2013).

A autora, assim como Mondada e Dubois (2003), reflete sobre a capacidade plástica da linguagem, opondo-se, portanto, à concepção de referência de base essencialista. Dessa forma, o mundo é criado pela linguagem e o processo de

nomeação das coisas não é estanque. Em outras palavras, a tendência do ser humano em categorizar o mundo e de encontrar na palavra uma forma de definir as coisas é frustrada recorrentemente pelas transformações sócio-históricas: homem, história, cultura e sociedade, trabalham assim de maneira bastante azeitada.

Trazendo essas reflexões e pensando no fenômeno da escrita, percebemos que este também é garantido pelas propriedades do sistema linguístico, o qual não permite que dois termos ocupem o mesmo espaço simultaneamente numa mesma sentença. Se tais termos, por exemplo, são qualificadores, há possibilidades distintas do dizer, portanto, formas diferentes de gerar significados e de promover a progressão textual. O processamento textual, assim, é regulado pelas leis linguísticas, e o sentido é construído pelo contrato intersubjetivo dos interlocutores.

No processamento textual, as formas mais frequentes de promover a progressão textual são a ativação, a reativação e a desativação de referentes, como dissera Koch (2009). Dessa forma, um referente é introduzido por meio de um termo ou expressão e passa a preencher um nódulo cognitivo, ganhando evidência entre os demais. A permanência desse referente no campo atencional decorre do processo de reativação por termos substitutivos ou sinônimos e, por fim, o referente sai do campo da atenção, sendo desativado. Essa desativação possibilita um novo ciclo que envolve um novo referente na cadeira referencial.

Esses referentes, segundo a corrente teórica da LT, como foi dito, não são representantes fiéis do mundo, já que a própria linguagem não funciona como espelho daquilo que nos circunda. A linguagem, por outro lado, organiza o aparecimento desses referentes, os quais, de maneira sincrônica, são processados cognitivamente. Sob essa perspectiva, a cadeia referencial vai contribuindo para a construção de sentidos no todo textual e a relação mediada pela linguagem entre os interlocutores tem seu devido grau de importância.

A participação efetiva dos sujeitos no ato comunicativo pode ser constatada face ao processo de recategorização ou de reconstrução dos referentes ao longo da teia discursiva, o qual não é limitado necessariamente a elementos cotextuais. Nesse caso, a negociação de sentidos ocorre sem uma lexicalização bem demarcada do objeto. A cognição se antecipa e a memória discursiva dos interlocutores é ativada; os conhecimentos prévios são mobilizados em prol do significado (KOCH, 2009).

A autora relata também que a seleção de características de um dado referente contextualmente demarcadas ou intencionalmente atribuídas pelo produtor do texto pode conduzir o leitor a um determinado posicionamento, influenciando, assim, sua forma de ver o mundo e de categorizá-lo. Essas saliências na cadeia referencial contribuem inevitavelmente para a construção de pontos de vista, condição comum ao gênero artigo de opinião, especificamente aquele solicitado pela OLPEF.

Sob a mesma vertente, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) descrevem e exemplificam os processos referenciais a partir de uma perspectiva sociocognitiva e discursiva, os quais envolvem, basicamente, duas grandes categorias de referenciação: a introdução referencial e a anáfora.⁵ A primeira, introdução referencial, ocorre quando um referente é apresentado no texto pela primeira vez. Essa “estreia” pode se dar quando uma expressão referencial explicita o referente ou quando aponta para elementos da situação imediata do texto, constituindo, neste caso, um processo referencial dêitico.

O segundo processo é nomeado de anáfora e se caracteriza por retomar um referente; tal retomada pode ser direta (correferencial) e indireta (não correferencial). Caso retome o mesmo referente, dá-se uma anáfora direta; caso explicita um referente pela primeira vez no cotexto, mas seja apresentado ao

⁵ Para maior aprofundamento, incentiva-se a consulta à obra citada.

interlocutor como se lhe fosse conhecido, em função de outros elementos contextuais favorecerem essa identificação, dá-se uma anáfora indireta.

Por sua vez, a anáfora encapsuladora, outra forma de referir, é caracterizada primordialmente por resumir porções contextuais. Ela é classificada pelos três pesquisadores como um subtipo da anáfora direta em razão de o referente já existir no texto no momento em que é encapsulado. Esse processo consiste em uma estratégia para resumir trechos textuais de variadas extensões, desde uma simples sentença até porções textuais maiores.

Percurso metodológico

Nesta seção, apresentaremos o percurso metodológico que possibilitou a produção do artigo de opinião selecionado para a análise, a qual tem como intenção uma proposta reflexiva acerca da coerência e da recategorização referencial sob a ótica da Linguística Textual. Para facilitar o entendimento, dividimos esse percurso em alguns subtópicos. O primeiro subtópico aborda o evento OLPEF, bem como traz as motivações que levaram um dos autores desse trabalho a promover uma pesquisa de mestrado; o segundo fala do contexto da pesquisa propriamente dita; o terceiro apresenta a última versão escrita de um dos participantes, material analisado pelos autores.

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: etapa escolar

O artigo de opinião escolhido para análise fez parte do *corpus* da pesquisa de mestrado de um dos autores desse trabalho. Faz-se mister comentar brevemente o processo que possibilitou a produção desse texto, já que ele é crucial para a compreensão da construção referencial a ser analisada, bem como para o entendimento do processo de recategorização ocorrido.

O contexto de produção, como sinalizado na introdução, foi a V edição da OLPEF, que aconteceu no ano de 2016. O tema desse concurso de redação voltado para alunos da escola pública de todo o país era *O lugar onde vivo*. A escolha por esse cenário deveu-se a uma experiência anterior, no ano de 2014, quando um dos autores incentivou a escrita de artigos pelos seus alunos para a edição da Olimpíada do referido ano.

Aparentemente abstrato, o tema da OLPEF, durante o trabalho em 2014, ganhou contornos reais quando os estudantes envolvidos começaram a refletir sobre questões que atingiam o seu lugar de morada, sua rua, seu bairro, seu município. Na ocasião, muitos escreveram artigos de opinião, abordando os impactos às pessoas que estavam sofrendo com um processo de desapropriação em face da construção da linha do metrô de Fortaleza, sentido bairro Parangaba ao Mucuripe, ligando um polo a outro da cidade. O envolvimento dos estudantes nesse projeto de escrita deu-se, sobretudo, quando participaram de uma roda de conversa favorecida por uma das professoras de Geografia da escola, com a qual foi realizado um trabalho interdisciplinar. Dessa roda de conversa, também participaram dois moradores da região atingida.

O contexto produtivo de escrita e suas variedades textuais durante a experiência de 2014 possibilitou um olhar diferenciado para a sala de aula, que passou a ser contemplada como um profícuo cenário de pesquisa. Essa percepção vai ao encontro do paradigma do professor-pesquisador, defendido por Bortoni-Ricardo (2015), uma vez que a autora compreende uma fusão entre docência e pesquisa. E, assim, foi eleita a edição de 2016 da OLPEF como setting de pesquisa destinado ao mestrado⁶, entre os anos de 2015 e 2017. Salienta-se também que o local de pesquisa foi o mesmo. A mesma escola onde ocorrera as ações de 2014 foi a mesma para o evento de 2016.

⁶ A pesquisa de mestrado em questão foi orientada pela professora Maria Helenice Araújo Costa e foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

Compreendendo o contexto de produção do artigo de opinião

No ano de 2016, o contexto da OLPEF propiciou um excelente setting de pesquisa, entretanto foram realizadas algumas mudanças, entre elas, o número de participantes (ao todo, 10 estudantes participaram do processo; geralmente os professores trabalham com turmas inteiras) e adaptações à metodologia proposta pelo caderno *Ponto de Vista*, o qual direciona o trabalho do professor participante. Em destaque, houve uma preocupação com o processo de reescrita, entrevistas e aulas de campo a partir da temática escolhida pelos estudantes.

Dos textos escritos pelos participantes, foram selecionadas as produções de apenas 8 deles, já que foram percebidos trechos de cópias e fontes mal inseridas em textos de dois integrantes. Esse descarte foi realizado de modo a cumprir com a ética na composição escrita. Entre as produções selecionadas para análise, observam-se os seguintes temas: crise na saúde, animais abandonados, turismo sexual, obras inacabadas, o problema do lixo e violência contra a juventude na periferia. Para o trabalho em tela, foi selecionado o artigo de opinião do participante que versara sobre o tema violência contra a juventude na periferia.

O leitor que tiver interesse na dissertação pode consultá-la no *site* do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará⁷, entretanto evidenciamos que o estudante cujo texto selecionamos para a análise desse trabalho realizou quatro reescritas de seu artigo de opinião.

A pesquisa de mestrado em questão foi do tipo ação. A metodologia adotada foi dividida em duas etapas, uma destinada à escrita do primeiro artigo de opinião pelos participantes e outra, ao processo de reescrita. Na primeira etapa, foi realizado um estudo do gênero artigo de opinião, tendo como suporte a leitura de artigos escritos por estudantes que participaram de outras edições da OLPEF⁸.

⁷ <https://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/dissertacoes-2017/>

⁸ No site www.escrevendofuturo.org.br, o visitante pode encontrar textos produzidos por estudantes que participaram da OLPEF. Esses textos são compilados conforme a categoria escolhida pelo participante: poema, memórias literárias, crônica, documentário e artigo de

Essa iniciativa, para além do reconhecimento da estrutura do texto pelos estudantes, teve como proposta incentivá-los, de modo a fazê-los acreditar no potencial de escrita deles. Além do estudo do gênero, facilitamos junto aos participantes a escolha do tema de seus textos e a percepção de questões polêmicas, que dividissem pontos de vista, acerca da própria temática. A exigência, no entanto, era que tais temas versassem sobre a cidade de Fortaleza, já que a OLPEF pede ao discente que ele discorra sobre o lugar onde ele vive.

Na segunda etapa da metodologia, tivemos como foco o processo de reescrita. Para tanto, visando à integração do grupo e à interação entre os membros, sempre fazíamos uma reunião na qual eles poderiam conversar sobre sua escrita, disseminando, nesse sentido, leituras e percepções. Nessas reuniões, eles poderiam interferir na construção um do outro, realizando sugestões para mudanças textuais. Considerando, pois, que a reescrita de um texto possibilita novas reflexões e reconstruções linguísticas, observamos que tal processo funcionou como agente recategorizador do referente *O lugar onde vivo*.

Ainda durante essa segunda etapa, tivemos uma aula de campo, realizada num evento intitulado Ceará Pacífico. Nessa aula de campo, os estudantes tiveram oportunidade de conversar com um ativista social e representante da Comissão de Direitos Humanos acerca de questões de ordem social, política e cultural da cidade de Fortaleza. Nessa aula, eles puderam tirar dúvidas, questionar e refletir sobre o tema de seus textos. Além dessa aula de campo, levamos os estudantes para conversar com moradores da Comunidade Lauro Vieira Chaves, tendo em vista que alguns deles estavam abordando os impactos provocados por obras de mobilidade urbana na cidade.

Esse passo a passo, mesmo levando tempo, foi ideal para a etapa escolar da OLPEF na escola, setting da pesquisa, bem como propiciou a escrita de textos e o incentivo à autoria dos discentes participantes.

opinião e fazem parte do Livro dos Finalistas, documento em pdf que coleciona as produções dos alunos que foram para a etapa nacional do evento. Ao todo o evento traz cinco etapas: escolar, municipal, estadual, regional e nacional.

O artigo de opinião Uma juventude esquecida

Entre os participantes, o estudante que optou por escrever a respeito da violência contra a juventude na periferia foi o que mais se preocupou em lançar mão da crítica social em suas produções. Durante o projeto de pesquisa, mostrou-se sempre atuante nos grupos de reescrita e nas aulas de campo, que foi uma das ações diferenciadas na referida pesquisa de mestrado. Ao todo, ele realizou cinco atividades de reescrita. O texto a seguir é a sua última versão:

Uma juventude esquecida

Uma enorme poluição mental tem se manifestado nos jovens de Fortaleza. Hoje em dia é comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais bárbaros. A juventude da nossa capital está indo ao crime por motivos cada vez mais banais e assim sofre as consequências da vida criminosa.

Entretanto, esses jovens não são apenas autores desses crimes, eles também entram como vítimas. De acordo com o Portal G1, atualmente Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de homicídios de adolescentes. E uma pesquisa feita pelo estudo do Programa de Redução Violência Letal contra crianças e adolescentes estima que mais 2 mil jovens daqui podem ser mortos até 2019.

Jovens da nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social. Diante disso cabe uma questão: Por que os jovens estão propensos a cometer crimes? A desigualdade talvez seja o principal fator. De acordo com pesquisas veiculadas por meios de comunicação, Fortaleza é a 5ª do país com maior diferença de renda. A falta de oportunidades nos setores de educação, trabalho e saúde são outros fatores que devastam vidas e dilaceram famílias.

Dados do IBGE apontam que o IDH de alguns bairros de Fortaleza se

assemelham com o de países desenvolvidos e não possuem altos índices de criminalidade. Já outros bairros possuem tanta criminalidade que chegam a ser comparados à países de situação precária. A problemática da diferença dos bairros está ligada muitas vezes a centralização dos serviços de infraestrutura nos bairros nobres de Fortaleza, enquanto os mais carentes desses serviços são esquecidos e ficam apenas com um pequeno proveito dessas grandes obras.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana onde em novembro de 2015 ocorreu a maior chacina já registrada em Fortaleza com 11 homicídios. 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. É vale lembrar que das vítimas, nove nunca responderam por crimes, e apenas dois teriam antecedentes, um por ameaça e outro por delito de trânsito. Porém a impunidade foi o que realmente marcou nessa chacina. Segundo o jornal O POVO foram denunciados 45 policiais militares, o que corresponde quase ao tamanho de um pelotão, e as autoridades praticamente fecharam os olhos, já que não foi divulgado um número final de acusados pelo caso.

Devemos questionar o porquê de as autoridades não terem solucionado o caso. E se essa chacina tivesse ocorrido em um bairro nobre? Será que ocorreria tanta impunidade? As autoridades ficariam sem vontade para resolver o caso? Portanto a impunidade deve ser algo bem estudado pelos nossos representantes para que os mais carentes de justiça não sejam mais prejudicados. Eles também devem investir mais em educação porquê de lá que sairão futuros profissionais cada vez mais qualificados. É necessário também que os pais acompanhem a vida social do seu filho, porque já dizia o velho ditado: “Me diz com quem tu andas, que eu te direi quem és”.

A metarregra progressão como agente promotor da recategorização do referente “O lugar onde vivo” ao longo da produção textual

Observamos que o referente “o lugar onde vivo” é inaugurado textualmente

por meio da introdução referencial “Fortaleza”, o qual é retomado ao longo de todo o texto por meio das expressões anáforicas “nossa capital”, “capital brasileira”, e pelo dêitico⁹ “daqui”, estabelecendo um “fio condutor textual”. Essa observação nos leva a afirmar que para os textos terem **continuidade** de sentido – primeira metarregra – é necessário, conseqüentemente, existir também a **progressão** – segunda metarregra.

Em vista disso, ponderamos que o autor do texto valeu-se de pesquisas bibliográficas sobre a temática da violência. Ele destaca em seu texto o Programa de Redução da Violência Letal de 2016, segundo o qual 2000 jovens morreriam vítimas da violência na cidade de Fortaleza, até o ano de 2019. Sendo assim, no segundo parágrafo, ele traz uma **primeira** expressão recategorizadora do referente *o lugar onde vivo*: “Fortaleza é a capital brasileira com o maior índice de homicídios de adolescentes”. A apropriação desse referente pelos dados de pesquisa revela um nível de intertextualidade com os textos escolhidos por ele, o qual já demarca uma cidade segredadora, cuja juventude passa por um sério esquecimento. Dessa forma, onde nasce a formulação desse conceito, senão pelo compartilhamento de informações pelos que vivem a cidade?

Diante de tal questão, quando o estudante seleciona a juventude em seu texto, não é qualquer juventude. Trata-se de uma juventude esquecida, cujo agente de indeterminação contribui, talvez, até para o anonimato de um grupo de jovens previamente localizados pelo estudante. Os jovens da periferia, esquecidos, ganham evidência no texto dele, até porque ele se reconhece como um jovem de periferia, cujos amigos entraram para a criminalidade, conforme relato de entrevista presente na dissertação de mestrado mencionada em tópicos anteriores.

Sob tal aspecto, a desigualdade social faz o texto progredir e é apontada como importante fator de violência e criminalidade, especialmente em bairros carentes (em

⁹ A função dêitica deve ser considerada na avaliação da continuidade, visto que estabelece relação do referente com o ponto de origem do locutor/enunciador.

oposição a nobres), o que leva o autor a apresentar, no terceiro parágrafo, uma **segunda** expressão recategorizadora do referente “o lugar onde vivo”: Fortaleza é a 5ª do país com maior diferença de renda.

A **articulação**, terceira metarregra, considerada como um princípio de coesão, auxilia-nos na avaliação da relação entre as informações apresentadas em um texto. A seguir, percebemos a hierarquização de informações sobre o referente: de um lado, bairros nobres, com IDH comparável ao de países desenvolvidos; de outro, bairros comparados a países em situação precária. Nessa tônica, a relação metonímica entre a cidade de Fortaleza e seus bairros, por exemplo, gera uma cadeia de sentidos para o leitor, o qual se depara com alguns tópicos centrais, tais quais, a vulnerabilidade social, a criminalidade e o esquecimento da juventude, condicionantes que culminam no tópico Chacina da Grande Messejana, trabalhado pelo participante ao longo do seu processo de produção. Dessa maneira, o olhar para a cidade revela considerável descompromisso das autoridades, em virtude da sensação de impunidade que o estudante denuncia em seu projeto de dizer.

Ao retratar “o lugar onde vivo”, o participante, a nosso ver, deixa transparecer também a destituição de direitos por que passa a juventude na periferia. E ao relacionar isso, suas dúvidas no texto traduzidas por meio da conjunção condicional se (último parágrafo) refletem as vozes das vítimas da Chacina e dos familiares delas. A referência, no caso ilustrado, não se resume apenas a falar do lugar, tomando-o como objeto inerte, mas sim como elemento de uma rede segregadora e etnocêntrica.

Salientamos que as ideias selecionadas pelo autor para fazer o texto progredir implicam na recategorização do referente “o lugar onde vivo”. Ele apresenta sua percepção de mundo operando sobre a realidade para negociar os sentidos com o seu interlocutor. Respeitou a não contradição, quarta metarregra de coerência, pois trouxe para o seu texto informações verídicas, comprováveis, ou seja, houve correspondência entre o mundo textual e o mundo representado.

Queremos demonstrar aqui, que o autor do texto, textualizou predicções que

se referiam diretamente à cidade de Fortaleza, tais quais Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de homicídios de adolescentes e Fortaleza é a 5ª (capital) do país com maior diferença de renda e também contextualizou a maneira como ele se referia à juventude e aos bairros periféricos, os quais foram categorizados a partir da situação de desigualdade, injustiças e violência à juventude.

Nesse sentido, percebemos que o participante remete a algo que já está gravado na memória do interlocutor - cidade de Fortaleza- e acrescenta as informações novas, que, por sua vez, passarão também a constituir suportes para outras informações.

Observamos, no entanto, que essa categorização foge ao texto do participante. Ela surge em um entorno sociocognitivo marcado linguístico e discursivamente por questões sociais segregadoras. Dessa forma, as expressões nominais e a ancoragem referencial promovida por “o lugar onde vivo” não são suficientes para dar conta de toda a construção referencial.

Defendemos que o contexto da violência, da Chacina, a interação na pesquisa, os textos lidos pelo participante no processo de produção textual, conflui para uma não linearidade de “O lugar onde vivo”. O próprio texto tem que ser compreendido como um todo na tentativa de ampliar as lentes para esse referente movediço e dinâmico em face das práticas sociais. Sendo assim, priorizamos observar a relação desenvolvida entre a cidade de Fortaleza e o que brota dela enquanto espaço social.

Até aqui, buscamos evidenciar que a metarregra denominada progressão pode ser produtiva para a análise da recategorização, na medida em que é a partir dos acréscimos referenciais que se pode analisar as reformulações por que passam os referentes. Passamos às nossas considerações finais.

Considerações finais

Nesse artigo, demonstramos uma possível relação entre pontos teóricos da LT, progressão e recategorização, a qual pode contribuir para práticas pedagógicas que se ocupem com a sequência argumentativa.

À luz da LT, discorreremos sobre as metarregras de Charolles (1978) e apontamos que essas metarregras foram atualizadas por Costa Val (2006) para continuidade, progressão, articulação e não contradição. Refletimos, na seção de análise, como a metaregra denominada de progressão colabora para a recategorização do referente “o lugar onde vivo”, amparados nas reflexões sobre o processo de recategorização referencial, tendo como foco teórico, Mondada e Dubois (2003), Koch (2009) Salomão (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

A relação entre esses dois pontos teóricos (coerência e recategorização) possibilitou a análise do material que trouxemos para a discussão, um artigo escrito para a V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada, no ano de 2016, em um contexto de pesquisa de mestrado. O artigo em pauta “Uma juventude esquecida” fez parte do rol de produções de discentes que optaram por tematizar questões de ordem social relativas à cidade de Fortaleza.

No texto em tela, a questão da violência cometida contra jovens na periferia da cidade, tendo como exemplo, a Chacina da Grande Messejana, em 2016, associada à vulnerabilidade social de alguns bairros e a sensação de impunidade, fez com o referente “o lugar onde vivo” fosse recategorizado num processo metonímico.

Em suma, esse artigo serve como exemplo de que as premissas da Linguística Textual podem gerar avaliações mais acuradas dos textos dos alunos, de modo a contribuir com o trabalho em sala de aula. Esperamos ter levado essa mensagem para os colegas docentes, pensando, portanto, numa práxis mais reflexiva.

Referências

- ADAM, J. M. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. 1 ed. London: Longman, 1981.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CAVALCANTE, M.M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CAVALCANTE, M.M. *et al.* **Linguística textual**: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. Tradução Paulo Otoni. *In*: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Org.). **O texto**: escrita e leitura. Campinas: Pontes, 1978.
- COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOCH, I, V; BENTES, A, C; CAVALCANTE, M, M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. A construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, M. M., BIASI-RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.
- Pontos de vista: cadernos do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2014.
- SALOMÃO, M. M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. *In*: KOCH, I. G; MORATO, E. M & BENTES, A. C (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 151-168.
- VAN DIJK, T. A. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. *In*: CHABROL, C. (Org.). **Semiótica narrativa e textual**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

Submetido em 26 de setembro de 2023.

Aceito em 06 de novembro de 2023.

A ESCRITA DE NÓS: O CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA NA OBRA “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO



THE WRITING OF US: THE CONCEPT OF ESCRIVIVÊNCIA IN “WATER EYES” BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Francisco Fernandes de Araújo¹
Maria Elisalene Alves dos Santos²

Resumo: O presente artigo, de natureza bibliográfica, tem a finalidade de analisar e discutir o conceito de escrevivência na obra “Olhos D’Água” de Conceição Evaristo. A pesquisa é de cunho qualitativo e apresenta o método indutivo. Como embasamento teórico utiliza-se Cuti (2010), Hattnher (2009), Ianni (1988), Rodrigues (2007), dentre outros. Para melhor compreensão leitora, opta-se por dividir o artigo em duas seções. Na primeira, discorre-se sobre o conceito de literatura negro-brasileira. Na segunda seção, trata-se do conceito de escrevivência criado por Conceição Evaristo. Esse conceito é aplicado nos contos de “Olhos D’Água”. Com a realização desse estudo, conclui-se que a escrita de Conceição Evaristo na obra “Olhos D’Água” é imbuída de muita representatividade e resistência. As vivências representam para a escritora uma identidade e uma aceitação das origens afrodescendentes.

Palavras-chaves: Literatura negro-brasileira; Escrevivência; “Olhos D’Água”; Conceição Evaristo.

Abstract: This article, of a bibliographical nature, aims to analyze and discuss the concept of escrevivência in the work “Water Eyes” by Conceição Evaristo. The research is qualitative and presents the inductive method. As a theoretical basis, Cuti (2010) is used Hattnher (2009), Ianni (1988), Rodrigues (2007), among others. For better reading understanding, we chose to divide the article into two sections. The first discusses the concept of black-Brazilian literature. The second section deals with the concept of escrevivência created by Conceição Evaristo. This concept is applied in “Water Eyes” short stories. With the accomplishment of this study, it is concluded that the writing of Conceição Evaristo in the work “Water Eyes” is imbued with a lot of representativeness and resistance. The experiences represent for the writer an identity and acceptance of the Afro-descendant origins.

Keywords: Black-brazilian literature; Escrevivência; “Water Eyes”; Conceição Evaristo.

¹Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, <http://lattes.cnpq.br/6349605324450210>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4636-6356>, E-mail: fernandouveva@gmail.com

² Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5705212666974639>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8159-8707>, E-mail: elisalene2014@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, objetiva analisar e discutir o conceito de escrevivência em “Olhos D’Água” de Conceição Evaristo.

A pesquisa é de cunho qualitativo e apresenta o método indutivo. Como embasamento teórico utiliza-se Cuti (2010), que discute os múltiplos aspectos da literatura negro-brasileira a partir de um *corpus* que a constitui e a razão pela qual essa literatura é escrita; Ianni (1988), que trata da condição da escrita literária produzida por autores negros; dentre outros teóricos que dialogam com a temática. Para facilitar a compreensão leitora, opta-se por dividir o trabalho em duas seções. A primeira, intitulada “Literatura Negro-brasileira”, faz uma abordagem sobre a literatura de autoria negra em que se analisa o seu conceito ainda em construção. Na segunda seção, “O conceito de escrevivência na obra ‘Olhos D’Água’”, apresenta o conceito criado por Conceição Evaristo mediante a análise e discussão dos trechos dos contos que compõem a obra.

Espera-se que este trabalho contribua com as discussões em torno da literatura negro-brasileira e que promova uma maior perspectiva de entendimento e de análise da escrita produzida por escritores negros. Deseja-se ainda que o artigo possa proporcionar uma reflexão sobre as múltiplas representações que o negro teve ao longo da história da literatura, seja como personagem, seja como escritor, possibilitando uma nova compreensão de seu valor enquanto sujeito de vivências e valores.

Literatura negro-brasileira³

A primeira seção do artigo apresenta algumas abordagens sobre a definição de literatura negro-brasileira, tendo como base as colocações de alguns autores como Cuti (2010), Ianni (1988), Rodrigues (2007), dentre outros, que discutem essa temática. Vale ressaltar que o conceito de literatura negro-brasileira ainda está em construção, sendo bastante discutido no campo da literatura e dos estudos culturais.

Historicamente falando, o conceito de literatura negro-brasileira ainda enfrenta

³ A nomenclatura Literatura Negro-Brasileira é a defendida por Cuti (2010) para se referir à literatura de autoria negra. Ela foi a escolhida para ser usada nesse artigo.

diversas resistências. É um conceito que se constrói diariamente e que por isso considera-se essencial na compreensão atual da importância do negro na produção literária brasileira. Diante disso, pensar na figura do negro requer debruçar-se diante das inúmeras representações que, ao longo dos séculos, foram admitindo novas construções e reafirmações. Buscar entender uma escrita que se modificou ganhando novos significados faz com que a sociedade repense e veja o homem negro como sujeito de sua própria história. Segundo Ianni (1988, p.91):

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.

A literatura negro-brasileira apresenta um perfil de escrita que transcende significado de vivências conforme a cultura, língua e temáticas específicas de um povo. Assim, a literatura negro-brasileira começa a ser revelada pela óptica do próprio homem negro, que permanece não mais como objeto, mas como sujeito que ressalta significado de vida em sua escrita, que dialoga com a sua própria existência. Ainda segundo Ianni (1988, p. 95), “o negro é o tema principal da literatura negra. Sob muitos enfoques, ele é o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”.

Nesse sentido, passa-se a compreender a literatura negro-brasileira como uma representatividade em que a figura do homem negro se configura como tema central. O negro, outrora representado dentro da história brasileira como um objeto implicador das discussões sociais, faz-se personagem incumbido de representações dentro das narrativas, uma vez que se considera a literatura negro-brasileira como aquela criada por um escritor negro que trata de temas relacionados às vivências da população negra de modo que a afirmação de sua cor seja motivo de expressividade de sua existência.

Assim, deve existir uma consciência de aceitação e pertencimento dentro da escrita, e que, por sua vez, haja uma valorização do que está sendo escrito, para quem e por quem está sendo transmitido. Diante do exposto, Eduardo de Assis Duarte diz que:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (DUARTE, 2011, p. 377).

O conceito e a construção de uma escrita literária negro-brasileira são bastante questionados, até mesmo em sua denominação. Há pesquisadores que defendem que essa produção literária seja intitulada de Literatura Afro-Brasileira, a exemplo de Duarte⁴ e de Souza e Lima (2006). Essa nomenclatura rememora a história do Brasil desde a época colonial, em que se teve o negro como figura emblemática em todos os momentos que construíram a identidade do Brasil. Os pesquisadores que defendem a nomenclatura Literatura Negro-Brasileira, a exemplo de Cuti (2010), dão ênfase à palavra “negro” como uma forma de lembrar um passado histórico, com raízes africanas, mas que, ao longo do tempo, ganhou características próprias do Brasil.

Cuti (2010) defende uma opção estética, política e ideológica, pelo termo “literatura negra” em contrapartida à denominação “afro-brasileira” ou “afro-descendente”, por entender que esses termos acabam por escamotear a questão negra, que ficaria, assim, diluída na diversidade subjacente ao prefixo “afro”. “A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra” (CUTI, 2010, p. 29).

Para Álvaro Hattnher (2009) “não se pode, portanto, pensar a questão literária negra sem o respaldo da experiência histórica do negro” (HATTNHER, 2009, p. 80), ou seja, a vivência é importante e fundamenta a escrita conforme a realidade.

De todo modo, os valores históricos e identitários de um povo contribuem para a construção de seus ideais e compreensão de sua existência. No caso do negro, há uma carga semântica e pragmática bastante recorrente no que diz respeito à vida. Tratando-se da escrita literária, as imagens, os símbolos que compõem uma narrativa reflexiva de representatividade são construídos de modo que a valoração do “eu negro” esteja sempre refletida em meio aos problemas sociais e culturais enfrentados pelo escritor negro.

Hattnher (2009) ainda considera a importância da comunicação em torno da linguagem, como símbolo representativo na escrita de um grupo. Segundo o citado autor (2009, p. 80), “a linguagem se torna um meio que, ao mesmo tempo, estabelece e transforma essa experiência. Dessa forma, pode-se afirmar que a literatura negra é, invariavelmente, a

⁴ DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Disponível em www.lettras.ufmg.br/literafro/ Acesso em: 01 mar. 2023.

experiência negra transcrita”. Partindo desse pressuposto, pode-se compreender que o uso que se faz da língua, seja ela escrita, seja ela falada, reflete no verdadeiro sentido da literatura como uma expressão da alma que, além de trazer a perspectiva do pertencimento e da identificação com a escrita, traz nas entrelinhas as denúncias sociais de um povo.

Desse modo, pensar no conceito amplo de uma literatura negro-brasileira é atentar-se para a escrita, o público, as temáticas, a linguagem, entre outros elementos que ajudam na compreensão de um significado que ganha valor e se modifica continuamente. Há o surgimento de novos escritores que interagem com os leitores na busca de repassar uma mensagem objetiva e que tenha alcance significativo. Logo, reconhecer esses autores é atribuir valor e criar novas projeções de entendimento de uma literatura inclusiva e crítica em todas as suas nuances. Assim, pode-se perceber a relevância de autores como Conceição Evaristo e sua produção literária.

Nesse sentido, há uma magnitude na representação de Conceição Evaristo na literatura negro-brasileira, pois a autora reconhece que sua produção está fundamentada como uma escrita de um corpo negro efetivamente forte e politizado. Pensar, conforme esses pressupostos, uma forma de escrita voltada para a figura do negro é contextualizar e rememorar um pouco do passado que, ao longo dos anos, está sendo bastante discutido. A reescrita de uma história, sob a esfera memorialista que a autora propõe em suas obras, possibilita ao leitor dialogar com a sua ideia de construção social de identidade.

A literatura ganha viés sociocultural que, em sua criticidade, retoma conceitos e recria novas formas de pensar. Segundo a autora “a identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras”. (EVARISTO, 2010, p. 134). Revela-se a necessidade de reavaliar-se uma nova literatura, aquela que não objetiva apenas o superficial de um contexto e, sim, aproxima através de sua intencionalidade e discurso o leitor do que é dito nas entrelinhas.

A obra de Conceição Evaristo consiste na representatividade da escrita classificada como literatura negro-brasileira e sua contribuição corrobora para questões que vão além de histórias cotidianas, visto que denunciam as mazelas e problematizam a condição do “ser negro” na sociedade, uma questão de disputa pela vida, pelo poder não material, mas de linguagem e poder.

Considera-se a referida autora, sem dúvida, como precursora de uma literatura voltada

para os problemas que saem da realidade existencial do homem negro e ganham os espaços acadêmicos, em que os debates promovem o saber por meio de uma condição, seja de raça, orientação sexual, seja de religião, direitos e política. Sua perspicácia em construir discursos sobre a sua relevância na literatura, sobretudo negra, é vista em suas falas, na defesa de seus ideais e na busca de ser porta-voz dos interesses comuns de um povo.

Portanto, nesse primeiro momento, buscou-se evidenciar o conceito de literatura negro-brasileira. Percebeu-se o quanto essa literatura tem mudado a forma de ver as histórias não apenas sobre o negro, mas com o negro em papel de destaque, o que impulsiona representatividade e a criação de novos leitores e escritores.

O conceito de escrevivência na obra “Olhos D’Água”

A segunda seção do artigo tem como finalidade apresentar as particularidades da escrita literária de Conceição Evaristo na obra “Olhos D’Água” e discutir o conceito de escrevivência fundamentado pela autora com base na construção das personagens, dos espaços de atuação, da narração e das representações coletivas que ela busca ressaltar na obra.

Em primeira análise, ressalta-se a relação do conceito de escrevivência com o fenômeno da diáspora africana. Na condição de escravizado, o negro sempre esteve em busca de sua liberdade. Ao longo do tempo, as fugas diaspóricas ajudaram a repensar a imagem do negro como sujeito que por meio de sua memória busca reescrever a sua história.

Diante disso, Conceição Evaristo alude essa condição diaspórica à figura da “Mãe Preta” presente em grande parte de sua obra literária, como aquela que desde sempre foi submissa aos senhores, condição a que eram submetidos os escravizados. Escravizada, negra, essa mulher que “servia” para servir os patrões anula-se em sua condição de indivíduo. Assim, partindo do desejo e análise da própria autora em aprimorar a complexidade do conceito de escrevivência e sua representatividade, Duarte e Nunes (2020, p. 30) afirmam:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

A narrativa de Conceição Evaristo conduz a uma reflexão sobre a existência do negro enquanto sujeitos vítimas de exploradores condicionais. Estes, ao longo da história do Brasil, mutilaram a voz do negro e sua contribuição para a consolidação de uma nação pluricultural e miscigenada.

Assim, a autora concebe a escrita de autoria negra como uma ferramenta de libertação em que as mulheres negras, antes silenciadas, passam a ganhar voz de destaque, assim como escrever sobre suas inquietações e desejos de serem ouvidas e lidas. Suas personagens, até mesmo quando silenciadas, são capazes de falar simbolicamente, porque o silêncio pode ser interpretado como uma forma de resistência. Esse aspecto pode ser encontrado em Ponciá Vicêncio, em Maria-Nova, em Cidinha-Cidoca e em outras personagens femininas criadas por Conceição Evaristo.

Enquanto mulher negra, escritora e que reconhece a sua singularidade dentro de uma literatura que valoriza os lugares de fala dos negros, a autora ainda destaca em uma de suas afirmações que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 30), fazendo uma associação à condição da mulher que era submissa até das crianças embalando-as com suas cantigas de ninar. Assim, a autora reitera a importância de quebrar os paradigmas do passado por meio de uma nova releitura, tendo em vista as mudanças de concepções ideológicas do mundo, que possibilitam outros significados.

O conceito de escrevivência sob a visão de Conceição Evaristo requer discussão e confronto de ideias que expressam a coletividade de um grupo, deixando de lado a individualidade do homem. Analisar a escrita literária como uma afirmação de conhecimento de mundo e domínio sobre ele pode ser, no mínimo, intrigante se levar em consideração a fala da autora que diz, “observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 34).

O ato de se compreender a escrita como algo particular coloca o escritor na condição de porta voz da sua realidade. Assim, a escrita toma forma e ganha vida e singularidade dentro do contexto em que está inserida. As múltiplas representações dos sujeitos, os problemas sociais que os circundam, a sua existência como sujeito, são acometidos de sentidos e valores. Para Conceição Evaristo, “escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um

profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e absorção da vida, da existência” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 34).

Nessa perspectiva, conceber o conceito de escrevivência dentro da obra de Conceição Evaristo consiste em debruçar-se sobre os elementos que compõem a sua estética literária como as particularidades dos personagens em que a autora prioriza as suas vivências. Esses sujeitos representam a realidade do negro na sociedade brasileira, visto que a intenção da autora parece retratar os dramas sociais vividos pela comunidade negra e periférica do Brasil.

Desse modo, a escrita de Conceição Evaristo, mesmo sendo ficção, assume um caráter de aproximação com a realidade. Ela inquieta e perturba por sua violência e valor poético ao mesmo tempo, colocando à disposição do leitor originalidades que possibilitam analisar um contexto social já existente conforme a relação da ficção com a realidade. Sobre os personagens criados por Conceição Evaristo, Oliveira (2009, p. 17) ressalta que:

As personagens, não somente em *Becos da Memória* (2017) e *Ponciá Vivência* (2003) como noutras obras, são potencialmente negros e denunciam questões sociais que dizem respeito ao passado da autora vivido em Minas Gerais ou ao resgate de sua própria imaginação, como situações vividas em coletividades pelos seus afrodescendentes, moralidade de escrita literária que a autora intitula por *escrevivência*.

Oliveira (2009) destaca as singularidades dos personagens que Conceição Evaristo cria ao longo de seus trabalhos, podendo ser vistos como sujeitos discursivos que usam de sua vivência para confrontar e denunciar os problemas sociais que enfrentam diariamente conforme retrata o trecho do conto “A gente combinamos de não morrer”: “Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos” (EVARISTO, 2014, p. 68). As subjetividades, as emoções e as características tão marcantes de cada personagem, às vezes, se confundem com a vida da própria escritora. Tendo Conceição Evaristo vivenciado uma infância marcada por muitas lutas e dificuldades, essa realidade assemelha a de muitas Marias, Ana Davenga, Natalina, Cida, Zaíta, entre outras presentes na obra “Olhos D’Água”.

Desse modo, contar uma história real ou fictícia com elementos genuínos e baseados na realidade de quem os vivencia consiste em transportar o leitor para um universo do texto marcado por narrativas construídas através das similaridades e significados de cada realidade

apresentada. Ademais, a escritora menciona seu ofício da escrita em consonância com suas experiências cotidianas de modo tão particular que se projetam para dentro do texto que atua de forma viva, ou seja, é a escrita de uma condição, subjetividade, reforçando a ideia de aceitação e reconhecimento do ser “negro”, dentro das narrativas.

Por esse motivo, muitas de suas personagens conseguem cativar o leitor de modo que, às vezes, são o reflexo da vida de quem se identifica com sua escrita. Fazendo um elo sempre com a dicotomia de uma escrita criativa e a crítica social, a autora ainda preocupa-se em ressaltar a ancestralidade e a cultura dos sujeitos de matrizes africanas escravizados no Brasil bem como o seu cotidiano de forma minuciosa. Além disso, como já mencionado, nota-se uma escrita autobiográfica em que a autora faz uma comparação de sua vida com as das personagens, retrata isso com base nas memórias e impressões sobre a vida. A autora ainda ressalta: “Toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2017, p. 7).

As discussões e os conceitos apresentados pela autora e por outros estudiosos sobre a escrevivência – enquanto mecanismo de escrita literária que busca aproximar a realidade da ficcionalidade ou vice-versa, através das intuições e memórias, considerando a importância da escritora para a literatura negra – são essenciais para a análise do conceito de escrevivência em “Olhos D’Água”. O livro, publicado em 2014, conta com quinze contos com temáticas diferentes e próximas ao mesmo tempo. A obra detém linguagem forte e poética. Todas as narrativas presentes nos contos trazem consigo um tom de pertencimento e de identificação do espaço em que acontecem.

A escrita em si retrata as particularidades de cada personagem, colocando-os como sujeitos ativos e que necessitam expressar as suas angústias diante de um sistema opressor que, por muitos anos, procurou silenciar essas vozes negras marginalizadas. A narrativa ainda traz características da subjetividade individual e coletiva, servindo para a representação da resistência e da reafirmação de identidade. No livro, encontram-se sujeitos bem variados, todos com seus problemas existenciais, sexuais, religiosos que configuram a condição do homem.

Os contos de Evaristo compartilham com a literatura dos direitos humanos elementos de denúncia, resistência e esperança, colocando-se em contraposição à cumplicidade da sociedade hegemônica, que permanece calada [...]. Os contos de Olhos D’Água podem ser entendidos como literatura testemunhal ao unirem a memória ancestral afro-

brasileira a micro-histórias, isto é, histórias pessoais cuja perspectiva particular incide sobre a história nacional (PINTO-BAILEY, 2021, p. 10).

A escrita de Conceição Evaristo se mostra bastante singular e provoca no leitor reflexões sobre a vida dos personagens, seja por meio das lembranças do passado, ou mesmo por meio dos direitos renegados. A resistência, denúncia e esperança estão presentes na obra. Pinto Bailey (2021) destaca a relevância de uma literatura testemunhal, ou seja, aquela que unifica uma reflexão do passado dos afro-brasileiros com as histórias individuais de cada sujeito que constrói a tessitura poética da autora.

Desse modo, além de retratar a realidade sofrida das personagens, ainda rememora o passado de seus afrodescendentes, faz críticas à escravidão e aos conflitos sociais que a sociedade brasileira sempre enfrentou, ou seja, devolve a vida àqueles que construíram a história do nosso país. Os conflitos existentes dentro da obra ajudam a entender problemas como a violência bruta, a homoafetividade e preconceitos ligados a ela, à maternidade como escolha, a paternidade como renúncia e em, muitas vezes, à violação dos direitos humanos.

Nessa perspectiva, o conceito de escrevivência na obra “Olhos D’Água” torna-se fundamental para a estrutura dessas narrativas. A partir disso, a autora busca dar visibilidade aos silenciados e invisíveis da sociedade, que são retratados com características únicas. Sua escrita também se baseia em sua trajetória desde criança, em que foi acostumada a conviver com a violência e pobreza. Sua escrita ainda é marcada por mulheres fortes e guerreiras. Para Conceição Evaristo, “foi daí, talvez que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita” (EVARISTO, 2007, p. 17).

A escrita da autora acarreta muitos significados dentro da sociedade, uma vez que ela colabora para a necessidade de compartilhar os desejos e as injustiças dos menos favorecidos, fazendo com que o leitor consiga se sensibilizar através de sua escrita. Na obra “Olhos D’Água”, há a “função de denunciar e provocar a conscientização” (DUARTE, 2016, p. 155), ou seja, a autora por meio de seus contos salienta as mazelas e denuncia as injustiças sociais enfrentadas pelos personagens. Enquanto mulher, negra e crescida na periferia, a autora retrata a índole de suas personagens, mulheres negras, em que muitas são vistas conforme estereótipos marcados e negadas pela condição de inferiorização que é imposta pela sociedade. Assim, na obra em foco, Conceição Evaristo retoma essa vivência da mulher negra

em sua “dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar” (EVARISTO, 2005, p. 205).

Os protagonistas da coletânea de contos quase sempre são mulheres e, por causa disso, carregam uma representação forte e decisiva dentro de suas histórias. No julgamento da sociedade, são vistas como um erro, aquilo que não cabe dentro dos padrões. A alteridade dessas mulheres negras e submissas a uma sociedade racista, machista e exploradora é uma característica essencial para compor cada história de vida dos personagens, assimilando-se com a vida da autora e com a de tantas outras mulheres que se veem negras e, ao se afirmarem, reconhecem e buscam o seu lugar de fala dentro da sociedade.

Algumas características da obra merecem ser ressaltadas como o fato de que a grande maioria dos contos apresenta em seus títulos personagens mulheres, como Maria, Ana Davenga, Natalina, Salinda, Luamanda, Cida, Zaíta, Maíta, entre outras. Há também a presença masculina dos personagens nos contos “Di Lixão” e “Lumbiá” em que são crianças. Nos contos “Ei, Ardoca” e “Os amores de Kimbá” tem-se a figura de um homem ou adolescente. É válido ressaltar a importância de uma mulher por trás dessas histórias o que já indica a relevância da figura materna que a própria autora retrata em “Olhos D’Água”, conto que abre a obra. Nessa narrativa, a narradora diz não se lembrar da cor dos olhos da mãe e, ao questionar-se, deixa transparecer a figura materna essencial em sua criação.

Uma noite, há anos acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. [...] e o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2014, p. 11).

Na passagem do conto, percebe-se o sentimento materno que a personagem tem por sua mãe, e que em meio as turbulências da vida, não consegue lembrar da cor de seus olhos. Angustuada, a personagem se vê refletindo sobre o seu passado em busca das memórias ao deixar sua casa a procura de uma melhor condição de vida para a sua família. Tomada pela saudade e sensação de invalidez em não lembrar, a personagem retorna a terra natal tentando o reencontro com a mãe, com a sua história. Um fato interessante para ressaltar nesse primeiro conto é a riqueza metafórica dos “olhos” e os seus vários significados, cita-se

origem, raiz, reflexo, lágrimas, chuva, entre outros. A autora por meio de significados ressalta os valores familiares ao comparar os olhos da mãe com “lágrimas”, permitindo a reflexão do leitor sobre os valores maternos.

Nesse contexto, entende-se como possível estabelecer uma relação entre a história e a vida dos personagens. As raízes, as origens e a própria noção de deslocamento do sujeito atuam como reflexo de uma vida marcada pela violência e vulnerabilidade que, para se encontrarem na vida, precisam, às vezes, negar a sua própria existência. Desta forma, a autora, a todo momento, cultua a ancestralidade, a raça como sinal de aceitação.

A narradora, por meio do conceito de escrevivência, traz as lembranças da personagem para o centro da narrativa durante todo o conto “Olhos D’Água”. Ela discorre sobre a condição da família, as lutas diárias, o culto bem marcante da religiosidade e a diáspora em que a personagem é forçada a fazer por uma vida digna. Ao retornar, a personagem na busca de redescobrir a cor dos olhos da mãe diz: “minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água” (EVARISTO, 2014, p. 13).

Assim como em “Olhos d’água” que dá título ao livro e abre a coletânea de quinze contos, um aspecto marcante na escrita de Conceição Evaristo mostra-se na forma como ela dialoga com o tempo. Os personagens estão a todo momento usando de sua subjetividade para retornar ao passado. Relembrar as memórias e revivê-las dentro da narrativa possibilitam ao leitor identificar que o tempo cronológico está constantemente sendo modificado. No próprio conto citado, a personagem relembra toda a sua vida desde criança, por meio de um questionamento que a faz voltar ao passado. Destaca-se que a autora também projeta o futuro nas próprias indagações das personagens, isso é parte de uma vivência conhecida, vista em uma narradora também personagem.

A autora, além de ser porta-voz de muitas mulheres negras que não tiveram vez durante suas vidas, traz nas entrelinhas o seu testemunho de revolta. Essa postura confunde-se com as várias histórias das personagens, cada uma em sua individualidade e, ao mesmo tempo, representando uma coletividade, a população negra, que, diariamente, sofre as injustiças da vida, seja pela sua condição de mulher negra periférica, seja pela falta de perspectivas.

A linguagem presente nos contos torna-se bem marcante, pois aproxima o leitor e o transporta em estado de catarse para dentro da história, fazendo com que a sua leitura carregue carga emotiva expressiva, ao se deparar com uma realidade comum e que poderia ser evitada. A escrita, poética e forte, é também substituída pelas emoções das falas das personagens. Em alguns momentos, percebe-se a ausência dessa tessitura poética para dar lugar às emoções internas de cada personagem, como citado no trecho a seguir: “foi tudo tão rápido, tão breve [...]. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segregado um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2014, p. 26).

Santos (2018), em “Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea” exhibe um importante estudo sobre a obra de Evaristo e destaca o poder político da mulher negra intelectual: “é justamente a representação de mulheres negras fortes e atuantes que atravessa a obra da escritora, incorporando uma perspectiva racial e de classe na forma como as mulheres negras experienciam gênero” (SANTOS, 2018, p.102).

No conto “Maria”, essa singularidade das palavras é marcada pelas ações, sentimentos e projeções de um futuro que não veio e que poderia ter mudado a história da personagem. Ao mesmo tempo, as relações são motivos de pré-julgamentos, o que ainda é bem comum. A personagem Maria é o típico exemplo de empregada doméstica, mulher negra, periférica, brasileira, que luta diariamente pelo sustento e pela criação de seus filhos. Em um dia normal, ela volta do trabalho trazendo os “restos” de alimentos e um corte em sua mão. No ônibus em que faz o percurso até sua casa, acontece um assalto, e por ironia do destino, um dos assaltantes é pai de um de seus filhos. Nesse momento, nota-se o íntimo da personagem, suas fraquezas, seu cansaço da vida diária, mas, por outro lado, o sentimento de amor que ainda lembrava existir. Isso fará com que Maria seja vítima mais uma vez das injustiças. Acusada de cúmplice dos assaltantes, ela não consegue provar a sua inocência.

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo aquilo com ela? O homem havia segregado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisa chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2014, p. 26).

A realidade, mais uma vez, vira estatística, e só. A vida de muitas Marias é retratada pela óptica de Conceição Evaristo, mas com um tom reflexivo. A escritora possibilita por meio da leitura testemunhar a sua indignação diante de um fato que já virou normalidade nas páginas dos jornais e inquéritos policiais. Conhecer a história e ver que nem sempre é uma fatalidade faz que o leitor busque estabelecer uma relação de proximidade com a narrativa. O narrador, a personagem, a história e a importância que se dá a ela, talvez sejam a real intenção de Conceição Evaristo.

Segundo Pinto Bailey (2021, p. 15), “através de sua escrevivência e de um estilo narrativo que reúne precisão e poeticidade, Evaristo estabelece entre cada participante do processo narrativo uma relação de afeto e até mesmo de identificação”. O leitor, a partir da leitura de sua obra, consegue estabelecer um contato mais significativo com o que é narrado. A sua passividade dá lugar a um posicionamento que a autora parece querer instigar, permitindo analisar os inúmeros problemas sociais da sociedade.

Em “Di Lixão”, tem-se uma narrativa em que o personagem é um menino que, ao longo de sua vida, sofre com a ausência da figura materna. Uma mistura de ódio e saudade tomam conta da história. O menino que se desenvolveu e, desde pequeno, enfrentou as dificuldades da vida sempre recordava da mãe nos momentos mais dolorosos, mesmo aqueles vivenciados com o amigo de quarto, de rua, de vida, faziam-no lembrar de sua infância, conforme aponta o trecho a seguir: “Numa fração de segundos recebeu um pontapé nas suas partes baixas. Abaixou desesperado, segurando os ovos-vida. E foi se encolhendo, enroscando até ganhar a posição de feto” (EVARISTO, 2014, p. 49).

Ao lembrar-se da mãe que já havia morrido, o menino sentia-se solitário. Essa ausência em sua vida despontou um sentimento de raiva que era retratado sempre nos momentos de brigas e recriminações. Mesmo não gostando dela, o menino representa o desejo da figura materna que não tem. As simbologias retratadas pela autora demarcam as relações sociais. As dores físicas do menino são o retrato de uma sociedade desumana e o seu corpo representa uma doença social que, mesmo diante de uma atitude que incita raiva, no fundo ele só quer alguém que o console antes de sua morte.

A morte dentro dos contos torna-se outra característica bem marcante, uma experiência trágica, violenta e solitária. Assim, acontece em “Di Lixão” em que “os trabalhadores passavam apressados [...] Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta.

Às nove horas o rabeção da polícia veio recolher o cadáver” (EVARISTO, 2014, p. 50). A vida sofrida do menino, o desprezo da sociedade, a sua invisibilidade, são marcas que a autora aponta na frieza do homem diante de uma realidade cruel e real. Existem muitos meninos como esse, clamando por um “carinho”, por alguém que represente a figura materna, que devolva a sensação de ser criança. Possivelmente a autora induz mais atenção dos leitores e menos indiferença. Como ela própria afirma: “A cada morte, nas circunstâncias em que essas se dão, fica um dilema para quem lê resolver. Não um dilema policial, mas um dilema diante da própria vida, ou melhor, um questionamento sobre o direito à vida” (EVARISTO, 2014, p. 32).

Nessa perspectiva, infere-se que a autora utiliza a sua escrita como ferramenta de denúncia e de consciência por parte de quem lê, visto que a leitura, antes de agradar e aflorar as emoções do leitor, tem uma função social e política. A autora, na construção de sua obra, pensa detalhadamente em cada abordagem que pode ser feita, mas proporciona que a subjetividade do leitor seja colocada em análise, dado que a leitura tem o poder de fazer com que as vozes não pronunciadas sejam conhecidas.

Outro aspecto importante na obra “Olhos D’Água” é a crescente relação entre os contos, que desde o início traçam uma trajetória de progressão. A autora começa com uma perspectiva da dura realidade da vida, suas inquietudes, a violência que serve de pano de fundo para muitas histórias como no conto “Maria”, “Di Lixão”, ou mesmo os amores e desejos da vida carnal vistos em “Os amores de Kimbá” e “Luamanda”. A marcante presença das crianças renegadas, ou que não tiveram a chance de viver a sua infância como todas as outras, encontra-se em “Lumbiá”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

Em “O cooper de Cida”, observa-se uma narrativa que quebra com as expectativas e continuidade de tragédias e violências. A autora trabalha com o conceito de “tempo”, já citado. Agora de uma forma psicológica, talvez, a autora retrata uma personagem que estava sempre adiantada em tudo. No entanto, levanta um questionamento da personagem sobre o tempo de vida daqueles que vivem nas ruas ao se questionar: “Qual seria a medida de tempo para eles?” (EVARISTO, 2014, p. 43). No trecho: “as crianças nasciam moles, desesperadamente calmas e adiam indefinidamente o exercício de crescer. Cida desde pequena guardava um sentimento de urgência” (EVARISTO, 2014, p. 41). Para ela, a vida era passageira e por isso tudo era feito com muita intensidade e sem demora.

O tempo pode ser analisado inicialmente como banal, nada mais importa do que a rotina da personagem. No entanto, a sua vida é única e não pode parar, ou seja, os problemas alheios pouco lhe importam. Com o tempo, a personagem vê o que antes não via. Percebe a beleza da vida e de suas particularidades. Suas prioridades agora são outras. O seu modo de ver o que antes era invisível tornou-se significativo. Ao retratar-se ao mar que sempre esteve ali repetindo os seus movimentos, a personagem reflete:

Havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar. O banhista tranquilo insistia em seu jogo. Cida veio voltando, entretanto lentamente. Outros corredores cá no calçadão iam e vinham. O mar insistia em se mostrar diante dela. Só então, naquele dia, ela percebera o mar. E como tudo era desmesuradamente belo. Atravessou calmamente a rua, não correu” (EVARISTO, 2014, p. 43).

Sendo uma história que não apresenta um retrato de violência e injustiça social, e que talvez não tenha uma personagem negra periférica como principal, “O cooper de Cida” traz uma abordagem interessante sobre o descaso com o “tempo”. Faz ainda uma relação da “pressa” presente na indiferença que a personagem tem pelos moradores de rua, ou seja, a não preocupação com a realidade vivida por eles, a desculpa por não ajudar é sutilmente escondida pela correria da vida.

Seguindo com as narrativas, a autora traz o conto “A gente combinamos de não morrer”. Trata-se de uma história cheia de carga emocional e resistência, pois trata, dentre outras temáticas, do genocídio de pessoas negras e das diversas histórias de como elas são colocadas à margem da sociedade. Com um enredo marcado por mortes, violência, abandono, entre outros, Conceição Evaristo consegue, com suas escrevivências, colocar vida nos seus escritos e fazer com que os leitores se sintam identificados com sua obra.

As personagens do conto carregam suas particularidades e, apesar de conviverem no mesmo espaço, não se constituem de forma homogênea, ou seja, cada um tem uma perspectiva de vida diferente. No conto, encontram-se as histórias de Dorvi, Bica, Esterlinda, Idago e Neo. O título do conto já traz uma emblemática forma de resistência da própria vida dentro da realidade periférica. O juramento feito por Dorvi de resistir vai sendo vencido pelo apagamento de seus semelhantes. No conto, percebe-se que a vida é atravessada pela morte.

Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei mais. Nem eu, nem ele. Acabo com ele, mas isto não resolve. Outros acabarão comigo. Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2014, p. 66).

O personagem em sua complexidade traz a ideia de resistência, mas é vítima de uma realidade das favelas. O enfrentamento entre grupos de mesma classe econômica sugere uma luta que extermina os semelhantes. A violência tão comum nas favelas brasileiras demonstra o cotidiano de cada personagem. As lutas diárias pela sobrevivência e dignidade de quem vive no morro são, muitas vezes, tiradas pela “bala” de um revólver, a mesma que ceifou a vida de Zaíta ainda criança. O envolvimento da personagem Dorvi com as drogas traz outra discussão para o texto e que está muito atrelada à “comunidade”. Assim, o texto se torna denso e complexo. Para Silva e Conte (2022, p. 6), o conto:

Revela e evidencia questões que se permeiam às relações sociais provocadas pelo tráfico de drogas, pelos laços familiares e pela afeição das personagens que são, também, atravessadas por questões oriundas da violência deste mercado ilegal e as garantias frágeis de sobrevivência desta população, bem como o genocídio da população negra.

Partindo desse ponto, o personagem carrega em sua trajetória de vida, muitas marcas que a sociedade impõe. O estereótipo do típico homem negro, pobre e da periferia contribui para que sua vida seja sempre alvo de suspeita. Suas vivências mostram-se pertinentes e reforçam as marcas da dura realidade que está sujeito.

De acordo com Santos (2019, p. 88), “ser o tipo suspeito coloca a vida dos jovens homens negros sempre em perigo”. Isso é bem evidente nas próprias falas da personagem. “Eu tinha treze anos. No meio do tiroteio, esporrei, gozei. E juro não era de medo, foi de prazer. [...] Atirei, gozei, atirei, gozei, gozei... Gozo, dor e alegria [...]” (EVARISTO, 2014, p. 66). O personagem é o tipo do homem que luta pela sobrevivência e enfrenta os seus medos. Sua força e coragem de viver são, o tempo todo, retratadas no conto de forma que a leitura tenha traços realistas e de muita representatividade para quem compartilha das mesmas vivências e de reflexão para a hegemonia branca.

Em “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, a autora retrata a vida como sinônimo de esperança. A personagem é vista como uma promessa de tempos bons que virão em meio as tragédias. Todo o sentimento de tristeza e dificuldades que ao longo da obra foram sendo vivenciados pelos personagens cedem lugar a esperança depois do nascimento da menina Ayoluwa: “a partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança [...]” (EVARISTO, 2014, p. 70).

A autora encerra a obra com uma mensagem de resistência e esperança na vida. As

personagens, em meio às dificuldades da realidade, se enchem de felicidade. Logo, assim como acontece na realidade, não deixam as marcas do passado serem esquecidas. Elas acabam lembrando as dores para construírem um novo significado para a vida. “Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida [...]” (EVARISTO, 2014, p. 70).

Nesse segundo momento, buscou-se apresentar, sob a óptica da autora, o conceito de escrevivência por meio das falas dos personagens nos contos de “Olhos D’Água”. Tentou-se ainda fazer um paralelo com o pensamento de outros autores sobre o conceito estabelecido por Conceição Evaristo que, através de sua linguagem literária, trata das questões sociais de forma verdadeira e com propriedade.

Considerações finais

O trabalho discutiu sobre a importância da vivência para a construção da narrativa de um texto. Apresentou-se o conceito de escrevivência criado por Conceição Evaristo, por meio da leitura e exposição de trechos de alguns contos que compõem a obra “Olhos D’Água”, possibilitou perceber as relações existentes entre uma literatura feita por escritores negros e a necessidade de reconhecimento de se fazer parte de uma escrita baseada em vivências.

Dessa forma, buscou-se analisar o conceito de escrevivência dentro da obra para a caracterização das personagens e sua relevância para os significados presentes em cada narrativa, abordando temáticas presentes no cotidiano da sociedade periférica. O estudo destacou a singularidade dos sujeitos negros e reforça as denúncias sociais retratadas pela autora em cada conto. Trouxe abordagens reais do cotidiano de muitos sujeitos representados pelos personagens criados por Conceição Evaristo. A representatividade explícita através da realidade aproxima o leitor da história e o instiga a refletir sobre os fatos narrados. Com esse intuito, as escrevivências fazem da obra um relato da realidade.

Pode-se concluir que se faz necessário compreender as relações entre a ficcionalidade e a realidade das narrativas, levando em consideração os elementos que os constituem. “Olhos D’Água” manifesta essas relações e coloca o leitor em contato com a realidade vivida por personagens reais que lutam pela sobrevivência em meio aos dilemas sociais. Assim, a

literatura, antes de uma mera ficção, assume um caráter verossímil, ou seja, a aproximação com a realidade torna a escrita muito emblemática e cheia de significados. O cuidado com os detalhes fez da obra verdadeira representação daquilo que cada sujeito que se reconhece negro consegue entender, uma releitura de sentidos e abordagens que estão envoltas em diversos contextos. A obra, por fim, pode ser lida como um manifesto sobre a vida de pessoas que são silenciadas.

Referências

- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo, 2010. (coleção em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).
- DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016, p. 147-157.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro/ Acesso em: 01 mar. 2023.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil** – Antologia crítica: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D’Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Org.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. p. 219-229.
- EVARISTO, C. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In*: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132- 142.
- EVARISTO, Conceição. Entrevista a Ademir Pascale. **Conexão literatura** v. 24, 2017, p. 5-10. Disponível em: <http://revistaconexãoliteratura.com.br>. Acesso em: 25 mar. de 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.
- HATTNER, Álvaro. A poesia negra na literatura Afro-brasileira: exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação. *In*: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. V. 17-A. dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 23 mar. de 2023.

IANNI, O. (1988). **Literatura e consciência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, (28), 91-99. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i28p91-99>. Acesso em: 03 mar. 2023.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

OLIVEIRA, L. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem. Florianópolis**, v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 22 mar. de 2023.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. Escrevivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d’água de Conceição Evaristo. *In: Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai.-ago., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SANTOS, L. M. N. S. Quando todas as vidas importam, mas só os corpos negros são tomabados: notas sobre a literatura negra em contexto de exceção. *In: Rejane Pivetta de Oliveira, & Paulo C. Thomaz (Org.). Literatura e Ditadura*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019, p. 73-92.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negros: prosa negro-brasileira contemporânea**. (2018). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/1260>. Acesso em: 10 maio 2023.

Submetido em 30 de setembro de 2023.

Aceito em 05 de novembro de 2023.

DESIGUALDADE MATERIAL E ESPACIAL EM “OS TRANSPARENTES”, DE ONDJAKI



MATERIAL AND SPATIAL INEQUALITY IN “TRANSPARENT CITY”, BY ONDJAKI

Letícia Vital Ferreira¹

Resumo: O presente artigo pretende discutir a questão do espaço no romance “Os transparentes” (2013), de Ondjaki, a fim de ampliar as discussões acerca desse proífico escritor em língua portuguesa, aprofundando os estudos sobre este romance em específico, texto mais politicamente explícito do autor. Procura-se discutir, a partir de uma visão sistêmica, o modo como a desigualdade social aparece refletida nos espaços do romance, destacando-se as diferenças entre locais destinados à elite e aos trabalhadores, e ao acesso permitido ou negado a cada um deles. Destacam-se, também, os aparatos de resistência mobilizados pelas camadas mais pobres na construção de comunidades em seus próprios espaços. Para isso considera-se a presença de elementos do sistema capitalista na produção literária, tal qual proposto por Eagleton (2011) e WReC (2020). Essa perspectiva, no entanto, não invalida a metodologia de busca ativa das representações materiais nos próprios textos. A partir dessa análise, conclui-se que as contradições do sistema capitalista aparecem na caracterização dos espaços do romance e na dificuldade de acesso aos mesmos que marca a classe mais baixa. Encontra-se também, no entanto, formas de resistência coletivas no PrédioDaMaianga, ambiente comunitário de onde se origina um possível novo futuro após a destruição da cidade.

Palavras-chave: Ondjaki; Literatura angolana; Representação do espaço; “Os transparentes”.

Abstract: This article intends to discuss the issue of space in the novel “Transparent city” (2013), by Ondjaki, in order to expand discussions about this prolific writer in Portuguese, deepening studies on this specific novel, the most politically explicit text in the author. We seek to discuss, from a systemic view, the way in which social inequality appears reflected in the spaces of the novel, highlighting the differences between places intended for the elite and workers, and the access allowed or denied to each of them. Also noteworthy are the resistance apparatuses mobilized by the poorest layers in the construction of communities in their own spaces. To achieve this, the presence of elements of the capitalist system in literary production is considered, as proposed by Eagleton (2011) and WReC (2020). This perspective, however, does not invalidate the methodology of actively searching for material representations in the texts themselves. From this analysis, it is concluded that the

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1231204826575444>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3597-9428>, E-mail: leticia.vital.ferreira@usp.br.

contradictions of the capitalist system appear in the characterization of the spaces in the novel and in the difficulty of accessing them that marks the lower class. However, we also find forms of collective resistance in PrédioDaMaianga, a communal surrounding where a possible new future originates after the city's destruction.

Keywords: Ondjaki; Angolan literature; Literary spaces; “Transparent City”.

Introdução

“Os transparentes” (2013), de Ondjaki, narra a história de uma Luanda ficcionalizada a partir de um narrador onisciente que acompanha diversas personagens habitantes desta cidade. As personagens se dividem em dois grandes grupos: os trabalhadores e os membros da elite político-econômica. A distinção entre esses grupos não se baseia, no entanto, somente nas suas ocupações sociais, mas está conectada, em grande parte, aos espaços que ocupam. Enquanto a camada mais elevada da sociedade ocupa locais apresentados como indiferentes aos problemas estruturais da cidade, os mais pobres são cercados por dificuldades e enxergam as soluções às suas dificuldades materiais como impossibilidades. Essas inconsistências refletem justamente “a noção de que a miséria e seu cimento [...] não são acidentes ou resíduos, mas parte integrada no movimento rotineiro da dominação do capital” (SCHWARZ, 2008, p. 81).

Podemos compreender essa confluência de períodos através da Teoria do Desenvolvimento Combinado e Desigual de Trotsky (1930), segundo a qual a imposição do capitalismo em sociedades não (totalmente) capitalizadas provocou não a substituição do sistema preexistente pelo modo de produção capitalista, mas sim a união de ambos, o que, por sua vez, gerou uma contradição persistente entre formas arcaicas e contemporâneas nas chamadas (semi)periferias (WREC, 2020, p. 32). Tendo em mente um quadro teórico segundo o qual a literatura não é somente um texto, mas também uma forma de produção social que se relaciona com as demais facetas da sociedade (EAGLETON, 2011, p. 109), entendemos a literatura como “[...] uma prática social que se revela na importância dada aos fatos históricos que ela procura abarcar, problematizar e não simplesmente refletir” (ROCHA E SILVA, 2011, p. 9-10) e, portanto, acreditamos no diálogo entre as obras de arte e as realidades socioeconômicas de territórios inseridos neste contexto de (semi)periferialidade: “Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma

determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana” (ALMEIDA; OLANDA, 2008, p. 8).

No caso do romance de Ondjaki (2013), portanto, podemos estabelecer interlocuções entre a escrita da Luanda ficcionalizada e o contexto de capitalismo neoliberal selvagem no qual a obra foi escrita. Ao investigar a questão do espaço na narrativa, destacamos também a (im)possibilidade das personagens pobres acessarem determinados locais e as formas possíveis de resistência à exclusão a que estão submetidas.

Espaço e deslocamento

Os espaços no romance “Os transparentes” são de extrema importância para a caracterização das personagens e o desenvolvimento do enredo – dentre eles o mais importante é o que engloba todos os demais, Luanda, cidade representativa da nação angolana tanto no imaginário social quanto na literatura nacional (MACÊDO, 2006, p. 179). No entanto, o romance inicia-se justamente com a destruição da capital angolana, acontecimento tornado ainda mais violento devido à humanização da cidade, que luta pela sobrevivência perante nossa leitura – “a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu passamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 11).

É notável, contudo, que a cidade já possuía rachaduras visíveis e invisíveis antes do golpe final (ou inicial?) do incêndio: por um lado, as feridas visíveis eram causadas, dentre outros motivos, pelas escavações desenfreadas do subsolo; por outro, as fissuras ocultas consistiam nas barreiras sociais que impregnavam as relações, tratam-se de fronteiras de classe, impedindo o contato entre aqueles que deveriam ser membros de uma mesma nação.

[...] de acordo com Martins (1997, p.150), a fronteira “à primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si [...] a um só tempo é o lugar de descoberta do outro, e de desencontro. O desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um [...]. O desencontro nas fronteiras é o desencontro de temporalidades históricas”. A fronteira está, portanto, nos homens (ALMEIDA, 2017, p. 104).

As barreiras socioeconômicas entre as personagens perpassam todo o romance e podem ser exemplificadas através de duas residências, descritas de maneiras muito diferentes, que aparecem ao longo do texto – de um lado, a casa do Ministro e de Pomposa, sua esposa; e, de outro, a do Carteiro.

O local onde mora o Ministro é visitado pelo Cego e pelo VendedorDeConchas², que acreditava poder conseguir vender suas conchas a preços mais elevados para Pomposa. Após atravessarem passeios esburacados – característica ligada à degradação do ambiente –, chegam a “um largo pacato com casas vastas, casas de muatas, com guardas à porta” (IDEM, IBIDEM, p. 58), onde “pela porta aberta viam-se o jardim da casa, a relva curta com desenhos lindos que o vendedor apreciava por fazerem conjunto com as flores [...] móveis brilhantes da varanda, uma pequena garrafeira com whisky, gin e Martini” (IDEM, IBIDEM, p.61). Pela descrição, presumimos se tratar de uma região indiferente à falta de água e de energia que afetam tantas personagens menos abastadas, como exposto por outra personagem, ZéMesmo: “[...] viver aqui ao pé do chefe é que é cuia, nunca falta água nem luz, qual gerador é esse?, nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e nós nada!” (IDEM, IBIDEM, p. 50). A outra situação extrema que observamos é a representada pelo musseque no qual vive o Carteiro.

[...] há anos que o trajeto era este, os seus pés conduziam-no automaticamente a casa, no escuro ou sob a luz de tantos lugares, o Carteiro entrava em seu musseque, cruzava várias casas, curvava por becos de chão irregular e molhado por águas imundas, e antes de chegar a casa atravessava a enorme montanha de lixo que dividia, na realidade, dois musseques, um riozinho de água escura desenhava no chão curvas que imitavam, com muita boa vontade, um enorme mapa de Angola [...] (IDEM, IBIDEM, p. 372)³.

A descrição do caminho percorrido pelo Carteiro ganha maior potência crítica a partir da associação entre o mapa de Angola e a água suja. Por sua vez, parece haver ainda uma aproximação entre a miniatura disforme do país e a ideia de fronteiras, pois os musseques são separados justamente por esta imagem que deveria representar um território unificado. A discrepância sócio-geográfica entre as regiões em que habitam o Carteiro e o Ministro demonstra uma das formas como o poder econômico e político de

² As personagens de “Os transparentes” cujos nomes e alcunhas possuem mais de uma palavra são transcritos, na obra, sem o espaçamento. São exemplo disso o VendedorDeConchas, já mencionado, o jornalista PauloPausado, os fiscais DestaVez e DaOutra, dentre outros.

³ Na obra de Ondjaki, as letras maiúsculas são utilizadas somente para nomes próprios. Além disso, também a pontuação não segue a gramática normativa: são raros os pontos finais e frequentes os parágrafos terminados em vírgula.

poucos se sobrepõe à dignidade da população e, somada à ideia de separação contida na fronteira entre os musseques, surge a reflexão acerca da impossibilidade de livre acesso aos ambientes da cidade. Pode-se considerar, então, que essa cisão é uma espécie de atualização da diferença entre as cidades do colonizado e do colonizador, tal qual sugerida por Fanon (1961, p. 33):

O mundo colonizado é um mundo dividido em dois. [...] essas formas estéticas do respeito à ordem estabelecida criam em redor do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição que diminui consideravelmente as forças da ordem. [...] O intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não mitiga a opressão, nem encobre mais o domínio da ordem.

Respeitadas as especificidades do sistema colonial, descrito por Fanon, e da atualidade neoliberal, inerente à literatura de escritores contemporâneos como Ondjaki, podemos avaliar ambos como formas vinculadas ao modo de produção capitalista e, portanto, compreendê-los como facetas temporalmente separadas de um mesmo projeto social de exploração e opressão.

A presença dos extremos discutidos acima mostra justamente o contraste entre as condições de vida na região abastada e nos demais locais. Há naturalização da situação anômala vivenciada constantemente pelo Carteiro – na narração, nota-se o uso do pretérito perfeito do indicativo como índice da constância com que a personagem enfrentava essas situações, o que também fica explícito através do uso dos termos “há anos” e “automaticamente”. Em contraponto, o VendedorDeConchas e o Cego sentem estranhamento quando estão na região abastada, perceptível na admiração relatada: “– mais-velho, se você ainda pudesse espreitar esse jardim... até dá alegria de uma pessoa olhar” (IDEM, IBIDEM, p.61) – no entanto, o jovem e o mais-velho são expulsos desse território desconhecido assim que terminam suas funções na qualidade de trabalhadores:

- não têm mais que fazer?
 - estamos só a descansar, dona
 - e não podem ir descansar noutro lado? ali na casa do chinês há mais sombra [...]
 - vamos só em frente, aqui não nos querem mais - falou baixinho o Cego (IDEM, IBIDEM, p. 64-65).

A presença atípica de personagens pobres em espaços burgueses é uma anomalia no desenvolvimento do romance e, exatamente por isso, “[...] estabelece o contraste necessário para ressaltar o confinamento do pobre nos lugares menosprezados. A

exceção sublinha a norma [...]. Não apenas a norma social refletida na ficção, mas norma literária que manifesta a estrutura do livro” (CANDIDO, 1972, p. 30). Esse tratamento pode ser percebido também em relação ao Carteiro, cujo trabalho prevê grande mobilidade – ainda assim, o mesmo é rechaçado em determinados ambientes, especialmente quando tenta ser ouvido em relação às suas demandas de melhores condições de trabalho.

o Carteiro tentava entregar as suas cartas na entrada de uma clínica privada, importunando os médicos que chegavam nos seus jipes
– ó homem, vá trabalhar – respondeu um médico, pouco bem-disposto
– mas se é isso mesmo, senhor doutor, se é isso mesmo que eu quero... [...]
já os guardas vinham perguntar do episódio, se o médico precisava de ajuda, se se trataria de um maluco disfarçado de Carteiro, ou de um bêbado insistente, mas logo reconheceram o Carteiro (...) (ONDJAKI, 2013, p. 198-200).

As cenas mencionadas também expõem incongruências do sistema capitalista – enquanto na casa do Ministro, por exemplo, as garrafas de bebidas importadas estão em exposição, os pobres da cidade sofrem com falta de água para as atividades mais básicas. Da mesma forma, os médicos da clínica privada chegam ao local de trabalho com automóveis, mas rechaçam o Carteiro por demandar uma forma de deslocamento condizente com sua profissão. Parte considerável das contradições do capitalismo tardio está justamente na existência de possibilidades materiais para a diminuição das dificuldades enfrentadas pelo proletariado e, ainda assim, simultaneamente, a manutenção desnecessária da precariedade em suas condições materiais de vida. Vale notar, no entanto, que a existência de condições diversas das enfrentadas possibilitam alternativas utópicas ao estado atual.

A história moderna tem sido uma narrativa criteriosa sobre bem-estar material, valores liberais, direitos civis, política democrática e justiça social, e um pesadelo brutal. Essas duas narrativas de maneira alguma estão separadas. A condição dos pobres é intolerável, em parte, porque os recursos para aliviá-la existem em abundância. [...] A mudança social é necessária por causa do lamentável estado do planeta, mas também possível devido aos avanços materiais (EAGLETON, 2016, p. 244).

Os diferentes níveis de mobilidade das personagens são mais um índice revelador das desigualdades a que parte da população está submetida: dentro do núcleo das personagens trabalhadoras, somente o Carteiro e o VendedorDeConchas conseguem se deslocar até regiões mais abastadas, mas isso só ocorre quando estão trabalhando –

desde o momento em que deixam de servir às elites, seja porque suas funções se encerraram, seja porque demandam tratamentos melhores, passam a ser tratados de modo truculento.

Tampouco é frequente a presença de personagens da elite política e financeira nos locais tipicamente associados às personagens pobres. No entanto, é perceptível que seus deslocamentos são mais fáceis e que suas motivações possuem caráter dúbio, quando não explicitamente imoral – o Ministro vai ao PrédioDaMaianga em busca de um local afastado para seus encontros extraconjugais, já os fiscais DestaVez e DaOutra estabelecem relações econômicas questionáveis com comerciantes locais, patrocinando empreendimentos paralelos irregulares, como o cinema no terraço do Prédio e a IgrejaDaOvelhinhaSagrada.

Ainda sobre os diferentes graus de deslocamentos dentro do romance, vale a pena mencionar a questão dos automóveis, que aparecem constantemente em “Os transparentes”. Embora associados à ideia de modernidade - “[Odonato estava] registrando visualmente a proliferação de cartazes de publicidade moderna que anunciavam os telefones e os jipes mais recentes e mais caros do mundo [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 238) –, é necessário compreender a “modernidade” como proliferação das desigualdades, as quais, por sua vez, possuem relação com a coexistência de elementos de diferentes momentos históricos (WREC, 2020, p.35). No romance de Ondjaki, a falta de oportunidades equivalentes a todos pode ser associada a essa coincidência de realidades típicas de diferentes períodos históricos. Afinal, se por um lado há proliferação de carros, por outro as camadas mais baixas da população se deslocam a pé pela cidade de Luanda. Esse é o caso do VendedorDeConchas e do Carteiro, que percorrem longos caminhos durante o dia para realizar seus trabalhos; consideramos que o próprio ofício do primeiro pode ser associado a um momento histórico anterior (afinal, ele mergulha no mar para pegar conchas e vendê-las), e que o segundo tem plena noção de que seu trabalho poderia ser realizado com menor desgaste pessoal e mais eficiência se pudesse usufruir de um veículo motorizado, ou mesmo de uma bicicleta - os representantes do poder, no entanto, consideram esta proposição absurda.

[...] explicava a carta que tendo as entidades competentes analisado o curioso pedido tinham decidido negar a cedência do veículo, em nome da realidade que assistia outros carteiros nacionais que, esses sim, até em províncias muito mais

sofridas de declives e inclinações, continuavam o normal exercício das suas funções sem nunca, até ao momento, terem perdido tempo e gastado papel com pedidos que poderiam vir a ser considerados absurdos senão mesmo, dependendo de quem os recebia e interpretava, ofensivos (ONDJAKI, 2013, p. 373-374)

Ainda em relação à representação dos veículos na narrativa, é frequente que as menções aos carros (viaturas) sejam colocadas lado a lado a descrições sobre um trânsito quase imobilizador, como nas citações “[...] arrancaram, seguindo Makulusu acima, na lentidão possível que o tráfego autorizava” (IDEM, IBIDEM, p.171), “[...] depois de duas horas num trânsito intenso e barulhento [...]” (IDEM, IBIDEM, 276), “o motorista desligou a sirene, o trânsito estava impossível, as viaturas quase não se deslocavam. uma volta ao quarteirão, ou duas, poderia demorar mais de quarenta e cinco minutos [...]” (IDEM, IBIDEM, p. 33). A este respeito, é possível que haja uma leitura contrária à idealização destes símbolos da “modernidade” significando “evolução” – a imobilidade causada pelo excesso de carros se soma, então, ao incêndio causado pela exploração de petróleo, ambos elementos da modernidade que destroem aos poucos a cidade.

[...] a cidade estava um caos com obras novas e antigas a acontecer ao mesmo tempo, mais as tais escavações da CIPEL, mais os buracos para instalação de televisão a cabo, mais os buracos da chuva e os buracos abertos que nunca ninguém se lembrara de pavimentar e os dos miúdos que viviam no subsolo da cidade e que agora, coitados, deveriam ser expulsos pela vinda da nova canalização ou mesmo pela instalação da perigosa maquinaria que deveria extrair o petróleo, [...] (IDEM, IBIDEM, p. 104).

É curioso, ainda a este respeito, que a única menção de um veículo em associação à ideia de velocidade ocorre em uma cena envolvendo DomCristalino: “Cristalino chegou pontualmente à casa do Ministro, apesar do trânsito caótico e sem dispor de uma viatura com sirene” (IDEM, IBIDEM, p. 175) – é como se somente para o capital privado a modernização estivesse ocorrendo de maneira positiva, como desenvolvimento, e não como agravamento do subdesenvolvimento. É graças a essa imobilidade dos representantes do Estado frente à potência da elite financeira que Luanda é assassinada aos poucos, não somente pelo grande incêndio, mas principalmente pelo sistema econômico adotado, muitas vezes disfarçado em um discurso evolucionista que, no entanto, pouco faz pelas (semi)periferias.

Significa que bens e serviços de um certo tipo estão aumentando. Pode haver mais exportação de borracha e café, pode haver mais carros sendo importados

com os lucros. Mas o lucro vai para o exterior, e a economia se torna mais e mais dependente das metrópoles. [...] as únicas coisas que se desenvolveram foram a dependência e o subdesenvolvimento (RODNEY, 1973, p. 369).

(Ainda) um espaço de coletividade

A Luanda ficcionalizada se cerca em uma lógica de desigualdade, exclusão e individualidade – se isso pode ser interessante para as elites, cercadas de privilégios e ganhos pessoais, a representação dos mais pobres estabelece o oposto: “[a] individualização é [...] uma aventura para a maior parte de grupos fragilizados pelas mudanças sociais e econômicas: desempregados, trabalhadores informais, o novo proletário do setor terciário, agricultores sem-terra, indivíduos com empregos sazonais, entre outros. A individualização pode ser sinônimo de deriva rumo à exclusão social” (ALMEIDA, 2009, p. 213).

Em oposição a esse individualismo reinante, encontra-se o PrédioDaMaianga. A descrição estrutural do Prédio poderia levá-lo a ser entendido como degradado: existe uma caixa para o elevador, mas a mesma encontra-se vazia, obrigando seus moradores a subirem diversos lances de escada; há a presença de uma inundação eterna no primeiro andar; além da infinidade de antenas de televisão no terraço – “ali dormiam quietas ou bailavam ao vento as inúmeras antenas, as de antigamente, envelhecidas, tortas ou mesmo cambaleantes, e as mais recentes, pequenas e grandes, parabólicas, dessas que apanham notícias e vozes de outros lugares mais internacionais [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 47).

No entanto, muito mais do que um espaço de destruição, o edifício é tratado como um ser vivo que possibilita a união e a comunidade – “O Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva [...] com passagens comunicantes de comportamentos autônomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas” (IDEM, IBIDEM, p. 14). Além disso, são muitos os momentos nos quais esse organismo parece proteger e amparar os merecedores – “o prédio tinha este dom de acolher quem entendesse dever acolher [...]” (IDEM, IBIDEM, p.173), receptividade essa que fica ainda mais aparente nas águas misteriosas da eterna inundação, que, além de servirem “[...] a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas [...]” (IDEM,

IBIDEM, p. 14), também apresentam “inexplicáveis poderes de relaxamento” (IDEM, IBIDEM, p. 242) dos quais toda a comunidade usufrui. De maneira similar é descrito o terraço do Prédio, “lugar aberto e desarrumado, frequentado por quem lá quisesse ir” (IDEM, IBIDEM, p. 47).

No entanto, tanto as águas do primeiro andar quanto o terraço são considerados mal-utilizados pelos fiscais DestaVez e DaOutra – os gêmeos sugerem a mercantilização do terraço com a transformação do mesmo em cinema com sessões pagas, além de criticarem a presença das águas livremente utilizadas pela comunidade. Tudo isso se dá, entretanto, porque o Prédio aparece na função de oposição à lógica individualista e egocêntrica que parece dominar o resto da Luanda de “Os transparentes”, na qual o desejo por ganhos financeiros individualizados acaba por destruir toda a cidade.

As personagens que habitam o PrédioDaMaianga, de forma geral, agem de modo a auxiliar uns aos outros – “Cremos que não seria exagero cogitar nesses territórios sítios potenciais de resistências, intervenção e de tradução decorrentes das estratégias de diferenças” (ALMEIDA, 2017, p.109). Exemplos dessa posição de resistência à lógica externa são frequentes na obra: é o caso da participação de todos quando CienteDoGrã, filho de Odonato, é baleado e escondido no prédio; ou mesmo quando os vizinhos ajudam a família a pagar os policiais com comida em troca de notícias (que nunca chegam) do mesmo Ciente. Mesmo MariaComForça, que no início da narrativa se nega a “fazer caridades”, acaba por fornecer alimentos e bebidas gratuitamente em diversas ocasiões ao longo do romance; todos os moradores acolhem Paizinho e o cedem um apartamento para morar; já o CamaradaMudo e Edu se fazem companhia em suas crises:

- outra vez com febre, Edú?
- até não
- então foste buscar o termómetro para quê?
- para depois o Mudo ter que vir cá buscar, se não ele fica lá em cima sozinho e eu também, assim temos uma desculpa de conversa (ONDJAKI, 2013, p. 40)

As personagens deste núcleo são como uma comunidade de transparentes que tem em Odonato seu representante máximo. A transparência dessa personagem é a única aparente ao olhar, no entanto sabemos tratar-se de um símbolo por suas próprias palavras: “[...] não somos transparentes por não comer... nós somos transparentes porque somos pobres” (IDEM, IBIDEM, p.190); “a transparência é um símbolo [...] não é

todo o povo. há alguns que são transparentes. acho que a cidade fala pelo meu corpo...” (IDEM, IBIDEM, p.265). Em relação às citações feitas, vale ressaltar que essa invisibilidade não está associada somente a Odonato, mas à parte significativa do povo, os pobres; tal qual no título do romance, a transparência é um traço plural, comunitário.

Apesar de pouco falante, a figura de Odonato apresenta, durante todo o romance, uma forte austeridade e demonstrando contrariedade para com o presente luandense, como é demonstrado em sua fala “— passámos muitos anos, Xilibaba, em busca do que é bonito para suportarmos o que é feio. [...] já é hora de encararmos o que não está bem” (IDEM, IBIDEM, p.48). Frequentemente retratado como um sonhador saudoso do passado, Odonato não se encontra parado no tempo, pois reflete também sobre o futuro: “— é verdade, hoje é que entendi bem isso. tenho saudades em todas as direções, não tenho só saudades do passado. tenho saudades até de coisas que ainda não aconteceram” (IDEM, IBIDEM, p.189). Essa sua fala ilustra o desejo não de retorno a um passado idílico, mas sim da construção de um futuro alternativo. Odonato também contrasta com as figuras dos poderosos, opondo-se ativamente quando os fiscais DestaVez e DaOutra aparecem no PrédioDaMaianga e constroem os moradores, e, ao contrário da perspectiva que domina o livro, Odonato tira do senso de comunidade as suas forças de mobilização: “ – por acaso, vocês sabem quem sou eu? [...] eu sou parte deste povo! do povo angolano. o povo... conhecem essa palavra? é uma palavra cheia de gente!” (IDEM, IBIDEM, p.133).

É curioso, então, o desfecho dessa personagem. Enquanto a cidade queima em um incêndio causado pela sanha financeira dos ricos e poderosos, e os personagens da elite desaparecem, Odonato, o maior representante do senso de comunidade está tão leve que acaba voando pelos ares durante o incêndio. Ressalta-se aqui o simbolismo, na literatura angolana, da destruição da cidade de Luanda como expurgação de um projeto estético-ideológico não concretizado, a solidariedade em prol da liberdade (MACÊDO, 2008, p. 206-207). Projeto esse que consideramos não somente como não realizado, mas como irrealizável dentro dos moldes neoliberais, de tal modo que se torna ainda mais simbólica a permanência, na Luanda apocalíptica, apenas das personagens cujo emblema é o do companheirismo e da coletividade, das quais o líder maior era Odonato. Se a morte é um contragolpe na utopia, no desejo por um futuro outro, mas também é a

marca da redenção do bem sobre o mal (BLOCH, 2005, p.26), como podemos compreender a não-morte deste ser que flutua sobre as chamas de Luanda? Se por um lado, o fato de Odonato ser levado para longe pode implicar que não pertence ao futuro por vir, por outro, pode significar a resiliência dos mais pobres, tantas vezes desconsiderados pelas elites ao longo da narrativa. Desse modo, a sobrevivência das personagens que possuem ligação ao PrédioDaMaianga, convivendo com a explosão da cidade em chamas, estabelecem chave de leitura desse espaço enquanto protetor dos excluídos – [...] os três desciam agora em perfeita cegueira, guiados por uma espécie de ruído salvador que as águas, agora mais fortes, transmitiam a quem procurasse por elas [...] ali onde um maior fluxo de águas acontecia e janelas de oxigénio se pareciam abrir” (ONDJAKI, 2013, p. 392). Consideramos, então, que frente à hostilidade do fogo que se abre sobre a Luanda ficcional, “[...] os valores de proteção e de resistência da casa são transformados em valores humanos [...]. Contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo” (BACHELARD, 1978, p. 227).

Devido à sobrevivência e ênfase nos trabalhadores conscientes, possivelmente protegidos por essa figura transparente indestrutível, é possível enxergar, ao final do livro, um momento de luta solidária, e não de medo ou imobilidade – vale pontuar a fala de uma mais-velha após o início do fogo: “ai, meu deus, começou outra guerra [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 385). Nota-se, a esse respeito, a continuidade do ideal comunitário no incêndio - “as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase secreto, mais para dividir receios que temperaturas [...]” (IDEM, IBIDEM, p.393). Desse modo, a comunidade criada dentro do Prédio mantém ideais utópicos de solidariedade que subsistem mesmo com a destruição de Luanda, “[a]ssim, além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais” (BACHELARD, 1978, p. 208). As últimas palavras de Odonato podem, então, justamente representar uma imediatez combativa que supera tanto o passado nostálgico como a projeção sentimentalista do futuro, fazendo do presente o momento da ação – “acabou o tempo de lembrar, choro no dia seguinte as coisas que devia chorar hoje” (ONDJAKI, 2013, p.399), palavras usadas como alimento pelo galo caolho, e, quiçá, pelos demais sobreviventes na instauração de um outro futuro possível.

Considerações finais

Com base na leitura de “Os transparentes”, é notável que os espaços do romance estão associados às classes sociais que neles convivem. Enquanto os membros da elite parecem imunes às dificuldades estruturais da Luanda ficcionalizada, as personagens pobres possuem dificuldades materiais incongruentes com o momento histórico retratado, especialmente ao levar em conta a presença dos carros importados e de tecnologias vanguardistas para a extração do petróleo. Também o deslocamento das personagens trabalhadoras é de interessante destaque, pois elas só podem acessar os locais tipicamente destinados às elites em posições de serventia às mesmas.

Por isso, o PrédioDaMaianga parece surgir, no enredo, de modo a representar resistência às condições neoliberais vigentes. No edifício a princípio compreendido como degradado, a comunidade de transparentes se organiza em torno da figura de Odonato. O auxílio contínuo e o usufruto generalizado dos ambientes, inclusive com aval do próprio Prédio personificado, constroem um local de sobrevivência aos excluídos do sistema – inclusive a ponto de preservar suas vidas no momento em que a cidade incendiada parece prestes a morrer.

A respeito da repetição do motivo da destruição de Luanda na literatura angolana, pode-se considerar que a inexistência de membros das elites após o incêndio, aliado ao aparecimento dos mais pobres, pode apontar para uma possibilidade de futuro alternativo. Possibilidade essa que ganha força a partir do desfecho de Odonato, representante dos invisibilizados da cidade, não só porque ele voa para longe – potencialmente significando o final da sua necessidade de representação dos transparentes –, mas também porque sua sobrevivência em um formato distinto aponta para a impossibilidade de sua morte: os transparentes persistem.

Referências

ALMEIDA, M.G. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: ALMEIDA, M.G. (Org.). **Territorialidades na América Latina**. 1 ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2009, p. 208-218.

ALMEIDA, M.G. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v.2, n.02, p.103–114, 2017. DOI: 10.5418/RA2005.0202.0009. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Bachelard, Gaston, 1884-1962: vida e obra**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

BLOCH, E. Introduction. In: BLOCH, E. **The principle of hope**: volume one. Massachusetts: The MIT Press, 1996, p. 3-18.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, p. 67-89, 1970. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638>. Acesso em: 15 set. 2023.

EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, 1961.

MACÊDO, Tania. Luanda: violência e escrita. In: CHAVES & MACÊDO **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006, p. 175-187.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. Editora UNESP, 2008.

OLANDA, D.A.M.; ALMEIDA, M.G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v.23, n.46, p.7-23, jul./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2008v23n46p7>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7>. Acesso em 15 nov. 2023.

ONDJAKI. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RODNEY, W. **How Europe underdeveloped Africa**. Bogle-L'Ouverture Publications, London and Tanzanian Publishing House, Dar-Es-Salaam, 1973.

ROCHA E SILVA, R. Apontamentos do materialismo para uma abordagem crítica das relações entre Literatura e História nos países africanos de língua portuguesa. **Revista Crioula**, [S. l.], n.9, 2011. DOI: 10.11606/issn. 1981-7169.crioula.2011.55361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/55361>. Acesso em: 15 set. 2023.

SCHWARZ, R. Cultura e política, 1964-1969. In: SCHWARZ, R. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras.

WReC - Warwick Research Collective. **Desenvolvimento combinado e desigual**: por uma nova teoria da literatura-mundial. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Submetido em 30 de setembro de 2023.

Aceito em 17 de novembro de 2023.

NEM TODAS AS PESSOAS PODEM: VIOLÊNCIA E PODER NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”, DE MACHADO DE ASSIS



NOT ALL PEOPLE CAN: VIOLENCE AND POWER IN THE SHORT STORY “PAI CONTRA MÃE”, BY MACHADO DE ASSIS

Vanessa Lara de Souza Santos¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral a investigação de como se estabelecem as relações de “poder” e “violência” no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, entre as personagens Cândido e Arminda. À luz de teóricos (FOUCAULT, 1979; ARENDT, 2004; BOURDIEAU, 2012; HAN, 2017; GOMES, 2021), assume-se que “poder” e “violência” são conceitos relacionados. Como objetivos específicos, estabeleceram-se os seguintes: i) Analisar como as palavras do campo semântico “natural” trazem o que é culturalmente construído e, por isso, normalizado; ii) Observar como se constrói a microfísica da violência no conto e ii) Verificar como o “poder” se estabelece na relação entre as personagens Cândido Neves e Arminda, destacando os motivos pelos quais Cândido, ao final do conto, diz a seguinte frase: “Nem todas as crianças vingam”. Para isso, foi analisado o conto de Machado de Assis através de teóricos a fim de abordar como o “poder” circula entre as personagens e como a microfísica da violência se faz presente. Com essa análise, pretende-se contribuir com as discussões a respeito de “poder” e “violência” em um texto machadiano. Este trabalho demonstrou que, no conto, o que é dito como “natural” é, na verdade, naturalizado pelas instâncias de poder vigentes, além disso, a personagem Arminda sofre não só a “violência” física, como também a simbólica, já que o “poder” está nas mãos da personagem Cândido.

Palavras-chave: Poder; Violência; Cândido; Arminda; Machado de Assis.

Abstract: The general objective of this work is to investigate how relations of “power” and “violence” are established in the short story “Father against Mother”, by Machado de Assis, between the characters Cândido and Arminda. In the light of theorists (FOUCAULT, 1979; ARENDT, 2004; BOURDIEAU, 2012; HAN, 2017; GOMES, 2021), it is assumed that “power” and “violence” are related concepts. The following were established as specific objectives: i) Analyze how words from the “natural” semantic field convey what is culturally constructed and, therefore, normalized; ii) Observe how the microphysics of violence is constructed in the story and ii) Verify how “power” is established in the relationship between the characters Cândido Neves and Arminda, highlighting the reasons why

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4696496779798498>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2985-3974>, E-mail: vanessalarasantos@gmail.com

Cândido, at the end of the story, says the following sentence: “Nor all children succeed.” To this end, Machado de Assis’s short story was analyzed in the light of theorists to address how “power” circulates between the characters and how the microphysics of violence is present. With this analysis, we intend to contribute to discussions about “power” and “violence” in a Machado text. This work demonstrated that, in the story, what is said to be “natural” is, in fact, naturalized by the current instances of power. Furthermore, the character Arminda suffers not only physical “violence”, but also symbolic violence, since “power” is in the hands of the character Cândido.

Keywords: Power; Violence; Cândido; Arminda; Machado de Assis.

Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo geral investigar como se estabelecem as relações de “poder” e “violência” no conto intitulado “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Num cenário escravagista, de um lado, temos o pai, Cândido Neves, homem liberto, e, por outro lado, temos a mãe, Arminda, mulher escravizada.

A personagem Cândido Neves tinha como ofício procurar escravos fugidos, em troca de gratificação financeira. Um dia, conhece a personagem Clara por quem se apaixona. Os dois se casam e pretendem ter filhos. Passam a morar juntos Cândido, Clara e a tia dessa, Mônica. Logo, tiveram a notícia de que teriam um filho. Apesar de ser um ofício que lhe gerava lucros – o de procurar escravos fugidos –, com o passar do tempo, foi se tornando um ofício para muitos e a concorrência aumentou, provocando muitas dívidas na casa de Cândido. Com muitas dívidas, Cândido decide entregar o filho à adoção e, próximo de chegar ao local, avista uma mulher escravizada fugida que havia visto nos anúncios. Grávida, a escravizada suplica para que ele não a entregue, já que poderia perder o filho. Entretanto, Cândido a entrega, recebe a gratificação e consegue ficar com seu filho. Ao final, ele diz: “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1904, p. 11).

A partir disso, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos: i) Analisar como as palavras do campo semântico “natural” trazem o que é culturalmente construído e, por isso, normalizado; ii) Observar como se constrói a microfísica da violência no conto e ii) Verificar como o “poder” se estabelece na relação entre as personagens Cândido Neves e Arminda, destacando os motivos pelos quais Cândido, ao final do conto, diz: “Nem todas as crianças vingam”. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico os autores Arendt (2004), Bourdieu (2012), Foucault (1979), Gomes (2021) e Han (2017) a fim de discutir “poder” e “violência” na análise do conto. Dessa forma, esta pesquisa se justifica por trazer a perspectiva de “poder” e “violência” em um

conto machadiano. Não só as relações de poder, como também os tipos de violências sofridos pela personagem principal, Arminda.

Este artigo se organiza da seguinte forma: i) Discutiremos sobre *poder* e *violência* à luz dos teóricos; ii) Analisaremos o “natural” e o “naturalizado” no conto; iii) Observaremos a microfísica da violência no conto; iv) Verificaremos as relações de poder entre as personagens principais Cândido e Arminda e v) Elucidaremos as considerações finais.

Sobre “poder” e “violência”

Os conceitos de “poder” e de “violência” são, comumente, associados. Entretanto, é preciso entender como estes conceitos se caracterizam e se relacionam. Nesta seção, pretendemos elucidar uma breve discussão sobre “poder” e “violência”, por meio dos autores Arendt (2004), Foucault (1979) e Han (2017).

De acordo com Foucault (1979), o “poder” não é algo que se tem, mas algo que circula entre as pessoas, por meio de suas relações. Segundo o autor: “[...] o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.” (FOUCAULT, 1979, p. 66). Seria, portanto, algo que circula entre as pessoas e, por consequência, está presente em suas atitudes e seus discursos.

Endossando isto, trazemos o que Arendt (2004), baseada em Foucault, nos diz sobre o “poder” ser uma habilidade humana que não pertence a um indivíduo em si, mas sim a um grupo. Concernente Arendt (2004, p. 27):

O “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder Jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (potestas in populo, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, “o seu poder” também desaparece (ARENDRT, 2004, p. 27).

Dessa forma, o “poder” circularia entre um grupo, enquanto o indivíduo permanecer nesse grupo. Lembremos, ainda, da distinção feita pela autora entre

“poder”, “força” e “violência”. O “poder” seria um instrumento de dominação que circula entre grupos, além de ser diferente da “força” e da “violência”. Assim, a “força”, comumente associada à violência, refere-se à “energia liberada através de movimentos físicos ou sociais” (ARENDR, 2004, p. 28). Seria, portanto, a energia utilizada para machucar algo ou alguém.

Enfim, no que tange à “violência”, essa seria instrumental, e não a essência de algo. Procura, assim, justificativas para atender seus fins. É bom lembrar que a “violência” só tem utilidade quando acompanhada do “poder”. De acordo com Arendt (2004):

Quando as ordens já não são obedecidas, os instrumentos da violência não são de utilidade alguma; e esta obediência não é decidida pela relação autoridade/obediência, mas pela opinião pública, e, é claro, pelo número de pessoas que compartilham dela. Tudo depende do poder por detrás da violência (ARENDR, 2004, p. 30).

Diante disso, observamos que de nada vale a violência sem o “poder” de quem a utiliza. Isso porque é investido de “poder” que a violência é legitimada e justificada.

Outrossim, Han (2017) nos traz o que seria a microfísica desta violência. Para tanto, recorre à microfísica do poder de Foucault. Nessa, vale mais o “poder” disciplinar e o biopoder em detrimento do “poder” de morte do soberano. De acordo com Han (2017), o “poder” do soberano seria caracterizado pelo poder matar alguém, enquanto o “poder” disciplinar seria o poder de ter domínio sobre a vida de alguém. Entretanto, conforme Han (2017), Foucault, quando trata de “violência”, foca na violência sangrenta das guerras às quais, antigamente, justificavam-se em nome de um soberano, mas, atualmente, justifica-se em nome de todos. É preciso se utilizar da violência em nome de todos. Dessa maneira, a microfísica da violência seria, portanto, usar da violência respaldada por uma justificativa utilizada para favorecer sobretudo a classe dominante.

A seguir, traremos uma análise sobre o “natural” e o “naturalizado” no conto “Pai contra mãe”, apresentando o que é normalizado para favorecer, é claro, a classe dominante.

Uma análise do “natural” x “naturalizado”

Nesta seção, traremos algumas discussões a respeito do que é dito como *natural*, mas, na verdade, seria “naturalizado” e “normalizado” no conto “Pai contra mãe”, de

Machado de Assis. Para isso, trazemos aqui algumas definições dadas pelo Dicionário Aulete Digital sobre a palavra “natural”. São estas: “Ref. à natureza ou próprio dela; Em que não há intervenção humana; Nascido, originário de um determinado local; De acordo com o esperado.” (AULETE, 2023). Partindo desses conceitos, observamos, no conto, que aquilo que é qualificado como “natural” não diz respeito, propriamente, a produtos da natureza, mas sim a produtos dos homens e, sobretudo, das instâncias vigentes de poder, o que observaremos com os fragmentos do conto.

O conto “Pai contra mãe” traz, em seu contexto espacial e histórico, a escravidão. Logo no início, há uma descrição dos instrumentos e ofícios os quais o sistema escravagista manifestou. A seguir, podemos observar o trecho:

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel (ASSIS, 1904, p. 1).

Nesta descrição, podemos verificar que, com a escravidão, surgiram ofícios e aparelhos de tortura como a máscara descrita pelo narrador machadiano. Destacamos aqui o campo semântico da locução verbal e do verbo, respectivamente, “fazia perder” e “perdiam” utilizados para descrever o que a máscara de folha-de-flandres causava nos escravizados. O uso do verbo perder não parece ser por acaso, uma vez que “perder algo” parece denotar que esse algo lhe era pertencente e inato. Esta característica inata aos escravos seria, como mencionado, o vício da embriaguez e a tentação de furtar. Por ser algo inato, parece-lhes “natural”. Lembremo-nos da definição de “natural”, aquilo que é próprio da natureza. Dessa forma, percebemos características descritas como “naturais” dos escravos, quando, na verdade, seriam instrumentos de dominação utilizados pela instância vigente de poder. É bom lembrar sobre o que Arendt (2004) nos traz acerca de legitimidade do poder. Conforme Arendt (2004):

O poder é originado sempre que um grupo de pessoas se reúne e age de comum acordo, porém a sua legitimidade deriva da reunião inicial e não de qualquer ação que possa se seguir. A legitimidade, quando desafiada, baseia-se em um apelo ao passado, enquanto a justificativa diz respeito a um fim que se encontra no futuro (ARENDR, 2004, p. 32-33).

Em outras palavras, era preciso legitimar esses aparelhos de alguma forma. Para isto, utilizavam-se de justificativas descabidas, como se fosse da natureza dos escravos serem daquela forma: o vício de se embriagar e a ‘tentação’ de furtar. Se é natural deles, assiste à sociedade tratá-los por meio de instrumentos, visto que isto só favorece à instituição vigente de poder, a qual, neste caso, seriam os senhores e proprietários de terras. É importante observarmos os meios que as instituições vigentes de poder se utilizam para justificar ações que só lhes beneficiam.

Ainda se tratando desta ideia de o que é “natural”, há um momento no conto em que a personagem Cândido Neves amarra os pulsos de Arminda e a arrasta pela rua. Verificamos isto no trecho a seguir:

A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário [...] Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites. (ASSIS, 1904, p. 10)

Observamos que, embora Arminda esteja grávida e sendo arrastada, gemendo, pela rua, ela ainda era uma mulher escravizada. Ainda que gritasse, ninguém iria ajudá-la. É interessante este excerto “Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia” (ASSIS, 1904, p. 10), uma vez que verificamos a ideia do “naturalmente”. Seria natural e comum não acudir uma escravizada que pede socorro. É fato que ela sofre uma violência física, mas é importante atentarmos à violência simbólica sofrida por ela, quando parece ser invisível ao olhar dos outros. De acordo com Bourdieu (2012), a violência simbólica:

[...] se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural (BOURDIEU, 2012, p. 47).

Dessa maneira, nessa ideia de que é natural não ajudar alguém que pede ajuda, no conto, verificamos que a atual conjuntura vigente de poder permite que Arminda seja invisível e que todos achem isso natural. Conforme Han (2017), esta invisibilidade conferida à Arminda estabiliza uma ordem de domínio. Não se questiona, porque é

natural, mas não deixa de ser uma tamanha violência patriarcal. Isso porque o senhor das terras não era somente dono de terras, mas também tinha o poder e o domínio sobre os corpos das pessoas escravizadas.

Por fim, destacamos, ainda, no conto, o seguinte trecho: “O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor.” (ASSIS, 1901, p. 11). É interessante que lembremos o que foi posto como da natureza dos escravos: vícios e furtos. Não lhes é natural sentimentos. Por outro lado, Cândido é caracterizado pela sua fúria natural de amor pelo filho. Na próxima seção, discutiremos sobre a microfísica da violência no conto.

A Microfísica da violência

Como bem mencionado anteriormente “Sobre *poder e violência*”, Han (2017) nos traz o que seria a microfísica da violência a qual se justifica por meio do “poder disciplinar”. De acordo com Han (2017), esse “poder”:

Não é um poder de morte do soberano, mas um poder de vida, cuja ‘função suprema já não é matar, mas a plena e total imposição da vida’. O velho poderio da morte, no qual se manifestava a soberania, deu lugar à ‘cuidadosa administração dos corpos’ [...] Em vez de martirizá-lo, o poder disciplinar insere o corpo em sistema de ordens e proibições (HAN, 2017, p. 92).

Dessa maneira, esse “poder” diz respeito ao poder de ter domínio sobre a vida do outro. Nesta seção, observaremos como esse “poder” se manifesta em “Pai contra Mãe”.

De acordo com Han (2017), esse “poder” busca se justificar. Observemos, por exemplo, este trecho do conto: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.” (ASSIS, 1904, p. 1). Nele, observamos que haveria uma razão para o uso da máscara de folha-de-flandres: manter a ordem social e humana, ainda que seja com algo considerado grotesco. Podemos observar, dessa forma, a ironia que é comum nos textos de Machado de Assis. O autor se utiliza da ironia para criticar o uso da máscara, justificado pela sociedade para se manter a ordem social e humana. Gomes (2021) trata desta ideia de os castigos serem justificados por conta de um caráter pedagógico. Segundo o referido autor:

No imaginário escravista, o castigo, além do seu caráter educativo e pedagógico, era também uma maneira de disciplinar e organizar a força de trabalho cativa. Para isso, o senhor não perdia de vista que o escravo era um ativo econômico, uma máquina produtiva que não poderia ser perdida ou desperdiçada inutilmente. Matar um escravo numa sessão de açoite significaria uma perda considerável de investimento (GOMES, 2021, p. 302).

Nesse excerto, podemos verificar o quanto os escravos foram desumanizados, uma vez que eram vistos como máquinas produtivas, como é descrito. Vemos, ainda, a ideia de que perder um escravo seria perder dinheiro. Isso visualizamos no conto também no excerto a seguir: “Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói.” (ASSIS, 1904, p. 2). Moderar a ação seria, portanto, controlar a violência física, porque escravos seriam sinônimo de dinheiro. É bom lembrar que toda essa desumanização segue respaldada e justificada por meio do “poder disciplinar”.

Outrossim, vale mencionar que esta dominação entre senhor e escravos precisa não só ser justificada como também legitimada. Conforme Arendt (2004), o domínio do senhor sobre os escravos não era porque eles tinham instrumentos de dominação, mas sim porque este domínio era legitimado pela sociedade. De acordo com a autora: “Homens isolados sem outros que os apoiem nunca têm poder suficiente para fazer uso da violência de maneira bem-sucedida.” (ARENDR, 2004, p. 32). Em outras palavras, havia um sistema escravocrata que permitia essa violência e legitimava estes senhores.

Ademais, observemos a justificativa utilizada para a violência aos escravos: era preciso pôr ordem à desordem social e humana. Conforme sugere o trecho a seguir do conto:

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem (ASSIS, 1904, p. 2).

Nesse trecho, mais uma vez, temos a ideia de se manter a ordem através de instrumentos de violência. Assim, capturar escravos que fugiram teria uma “nobreza” implícita, pois é como se fosse reestabelecer a desordem social, com um bem à sociedade, ou melhor, à instituição de poder vigente. Isso pressupõe uma justificativa para usar da violência. A desordem social, portanto, desafiaria a classe dominante dos

senhores e, por isso, eles precisam se utilizar dela para justificar seus atos violentos. Aqui, é válido lembrar de Arendt (2004):

A violência é, por sua própria natureza, instrumental; como todos os meios, está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca. E aquilo que necessita de justificar-se através de algo mais não pode ser a essência de coisa alguma (ARENDR, 2004, p. 32).

Diante disso, a “violência” seria algo instrumental, no sentido de procurar justificativas para seus fins. Essa violência seria utilizada a fim de manter a ordem social vigente: daqueles que circulam com o “poder” sobre os corpos escravizados. Na seção a seguir, trataremos mais sobre esta questão do “poder”, principalmente das relações de poder entre as personagens principais.

Quem pode mais no conto em estudo: o pai ou a mãe?

Nesta seção, trataremos das relações de poder estabelecidas entre as personagens principais Cândido Neves e Arminda. É bom lembrar que, para Foucault (1979), o “poder” é algo que circula entre as pessoas por meio de suas relações. Segundo Arendt (2004), o “poder” não pertence a um indivíduo, mas a um grupo de pessoas que, no momento, está investido de poder.

Dessa forma, pretendemos mostrar que, apesar de sua atual situação financeira precária, Cândido, por ser um homem livre e branco, poderia ter maiores chances de permanecer com seu filho. Como ele bem diz ao final do conto: “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1904, p. 11). Nesse sentido, ele estava investido da possibilidade de ter seu filho. Um pai investido de poder e possibilidades contra uma mãe sem possibilidade alguma. Assim, a vida do filho de Cândido se sobressai à morte do filho de Arminda, que nem teve o poder – a oportunidade – de desenvolver sua própria vida.

É importante nos atentarmos, ainda, ao trecho que se segue, uma fala de Cândido: “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?” (ASSIS, 1906, p. 10). Nesse excerto, notamos o seguinte: Cândido tem o poder, a possibilidade de entregar o filho, caso não conseguisse dinheiro para se sustentar. É válido lembrar que, desde o intuito de ter um filho, ele já não tinha condições de sustentá-lo e, ainda assim, teve-o. Por outro lado, Arminda não teria a possibilidade de ter um filho, muito menos de optar por doá-lo, em vista de sua situação de mulher escravizada. Ela tem culpa, é responsável

por isso. Ele não teria, na visão dele, por causa das circunstâncias com as quais ele lidava no momento.

Além disso, de acordo com Han (2017), o “poder” possibilita que estruturas firmes continuem consolidadas, isto é, mantém-se, então, a ordem vigente. Observemos o trecho a seguir do conto:

Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.
– Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração (ASSIS, 1904, p. 11).

No fragmento acima, podemos observar que Tia Mônica critica Arminda por causa do aborto e da fuga, ilustrado em “algumas palavras duras contra a escrava” (ASSIS, 1904, p. 11). Isso nos mostra que a crítica recaiu sobre Arminda por ter abortado e fugido, como se a personagem tivesse optado por isso, quando, na verdade, essa não tinha a opção de escolha, já que não detinha o “poder”.

Destaquemos, além disso, a ideia de que Cândido abençoava a fuga de Arminda, ilustrada em “Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava o aborto” (ASSIS, 1994, p. 11). É importante observar o uso da palavra “abençoar” que denota um sentido religioso, o que nos leva a crer que, até Cândido tivesse o poder de ter a benção, segundo o aspecto religioso, enquanto Arminda não teria esse poder. Em outras palavras, poder e possibilidade, aspectos relacionados, já que quem tem poder tem possibilidades, se entrelaçam e influenciam também no âmbito religioso. Usa-se isso para justificar a violência, já que Cândido pouco se importou com o aborto.

Além disso, vale considerarmos o contraponto estabelecido entre o significado dos nomes das personagens Cândido e Arminda. De acordo com o dicionário Aulete Digital (2023), Cândido se refere “ao que é muito branco, que não tem culpa, malícia, nem pensamentos ou sentimentos maus”. Por outro lado, consoante o dicionário de nomes próprios (2023), Arminda, nome de origem germânica, significa “mulher do exército” e “a que possui armas”. A escolha pelos nomes das personagens parece não ser por acaso: caracterizado por não ter malícia, Cândido demonstra o contrário; enquanto Arminda, caracterizada por possuir armas, tem tudo menos armas para se defender.

É importante observarmos a escolha pela simbologia dos nomes que parece ser também uma crítica social que contrasta um pai Cândido, branco, “ingênuo” contra uma mulher negra escravizada, “que possui armas”. As características de seus nomes são opostas às suas atitudes e condições de poder.

Vale lembrar, como foi mencionado na seção anterior, que Cândido tinha uma “nobreza implícita”, tal qual nos disse o narrador, uma vez que ele estava reestabelecendo a ordem social ao levar uma escravizada fugida ao senhor. Dessa maneira, quando ele diz que nem todas as crianças vingam é porque certas crianças pertencem a grupos dotados de poder e, por isso, teriam êxito, ou pelo menos teriam a oportunidade da vida, como acontece no conto.

Considerações finais

Com este artigo, pretendemos iniciar as discussões a respeito de “poder” e “violência” no conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis. Para isto, fizemos uma análise do conto a partir de três objetivos específicos.

Observamos que esses objetivos foram alcançados. Percebemos a diferença do “natural” para algo que é “naturalizado”. Além disso, observamos que o dito “natural” é para justificar a violência contra escravos e manter o “poder” nas mãos dos proprietários de terra. Aos escravos, seria natural beber e furtar e, seguindo a mentalidade de justificar instrumentos de violência, era preciso discipliná-los de alguma forma. Destacamos também a “violência” não só física, mas também simbólica sofrida pela personagem Arminda a qual, mesmo vítima, ainda é culpada e invisibilizada por ser escravizada.

Nessa ideia de discipliná-los, conseguimos verificar a microfísica da violência e do poder no conto. Isso porque o poder disciplinar é caracterizado por ter domínio sobre a vida de alguém. Os senhores tinham domínio sobre a vida dos escravos, podendo castigá-los e torná-los moedas. Essa dominação, é claro, mostrou-se legitimada pela sociedade para que não se perturbe o *status quo*.

Enfim, observamos uma relação de poder entre Cândido e Arminda. Um pai contra uma mãe que se diferem por uma razão: um tem o poder e o direito de ter seu filho vivo e a outra não tem poder, nem direito algum. Como Cândido diz que nem todas

as crianças vingam, realmente nem todas as crianças possuem a possibilidade – no sentido de poder ser – da vida.

Diante disso, pretendemos auxiliar nas discussões a respeito da análise do conto “Pai contra mãe”, por meio de uma perspectiva do “poder” e da “violência”. Dessa forma, o trabalho se mostra importante para essas discussões.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Disponível em: WWW.SABOTAGEM.REVOLT.ORG. Acesso em: 10/02/2023.

AULETE digital. **Definição de natural**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/natural>. Acesso em: 15/11/2023.

AULETE digital. **Definição de cândido**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/c%C3%A2ndido>. Acesso em: 15/11/2023.

ASSIS, Machado de. **Pai contra Mãe**. A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-49981/pai-contramae>. Acesso em: 10/02/2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. **Significado do Nome Arminda**. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/arminda/>. Acesso em: 15/11/2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Sabotagem. Disponível em: https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf. Acesso em: 10/02/2023.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil**, volume II. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

Submetido em 30 de setembro de 2023.

Aceito em 18 de novembro de 2023.

A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A POSITIVIDADE TÓXICA NO “TIKTOK”

THE CONSTRUCTION OF DISCOURSES ON TOXIC POSITIVITY IN “TIKTOK”

Maria da Conceição Sales de Almeida¹
Francisco Vieira da Silva²

Resumo: O artigo analisa a construção de discursos sobre a positividade tóxica no *TikTok*, objetivando investigar as condições históricas de emergência de discursos sobre a positividade tóxica na atualidade e descrever a constituição de discursos sobre a positividade tóxica no *TikTok*. Para tanto, toma como embasamento teórico os estudos discursivos foucaultianos em diálogo com autores que refletem sobre os efeitos da sociedade do desempenho nas subjetividades contemporâneas, como o filósofo Han (2015) e Cabanas e Illouz (2022). Trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de base qualitativa, pois visa compreender a forma como esses discursos se organizam e se constroem, auxiliando em uma análise minuciosa dos dados coletados. O *corpus* é formado por quatro vídeos retirados do *TikTok* que tematizam a positividade tóxica. As análises possibilitam compreender que os discursos sobre a positividade tóxica mobilizam estratégias como a ironia e o sarcasmo e, com isso, criam formas de resistência ao imperativo da felicidade.

Palavras-chave: Discurso; Positividade tóxica; *TikTok*.

Abstract: The article analyzes the construction of discourses on toxic positivity in TikTok, aiming to investigate the historical conditions of emergence of discourses on toxic positivity today and describe the constitution of discourses on toxic positivity in TikTok. To this end, it takes as a theoretical basis the Foucauldian discursive studies in dialogue with authors who reflect on the effects of performance society on contemporary subjectivities, such as the philosopher Han (2015) and Cabanas and Illouz (2022). This is a descriptive-interpretative study of qualitative basis, because it aims to understand how these discourses are organized and built, assisting in a thorough analysis of the collected data. The corpus consists of four videos taken from TikTok that thematize toxic positivity. The analyses make it possible to understand that the discourses on toxic positivity mobilize strategies such as irony and sarcasm and thus create forms of resistance to the imperative of happiness.

Keywords: Speech; Toxic positivity; *TikTok*.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas/RN. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1476023490402808>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3776-2956> E-mail: ceicaosales.as@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Docente do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH) pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas/RN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8730615940772209>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: francis.vieiras@ufersa.edu.br.

Introdução

Os discursos sobre saúde mental vêm ganhando cada vez mais espaço nas redes sociais, tornando perceptível o quanto é relevante fazermos pesquisas sobre questões psicológicas, já que são temáticas que circunda no dia a dia de muitos, viabilizando um consumo cada vez mais frequente desse tipo de conteúdo, inclusive os que englobam a positividade tóxica, sendo ela uma manifestação gerada pelos sujeitos, no qual eles se prendem a um ideal de felicidade, mudando sua forma de agir e pensar para conseguir viver sempre em harmonia, descartando os momentos de infelicidade.

Logo, notamos que muitos usuários, sejam eles humoristas ou não, utilizam-se do humor para ironizar questões tão sérias como essa, pois sabemos que o humor nem sempre é genuíno, muitas vezes ele vem atrelado a uma crítica, podendo torna-se um mecanismo de defesa do outro contra problemas pessoais enfrentados em seu dia a dia. Com isso, sabemos que as redes sociais são cruciais para propagação de conteúdos, já que são plataformas que atingem um maior alcance em um curto período de tempo. Em vista disso, observamos a relevância que se tem em analisar os discursos sobre a positividade tóxica dentro do aplicativo *TikTok*, uma vez que o mesmo faz sucesso em nosso dia a dia, possibilitando que seus usuários assistam vídeos curtos sobre assuntos diversos, possibilitando observar a forma como os discursos propagados no mesmo tem um grande peso no cotidiano deles.

Além disso, é um tópico pouco discutido no campo do estudo da análise do discurso, tendo poucas referências em meio à internet, em que muitas abordam não a temática da positividade tóxica em si, mas temas como correntes da felicidade: emoções, gênero e poder (FREIRE FILHO, 2017), a questão do imperativo da superação e da felicidade (MENDES; OLIVEIRA, 2014) entre outros, passando a ser um trabalho base para instigar outros estudiosos, interessados na área do discurso, a se aprofundarem nos estudos dos discursos que propagam sobre a positividade tóxica, sem contar que é uma temática muito relevante de ser abordada, já que está presente diariamente no dia a dia dos sujeitos.

Ainda assim, é uma pesquisa que está relacionada com a minha área de atuação, uma vez que como docente de língua portuguesa me vejo na obrigação de compreender

a forma como os discursos se constroem para conseqüentemente ter mais aptidão para falar sobre essa temática em sala de aula. Outro fator pertinente para realizar a pesquisa em pauta é o fato de observar a contribuição que a minha pesquisa tem dentro do âmbito acadêmico, pois devemos repassar para as pessoas que analisar os discursos vai para além de aspectos externos.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como são constituídos os discursos sobre a positividade tóxica no *TikTok* e como objetivos específicos: I) investigar as condições históricas de emergência de discursos sobre a positividade tóxica na atualidade; II) descrever a constituição de discursos sobre a positividade tóxica no *TikTok*.

A pesquisa corresponde a uma análise descritiva interpretativa, já que a pesquisa descritiva “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2017, p. 42), ou seja, é uma pesquisa que visa coletar, observar, analisar, registrar e interpretar a constituição de discursos sobre a positividade tóxica no *TikTok*. Com isso, tem natureza qualitativa, pois busca compreender os motivos pelos quais esses discursos se constroem, averiguando evidências quanto aos dados verbais e/ou visuais. O *corpus* é composto por quatro vídeos de cunho humorístico, que tem duração máxima de trinta segundos a um minuto, retirados de diferentes perfis do aplicativo antes mencionado.

Os principais autores que serão responsáveis por embasar o artigo serão o filósofo Michel Foucault, a partir de reflexões sobre discurso, enunciado e poder, assim como o filósofo Byung-Chul Han que fala sobre a questão da sociedade do cansaço e Edgar Cabanas e Eva Illouz que vão abordar a “psicologia da felicidade”.

O trabalho será dividido em quatro tópicos, além da seção de introdução, no qual contemplarão o referencial teórico, a análise dos vídeos, as considerações finais do trabalho e as referências.

Referencial teórico

O referencial teórico será dividido em subtópicos, nos quais discutiremos sobre a forma como os discursos podem ser constituídos, ou seja, o que motiva o outro a enunciar determinados pensamentos em seu meio social, de acordo com as contribuições do filósofo Foucault (1996), assim como discorreremos sobre a questão da relação de poder que os discursos podem exercer sobre os sujeitos. Ainda assim, abordaremos sobre a positividade tóxica, a partir da perspectiva de Han (2015) e Cabanas e Illouz (2022), destacando a forma como essa felicidade em excesso pode afetar a vida dos sujeitos.

Discurso e relações de poder

Diante da perspectiva de Michel Foucault o discurso é “[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.” (FOUCAULT, 2008, p. 132). Percebemos, assim, que o discurso perpassa as construções linguísticas e tem como objetivo compreender o que motivou o indivíduo a proferir determinado enunciado de tal maneira.

Com isso, levando em consideração a visão do autor, sabemos que ao longo do tempo os discursos podem se manifestar de diferentes maneiras, visto que cada época requer características próprias. Portanto, se pararmos para analisar, os discursos são estruturados em decorrência de construções históricas, ou seja, por trás de todo e qualquer discurso teremos influência de acontecimentos históricos, no qual possibilitará sua produção, fazendo com que os sujeitos não digam qualquer coisa em qualquer lugar, a qualquer momento. Com isso, Azevedo (2013, p. 53) afirma sobre essa questão citada anteriormente quando ele ressalta que “[...] o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história.”

Em vista disso, sabemos que são criadas regras quanto ao que pode ser dito ou não, percebendo que não é todo mundo que pode falar sobre tudo em determinadas

circunstâncias, e dentro dessa concepção adentramos nas relações de poder existentes nos discursos que propagam no meio social. Sobre isso, podemos dizer que:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem recebem logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como na psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Posto isso, os discursos sempre vão levar em consideração o desejo e o poder, é tanto que o autor deixa bem claro que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9). É interessante quando pensamos nos discursos como enunciados que emergem em seu interior relações de poder, pois tudo em nossa volta tem influência do mesmo, inclusive as coisas pelas quais enunciamos.

Foucault (1995) ainda ressalta que o sujeito é o grande responsável pelas relações de poder, visto que ele exerce poder em relações externas, ou seja, no convívio social, como também sobre ele próprio. Com isso, o autor enfatiza que diversos são os cenários que o poder pode estar envolto, então, as relações de poder:

[...] exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (como as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relações de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas) (FOUCAULT, 1995, p. 241).

E, levando essa consideração a abordagem do poder, notamos que ele tem total ligação com os discursos de humor, pois “[...] o humor desnuda o que já é visível, mas o faz de forma a gerar uma reflexão sobre as relações de poder responsáveis pela emergência de certas condutas e comportamentos.” (SILVA, 2023, p. 201). Assim, percebendo que, quando optamos por rir de uma determinada situação, estamos situados em relações de poder que permitem que certos discursos sejam risíveis e outros não.

Portanto, é fundamental enxergarmos os discursos com um olhar mais cauteloso, pois um simples enunciado pode estar repleto de diversas questões, sendo elas: poder, resistência, afeto, medo, lutas, entre outras, possibilitando os sujeitos, através do mesmo, a manifestarem os seus ideais, viabilizando a análise de discursos diversos. Diante disso, o próximo tópico irá discorrer a questão dos discursos sobre a positividade tóxica, especificamente a forma como esses discursos podem afetar o cotidiano dos sujeitos e como se articulam às relações de poder e resistência.

A positividade tóxica

A positividade tóxica nada mais é do que a necessidade humana de se mostrar sempre bem em todos os momentos de sua vida, sejam eles difíceis ou não, impossibilitando momentos de aflição quanto a problemas do cotidiano, no qual cada vez mais as pessoas vêm tentando transparecer que tudo que acontece na sua vida tem um propósito e que nada é motivo para te deixar triste.

O pensamento positivo nos dias atuais vai muito além de uma simples sensação agradável, mas é algo que passou a consumir os sujeitos de tal forma que eles passaram a adquirir problemas mentais cada vez mais, visto que se sentem pressionados a estarem sempre bem, a ponto de atrelar esse estado de felicidade a um excesso de produtividade, causando

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de *positividade* (HAN, 2015, p. 7).

Além disso, é nítida a forma como os discursos sobre a felicidade passaram a serem vistos como ferramentas de empreendimento, proferindo que é só seguir um passo a passo e trabalhar a sua mente todos os dias que os dias infelizes vão embora e dias melhores estão por vir, tornando você um sujeito mais positivo. Segundo Cabanas e Illouz (2022), nos dias atuais, são produzidas diversas obras voltadas para manuais de como ser uma pessoa mais positiva e como encontrar harmonia em seu dia a dia, assim como indivíduos específicos que são responsáveis por desempenhar o papel de *coaches*,

proporcionando um autoconhecimento aos sujeitos para que sua vida melhore significativamente.

Com isso, os sujeitos passaram a se preocupar tanto em fazer da felicidade um produto, que cada vez mais as redes sociais têm se tornado uma fonte de controle e poder, induzindo os sujeitos a consumirem mais conteúdos como esses, acreditando que esse pensamento da felicidade em excesso é o que deve ser seguido. Sobre isso, Cabanas e Illouz (2022) ponderam

[...] o lado importante da mineração de dados em escala massiva não está no que o *big data* pode falar sobre a felicidade, mas como esses dados podem ser usados, sem que tenhamos consciência disso, para influenciar e agir sobre o modo como entendemos a felicidade e a relação que estabelecemos conosco e com o mundo por meio dela. Ao garimpar o que gostamos de fazer e quando, com que frequência e em que sequência de eventos o fazemos, os especialistas, as instituições e as corporações passam a deter informações preciosas, com um potencial enorme de agir sobre os menores aspectos da vida particular de cada um - por exemplos, quais notícias devemos ler, quais anúncios devemos ver, quais músicas devemos ouvir a depender no nosso humor ou quais conselhos de saúde e de estilo de vida devemos receber -, mas que também influenciam os padrões comportamentais mais amplos do coletivo ao moldar o que deve ou não ser valorizado como algo que contribui para nossa felicidade (CABANAS; ILLUZ, 2022, p. 52-53).

Portanto, falar sobre a positividade tóxica vai muito além de entender sua definição, temos que adentrar na temática passando a analisar os malefícios que essa “doença neuronal” pode acarretar no cotidiano dos sujeitos. Com isso, o próximo tópico visa analisar o importante papel que o *TikTok* tem na propagação desses discursos, assim como o efeito que eles podem gerar nos sujeitos que consomem esse tipo de conteúdo e a forma como esses discursos são produzidos e/ou expostos nas redes sociais.

O TikTok e a produção dos discursos sobre a positividade tóxica

As redes sociais atualmente são uma grande aliada para propagar diversos discursos. “A mídia social *TikTok*, no ano de 2020, ganhou grande espaço com os usuários chegando a ultrapassar o *Facebook* e *WhatsApp* em *downloads* nas lojas de aplicativo” (GOECKING *et al*, 2021, p. 2). Nesse período, a plataforma conseguiu atingir um número considerável de usuários, tornando-se um grande meio de divulgação de

inúmeros assuntos que circulam na rede, ganhando o título de umas das principais mídias sociais da atualidade.

É uma rede social que “O formato de rolagem de tela infinita é parte do design característico que possibilita o consumo sem pausas. Na mídia são compartilhados conteúdos diversos [...] Vídeos virais, trends e novos criadores de conteúdo surgem a todo momento nesta mídia social [...] (GOECKING *et al*, 2021, p. 3), percebendo que o aplicativo disponibiliza de um amplo acervo de conteúdos, visto que tem rolagem infinita.

Entretanto, apesar dos diversos benefícios que a rede social pode proporcionar, como a interação com diversos sujeitos que fazem parte do aplicativo, o desenvolvimento de vídeos criativos e divertidos, a facilidade de uso, entre outros, o aplicativo acabou gerando problemas emocionais nas pessoas, visto que “o consumo de seus conteúdos pode carregar gatilhos emocionais que ativam, ou até mesmo desencadear, transtornos mentais como a ansiedade ou depressão, gerados pela grande carga de informações relacionadas à crise sanitária ou pela saturação de diversas atividades oferecidas, podendo gerar até um nível de dependência.” (MALAVÉ *apud* GOECKING *et al*, 2020, p. 2), fazendo com que os indivíduos se sentiam na obrigação de estar sempre de bem com a vida e de torná-la perfeita.

Em vista disso, podemos observar o quanto as redes sociais estão envoltas de poder, pois hoje sabemos que “O acesso à informação passou a ser personalizado, o que atende aos usuários das plataformas digitais que não desejam ver publicações, anúncios publicitários, recomendações de produtos, inadequados às suas preferências.” (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020, p. 6), ou seja, percebemos que cada vez mais as redes sociais estão atuando sobre nós ao ditar nossas preferências, impondo o que é mais relevante ou não.

Adentrando nessa linha de raciocínio, retomamos ao fato de poder fazer-se presente em todos os lugares, até mesmo nas redes sociais, mostrando que não conseguimos ter o controle sobre tudo, pelo contrário, somos subordinados até mesmo pelos algoritmos, criando uma falsa sensação de estarmos no controle de tudo, sendo que estamos criando uma realidade do mundo em que vivemos a partir das informações

que chegam até nós. Com isso, Kaufman e Santaella (2020) afirmam sobre o domínio dos algoritmos sobre os sujeitos quando eles ressaltam que

Os usuários dessas plataformas deveriam ter recursos disponíveis para interferir na filtragem de conteúdo em vez da entrega passiva ao designo dos algoritmos. Mas para que isso seja possível, todos os especialistas são unânimes: uma formação educacional profunda é indispensável. Só isso capacita o ser humano para o exercício do pensamento crítico, pois é este que funciona como antídoto contra crenças infundadas (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020, p. 9).

E, além dessa relação de poder que as redes sociais exercem sobre nós, os discursos podem ser irradiados de diferentes maneiras nessas redes, retratando sobre assuntos sérios de forma humorística, como uma forma de ironia e sarcasmo. Assim, alguns discursos que propagam sobre a positividade tóxica no *TikTok* foram retratados nesse cunho mais humorístico, levando em consideração que o humor pode abordar diversas temáticas e lutas para que “nenhuma proibição ou controle possa atingir suas produções” (POSSENTI *apud* SILVA, 2023, p. 205).

Portanto, notamos o quanto é importante levarmos em consideração a forma como os discursos sobre a positividade tóxica são propagados em meio as mídias sociais, pois percebemos, ao longo das discussões acerca dos tópicos abordados, que analisá-los vai para além de entender qual conteúdo aquela enunciação quer nos passar, mas sim o quanto os discursos têm o poder de intervir na vida dos sujeitos. Com isso, a próxima seção tratará de analisar os vídeos elencados, levando em consideração todas as discussões realizadas no referencial.

Análise dos dados

A análise foi desenvolvida a partir do *corpus* composto por quatro vídeos de cunho humorístico, que vão abordar o discurso da positividade tóxica. Os vídeos selecionados têm duração de trinta segundos a um minuto e meio. Na análise, serão levados em consideração desde os aspectos mais visíveis, sendo eles: descrição do perfil, número de seguidores e quantidade de comentários, curtidas e compartilhamentos, como também a materialidade verbo-visual dos vídeos. Vale lembrar que os vídeos em questão foram retirados de diferentes contas do *TikTok*.

Análise do vídeo 1

O primeiro vídeo analisado foi retirado da conta @suelenpereira_terapias³. Conforme consta no perfil, trata-se de uma psicoterapeuta, consteladora familiar e mestra reiki, sendo acompanhada por um total de 4.503 seguidores, seguindo 482 pessoas e tendo um total de 244,7 mil curtidas, englobando todos os seus vídeos, informações essas dispostas na página inicial do perfil dela. Ainda levando em consideração o perfil da conta, notamos que além de apresentar algumas informações na descrição sobre suas respectivas áreas de atuação, ela também deixa registrado um questionamento, sendo ele: “Em busca da cura interior?”.

Quanto ao vídeo em questão, importa destacar que teve um total de 80 curtidas e 2 comentários, 19 internautas salvaram essa publicação e 68 fizeram o envio do vídeo pelo *WhatsApp*. Um ponto bastante pertinente de analisarmos inicialmente é o fato de a temática abordada no vídeo estar vinculada à área de atuação profissional da titular da conta, uma vez que ela trabalha na área da psicologia, adentrando nesse universo da saúde mental.

Com isso, por sua área de atuação estar relacionada com o assunto abordado no vídeo, suas publicações passam a ter um maior efeito nos sujeitos que assistem, pois eles provavelmente darão mais credibilidade para aquele assunto que está sendo retratado, uma vez que ela tem propriedade para falar sobre esse assunto, é tanto que Foucault (1996) ressalta essa questão, ao explicar que não são todos os sujeitos que podem falar sobre tudo a todo momento, é preciso ter aptidão para falar sobre algo e, assim, obter o reconhecimento dos demais sujeitos.

Além de todos esses fatores expostos, podemos observar também que a *influencer* soube se utilizar muito bem dos benefícios que as redes sociais podem promover aos seus usuários, uma vez que a plataforma pode ser utilizada como fonte de renda, podendo observar a influência do neoliberalismo em meio a esses aplicativos, já que “O sujeito neoliberal como empreendedor de si mesmo é incapaz de se relacionar livre de qualquer propósito.” (HAN, 2020, p. 11), no qual ao propagar esse tipo de

³ Link de acesso a conta: #aprendendo #equilibrioemocional #mesiga #reikienergy #psicanalise #ps... | positividade | TikTok. Acesso em: 05 de julho de 2023.

conteúdo, ela induz os sujeitos a desfrutarem de seu produto, que no caso seria o acompanhamento/consulta, como também faz com que o seus vídeos fiquem cada vez mais engajados e a plataforma comece a pagar por isso.

A *influencer* coloca um alerta no vídeo que diz “Cuidado com a positividade tóxica!”, com uma imagem de sirene, a indicar um alerta sobre algo, elucidando os seus seguidores que se deve tomar cuidado com a positividade tóxica, uma vez que sabemos que discursos como esse podem desencadear uma série de gatilhos emocionais nos sujeitos, já que a positividade em excesso acaba responsabilizando

[...] as pessoas pela maior parte de seus infortúnios e sua impotência circunstancial, independentemente de quão míope, sem base ou injusto isso possa ser.; [...] Em um mundo em que todos são responsabilizados por seus próprios sofrimentos, há pouco espaço para a pena e a compaixão. Em um mundo em que se diz que todos são inerentemente equipados com os mecanismos necessários para a adversidade em vantagem, também há pouco espaço para reclamações (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 217).

Notamos ainda que existem várias *hashtags*⁴ no vídeo como #equilibrioemocional, #psicanalise, #neurociencia, #autoconhecimento, #autoconhecimentotransforma, entre outras, todas voltadas para temáticas que englobam a saúde mental. Ao utilizar-se dessa estratégia, os usuários tanto conseguem ter um maior alcance em seus vídeos, como também possibilitam que mais usuários consigam assistir vídeos similares a este, tornando mais rápido e eficiente a conscientização de determinados assuntos.

O vídeo a todo momento discursiviza expressões relacionadas à positividade, sendo elas: “sorria!”, “bom dia vida!”, “alegria!”, “seja otimismo”, entre outros termos, para gerar um efeito de humor, no qual ironiza e gera questionamentos quanto a uma questão tão séria como essa, já que “Sabemos que o humor foi amplamente empregado para questionar e potencialmente subverter a ordem social vigente em diversos momentos da história e agora não poderia ser diferente.” (SILVA, 2023, p. 200), salientando que na realidade não é fácil lidarmos com as adversidades que a vida nos impõe.

Além de todos esses fatores, podemos observar as reações dos personagens utilizadas diante das situações, pois o personagem que faz o papel do sujeito que é

⁴ As *hashtags* “[...] classificam, agrupam e direcionam as informações contidas na web sobre os mais variados temas e assuntos, possibilitando maior participação e cooperação dos usuários, através da utilização de palavras-chave para organização.” (Moura; Mandaji, 2014, p. 6-7)

positivo em excesso mostra-se sorridente e feliz, enquanto o personagem que só se dá mal no vídeo mostra-se fadado em relação a todas as coisas que vem acontecendo com ele, observando que a partir do momento que o sujeito passa a aderir esse comportamento ele não apenas é responsável por propagar discursos de positividade, como também é necessário estar sempre com um sorriso no rosto demonstrando que está tudo bem.

Análise do vídeo 2

O segundo vídeo analisado foi retirado do perfil @caish.me⁵. Conforme a descrição, trata-se de uma criadora de universos mágicos, ou seja, ela produz conteúdos utilizando-se da animação. Além disso, a proprietária da conta deixa disponível em seu perfil um site, no qual se pode conhecer um pouco mais da história dela como criadora e vê todos os trabalhos desenvolvidos ao longo de sua carreira. Ela segue um total de 416 pessoas, 11,2 mil pessoas acompanham o seu trabalho e juntando todos os seus vídeos desenvolvidos ela teve um total de 140,6 mil curtidas.

O vídeo em análise teve um total de 27,2 mil curtidas, 219 comentários, 457 compartilhamentos no *WhatsApp* e a publicação foi salva por 3,128 mil usuários do aplicativo. O primeiro ponto importante que devemos observar ao analisarmos o vídeo é a descrição que é feita, a saber: “Parte 13 | A solzinha voltou meio diferente! Otimismo e fofura são incríveis! Mas passe filtro solar, positividade demais também pode ser tóxica (ela coloca uma carinha triste) [...]”. Isso mostra que, a princípio, a personagem denominada “solzinha” já apareceu outras vezes em seu perfil e sempre aborda assunto que envolvem o bem-estar do outro, porém, dessa vez ela voltou um pouco diferente, pois ela resolveu incentivar o outro a lidar de forma mais otimista com os problemas enfrentados no dia a dia.

Além disso, notamos ainda na legenda colocada no vídeo que “solzinha” vem representando a positividade tóxica, é tanto que fica claro isso quando a proprietária da conta diz “[...] mas passe filtro solar, positividade demais também pode ser tóxica [...]”. Fazendo então essa relação com o sol, mostra-se que se não nos protegemos

⁵ Link de acesso a conta: A Solzinha voltou meio... diferente! Otimismo e fofura são incríveis! Ma... | positividade toxica | TikTok Acesso em: 13 de julho de 2023

automaticamente iremos queimar e isso nos trará prejuízo. Assim como acontece com a positividade tóxica, é importante sabermos lidar da melhor forma possível com os problemas existentes, porém devemos tomar cuidado no modo como vamos resolver determinadas situações, pois nem sempre ser positivo em excesso pode contribuir para isso, pelo contrário, pode acabar frustrando.

Ainda na parte da legenda, observamos um posicionamento discursivo que se utiliza das *hashtags*, sendo elas #animation, #positividadetoxica, #criatividade, #inspiração, #motivação, pois a proprietária da conta vem por meio delas enfatizar o seu trabalho, visto que ela utiliza-se de animações para desenvolver o seus vídeos, visando um maior alcance do seu vídeo, ou seja, fazer com ele apareça com mais frequência quando as pessoas procurarem por essas *hashtags* em específico, possibilitando um maior reconhecimento, assim como dar ênfase para temática da positividade tóxica.

É interessante notarmos ainda que o vídeo já inicia com uma frase de efeito, presumindo que um simples enunciado “vai ficar tudo bem” pode resolver a vida dos sujeitos, independentemente do que aquele indivíduo possa estar passando ou não, como Cabanas e Illouz (2022) esclarecem

[...] a ciência da felicidade nos força a escolher entre o sofrimento e o bem-estar. Ela pressupõe que nós sempre podemos optar - a positividade e a negatividade são dois polos antípodas - e que existe a possibilidade de nos livrarmos do sofrimento de uma vez por todas. Tragédias são inevitáveis, não há dúvida, mas a ciência da felicidade insiste que sofrimento e felicidade são uma questão de escolha pessoal. Quem não faz da adversidade um meio de crescimento pessoal é suspeito de querer e merecer suas próprias desgraças, não importam as circunstâncias. No fim, então, não temos muita opção: a ciência da felicidade não só nos obriga a ser feliz, mas também nos culpa por não levar uma vida mais bem-sucedida e gratificante. (Cabanas; Illouz, 2022, p. 16)

Em vista disso, é assim que muitos sujeitos começam a se cobrar em excesso, achando que é um processo fácil, quando na verdade é difícil e acaba gerando uma série de problemas emocionais. Nem sempre podemos ignorar as dificuldades que aparecem em nossa rotina, pelo contrário, devemos olhar para elas e tentar solucionar da melhor forma possível, pois não temos uma fórmula mágica ou “o fim do arco-íris” como a solzinha deixa bem claro em sua fala para resolver os obstáculos de maneira simples, até por que tentar pensar mais positivo não ajuda tanto assim a solucionar os problemas.

Um outro fator pertinente para observarmos é a forma como a tutora do perfil resiste contra as falas da “solzinha”, evidenciada na seguinte passagem do vídeo: “Você é uma pessoa incrível e não pode deixar nenhum problema apagar sua luz.” - enunciado dito pela solzinha - “Eu posso ser uma pessoa incrível, mas as coisas ruins ainda podem acontecer. Eu não posso simplesmente ignorar.” - enunciado dito pela proprietária da conta - no qual notamos que a titular da conta deixa muito claro em sua fala que falar é fácil, porém colocar em prática essas afirmações em seu dia a dia é difícil, demonstrando essa resistência quanto aos enunciados, fazendo com que a “solzinha” passe a analisar melhor as suas afirmações, visto que não é bem assim que as coisas funcionam, deixando visível que os discursos estão dotados de poder, pois o mesmo tenta induzir os sujeitos a seguir uma determinada linha de raciocínio visando ser o melhor.

Análise do vídeo 3

O vídeo em questão foi retirado do perfil @jeancoue⁶ que possui 78,3 mil seguidores, segue apenas 105 usuários e totalizando suas curtidas em relação a todos os vídeos já publicados no perfil ele conta com 2,3 milhões curtidas. Pela descrição presente no perfil, Jean é ator, criador de conteúdo, e segundo ele, “uma beleza”. Só pela descrição já podemos inferir que o perfil veio com o intuito de criticar determinadas temáticas, que são bastantes corriqueiras em nosso cotidiano, através do humor, como forma de ironizar.

Analisando o cenário do vídeo, percebemos que ele teve um número de 4,278 mil curtidas, 48 comentários, 68 compartilhamentos no *WhatsApp* e 438 vídeos salvos. A princípio, o que nos chama atenção de imediato ao iniciarmos a análise do vídeo é legenda “a romantização do sofrimento” sendo fixada em todo o vídeo como forma de enfatizar o assunto abordado, assim como mostrando que muitas vezes os sujeitos não sabem lidar com o sofrimento corriqueiro e acaba mascarando esse sofrimento em forma de romantização, com o intuito de amenizar os problemas existentes.

Na parte da descrição do vídeo, podemos notar que o titular da conta demarca que os enunciados presentes ao longo do vídeo só mostram o quanto os sujeitos se

⁶ Link de acesso a conta: É daí pra pior, né?! ☐ #positividadetoxica #romantização #sofrimento ... | TikTok Acesso em: 5 de julho de 2023

utilizam desses discursos para tentar minimizar um problema, sendo que na verdade esses discursos acabam piorando a situação do outro, pois começa a surgir aquele sentimento de insuficiência, no qual o outro se sente incapaz de lidar com os seus próprios problemas.

Além disso, como já falado anteriormente nas demais análises, as *hashtags* têm um grande peso na propagação e circulação dos vídeos, pois elas fazem com que mais pessoas assistam os vídeos e automaticamente esses vídeos cheguem até mais usuários e esses sujeitos passem a ter uma visão do que seria a positividade tóxica se tornando uma forma de conscientizar o outro de uma maneira mais descontraída.

Ainda, é interessante quando observamos a forma como o humor pode se inserir em meio a diversos assuntos, pois a forma como se enuncia algo diz muito sobre a forma como se quer que o outro compreenda a sua linha de raciocínio. Podemos perceber, nesse caso, que o proprietário da conta se mostra totalmente apto a fazer com que os seus seguidores se divirtam com a publicação, mas ao mesmo tempo façam uma autoanálise da forma como o outro lida com os sujeitos quanto a determinadas situações, observando se a positividade tóxica é algo que habita nele ou não. Foucault (1996) inclusive ressalta sobre isso quando aborda em a ordem do discurso que

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirige, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 1996, p. 39).

As expressões utilizadas pelo personagem falam muito sobre o assunto em questão, pois, a partir do momento que o sujeito se permite viver um ideal de extrema positividade, é preciso exprimir isso de alguma forma, não apenas com palavras, mas com expressões, adentrando no que Foucault (1996) manifesta em sua obra quando diz que devemos observar todos os aspectos sejam eles procedimentos externos, procedimentos internos, como também as condições de funcionamento dos discursos.

No vídeo, a todo momento, utiliza-se enunciados como “a gente passa por dificuldades na vida pra aprender a dar valor pras coisas”, “tudo que vem fácil vai fácil, e quando você se esforça você é bem recompensado”, “tenta olhar pelo lado bom das

coisas”, entre outras, podendo observar que o sujeito carrega o fardo de ter que se responsabilizar pelo seu próprio destino. Ainda assim, notamos também que os enunciados propagados são pronto e acabado, não tendo uma individualidade nas enunciações.

Análise do vídeo 4

O último vídeo analisado foi retirado do perfil de @rosanegofman17, que tem um total de 3,3 milhões de curtidas, somando todos os vídeos já postados, é assistida por 355,9 mil pessoas e segue apenas 86. A influencer faz questão de deixar explícito na descrição do seu perfil que ela é “avó, mãe, filha e nada santa”, assim como atriz da Netflix e do Multishow.

O vídeo escolhido para analisarmos o discurso da positividade tóxica tem 42,4 mil curtidas, 815 comentários, 3394 pessoas baixando o vídeo para compartilhar no *WhatsApp* e foi salvo, ou seja, feito download 986 vezes. A forma como a *influencer* se utiliza de um fragmento dito ao longo de seu vídeo na descrição para enfatizar que ela está “atraindo energia negativa” é muito comum de acontecer quando os sujeitos não aceitam lidar com esse positivismo em excesso, fazendo com que o outro pense que você é uma pessoa muito pessimista, negativa, sem amor pela sua vida, amargurado, dentre outros adjetivos, percebendo que na verdade o problemático é quem faz a positividade se tornar algo ruim.

Além dessas informações dispostas na descrição do vídeo, aparecem várias *hashtags*, sendo elas “respeito”, “rosanegofman”, “positividadetóxica”, “humor”, “comédia”. Podemos extrair, a partir disso, que ela se utiliza desse recurso para demonstrar que o conteúdo dela é pertinente e ao mesmo tempo humorístico, já que a profissão da mesma é voltada para o campo da atuação. Além disso, sabemos que ela utiliza desses recursos dispostos no aplicativo, pois é a partir deles que o seu conteúdo pode ser propagado para vários sujeitos.

⁷ Link de acesso ao vídeo: [AH VIREI IMÃ DE C@GSD& AGORA!#respeito #rosanegofman #positividade...](#) | TikTok Acesso em: 5 de julho de 2023.

Um elemento pertinente de observarmos logo no início do vídeo é certo movimento que é feito pela titular da conta, sendo ele o sinal de namastê⁸ quando ela fala “Ah não deu certo, porque não tinha que ser”, enunciado esse característico de práticas que buscam a leveza e paz interior na vida dos sujeitos, aspirando total ligação com a positividade, já que são técnicas que visam a aprimorar o lado positivo das pessoas, fazendo com que elas não se abalem por qualquer coisa e consigam viver em plena harmonia.

Além disso, podemos perceber que, a partir do momento que a *influencer* vai enunciar os discursos sobre a positividade tóxica, ela muda o seu tom de voz, pois é característico dos sujeitos que tentam levar uma vida mais positiva passarem esse sentimento de tranquilidade e sabemos que a nossa entonação influencia muito na forma como queremos repassar alguma informação para o outro, então por isso ela se atenta para esses detalhes, já que eles fazem toda diferença na hora de propagar os discursos. É tanto que no momento que ela rebate as frases positivas sua entonação também muda, inferindo que a mesma não tem mais paciência para discursos como esse.

Rosane Gofman utiliza-se também de um termo conhecido por *ho’oponopono*⁹, e esse termo é significante dentro do contexto abordado no vídeo, pois a nomenclatura está relacionada à paz de espírito, amor, gratidão, positividade, tendo plena relação com o assunto abordado no vídeo, no qual ela ressignifica o significado da palavra, uma vez que a mesma tem o intuito de rebater a esses enunciados quanto ao excesso de positividade, demonstrando estar “pouco se lixando” para afirmações e sentimentos que esbanjam harmonia em excesso.

Notamos também que a todo momento a posição da atriz se contrapõe aos enunciados da positividade tóxica, utilizando-se de estratégias de resistência por meio de discursos humorísticos, visto que “[...] o riso representa, num primeiro momento, uma estratégia de resistência em face da nossa finitude constitutiva, mas não se resume a isso, porque, ao longo do tempo, desafiou a ordem vigente através do escárnio, da paródia e da crítica corrosiva.” (SILVA, 2023, p. 204), afirmando que discursos

⁸ “Etimologicamente, namastê é uma palavra originária do sânscrito, que literalmente significa “curvo-me perante a ti”. É a forma **mais digna de cumprimento entre dois seres humanos**. O namastê é uma saudação respeitosa, que valoriza a essência de uma pessoa enquanto ser humano. É usado quando se cumprimenta alguém, antes de começar uma conversa.

⁹ “Na língua havaiana Ho’ significa “causa”, e oponopono, “perfeição”, Assim sendo, significaria “corrigir o erro” ou “torna-lo correto. O Ho’oponopono é um processo de solucionar problemas acessando as memórias inconscientes, oferecendo uma maneira de liberar a energia negativa destes pensamentos ou memórias dolorosas” (SONAGLIO, 2015, p. 27).

humorísticos podem ser lidos como forma de resistir a algo impondo uma postura mais espontânea e divertida.

Ainda, podemos observar que são propagados enunciados que incidem na questão do neoliberalismo presentes no vídeo, pois a partir do momento que a *influencer* diz “Deu errado porque você pensa muito, atraindo!”, “Agora se veio aqui pra me botar a culpa, já chega eu”, responsabilizando sempre o sujeito pelo seu fracasso, assim como acontece no neoliberalismo quando o mesmo além desenvolver questões político-econômicas também “[...] deve ser compreendido como uma filosofia social individualista cujo o *locus* principal é o eu e cuja pressuposição antropológica principal, é que “somos todos agentes independentes e autônomos que se encontram no mercado, construindo o próprio destino e, nesse processo, a sociedade.” (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 65), ressaltando o poder que o sujeito exerce sobre si mesmo.

Considerações Finais

Neste trabalho, analisamos a forma como os discursos sobre a positividade tóxica se manifestam em meio às redes sociais, destacando os efeitos que eles podem causar nos sujeitos, assim como a forma como o outro é responsabilizado pelos seus atos e o domínio que discursos como esses podem exercer.

Diante disso, o trabalho contribuiu para refletirmos acerca da positividade tóxica, ponderando o comportamento dos sujeitos em seu cotidiano quanto a atitudes de positividade em excesso, já que a temática nos faz questionar a forma como consumimos determinados enunciados, assim como o peso que eles têm na vida dos sujeitos, no qual podem ser benéficos dentro da proporção adequada, mas também podem desencadear uma série de doenças neuronais, as quais “[...] Não são infecções, mas infartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade” (HAN, 2015, p. 2), possibilitando o desenvolvimento de problemas que podem vir a afetar nossa psique.

Além disso, contribuiu para percebermos que ao analisarmos um discurso não podemos levar em consideração apenas o superficial, ou seja, o que está visível “aos nossos olhos”, mas sim o conjunto de todas as manifestações geradas ao longo da enunciação, como enfatiza muito bem Foucault quando ele aborda em seus estudos que

devemos levar em consideração um conjunto de fatores para conseguirmos compreender o efeito que esses enunciados querem provocar ao serem difundidos.

Referências

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Filogênese**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-15, 2013.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia**: fabricando cidadãos felizes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CAISH. **Positividade tóxica**. [@caish.me]. 6 set. 2023. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: A Solzinha voltou meio... diferente! Otimismo e fofura são incríveis! Ma... | positividade toxica | TikTok. Acesso em: 13 jul. 2023.

COUÉ, Jean. **É daí pra pior, né?!**. [@jeancoue]. 10 dez. 2022. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: É daí pra pior, né?! #positividadetoxica #romantização #sofrimento ... | TikTok. Acesso em: 05 jul. 2023.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44, 2021, Recife. **A Compulsão do TikTok e a Exibição de Transtornos Psicológicos**. Recife: Intercom, 2021.

CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013**. Palhoça: Intercom, 2014. 14 p. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Sujeito e Poder. In: Dreyfus e Rabinow. **Michel Foucault**: Uma Trajetória Filosófica. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FREIRE FILHO, João (2017). Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **MATRIZES**, 11(1), 61-81. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p61-81>

GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Grupo GEN, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. [Veneza]: Âyiné, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia (2020). O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista FAMECOS**, 27(1), e34074. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>.

MENDES, Marcilia Gomes; OLIVEIRA, Geilson Fernandes de (2014). Treine suas emoções, supere-se, seja feliz! Uma análise discursiva do imperativo da superação e da

felicidade na literatura de autoajuda. **Comunicação Mídia e Consumo**, 10(29), 161–182. <https://doi.org/10.18568/cmc.v10i29.601>.

MOURA, Keren Franciane; MANDAJI, Carolina Fernandes da Silva (2014). **A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013**. Disponível em: Microsoft Word - ArtigoIntercom.docx (portalintercom.org.br). Acesso em: 03 set. 2023.

GOFMAN, Rosane. **AH VIREI IMÃ DE C@G\$D& AGORA!?**. [@rosanegofman1]. 23 fev. 2022. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: AH VIREI IMÃ DE C@G\$D& AGORA!?!#respeito #rosanegofman #positividade... | TikTok. Acesso em: 05 jul. 2023.

SILVA, Francisco Vieira da. Fanfics corporativas: O discurso humorístico como estratégia de resistência diante da racionalidade neoliberal. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 199–220, 2023. DOI: 10.46230/2674-8266-15-7478. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/7478>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SONAGLIO, L. T. O Ho'oponopono como técnica para resignificação de memórias inconscientes. **Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 24–34, 2015. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/revista-praticas-interativas/article/view/471>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SIGNIFICADO. **Significado de Namastê**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/namaste/> Acesso em: 01 de julho de 2023.

SUÉLEN PEREIRA TERAPIAS. **Cuidado com a positividade tóxica**. [@suelenpereira_terapias]. 04 mai. 2023. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: https://www.tiktok.com/@suelenpereira_terapias/video/7218583876803906821?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7274659488203507206. Acesso em: 05 jul. 2023.

Submetido em 05 de outubro de 2023.

Aceito em 17 de novembro de 2023.

A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO HOMEM CIVILIZADO ATRAVÉS DO PERSONAGEM JOE CARIPUNA EM “MAD MARIA”, DE MÁRCIO SOUZA



THE DECONSTRUCTION OF THE IMAGE OF THE CIVILIZED MAN THROUGH THE CHARACTER JOE CARIPUNA IN “MAD MARIA”, BY MÁRCIO SOUZA

Eliane dos Santos Ramos¹
Larissa Gotti Pissinatti²

Resumo: O presente artigo propõe-se a analisar a representação do personagem indígena Joe Caripuna no romance “Mad Maria”, escrito pelo autor amazonense Márcio Souza e publicado em 1980. Pretende-se investigar os fluxos de memória (individual e coletiva) que são de extrema importância para que a narrativa denuncie a violência, a opressão, o genocídio e a exploração contra os nativos da região amazônica. A partir da denúncia feita pelo personagem indígena, há a dessacralização do colonizador e, conseqüentemente, do sistema colonial. O personagem também passa por um episódio de extrema violência que gera, como consequência, o seu processo de desconstrução e, posteriormente, a reconstrução da sua identidade. Este artigo tem como fundamentação teórica, em primazia, os autores Maurice Halbwachs (1990) e Márcio Souza (2019), que discutem as noções de desconstrução, memória, cultura e a exploração amazônica. Esta pesquisa contribui para que haja a desmistificação e ressignificação do processo de colonização da Amazônia, assim como a desconstrução da imagem deturpada dos indígenas criada pelos europeus.

Palavras-chave: Mad Maria; Márcio Souza; memória; desconstrução.

Abstract: This article aims to analyze the representation of the indigenous character Joe Caripuna in the novel “Mad Maria,” written by the Amazonian author Márcio Souza and published in 1980. The intention is to investigate the flows of memory (both individual and collective) that are extremely important for the narrative to expose the violence, oppression, genocide, and exploitation against the natives of the Amazon region. Through the denunciation made by the indigenous character, there is a desacralization of the colonizer and, consequently, of the colonial system. The character also undergoes an episode of extreme violence that results in his process of deconstruction and

¹ Mestranda em Estudos Literários - MEL - Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Graduada em Letras Portuguesas e suas Literaturas - Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Membro do Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa - LILIPO/UNIR, Membro do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM/UNIR, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6099854229175461>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4434-1646>, E-mail: elianesramoss773@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2020), Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (2016), Licenciada em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (2001), Pós-graduada em Filosofia da Religião (2002) e Gestão Educacional (2012), Professora do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários- PPGMEL/UNIR, Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM/UNIR/CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3047273542545380>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>, E-mail: larissa.pissinatti@unir.br

subsequently, the reconstruction of his identity. This article is primarily grounded in the theoretical frameworks of authors Maurice Halbwachs (1990) and Márcio Souza (2019), who discuss the notions of deconstruction, memory, culture, and Amazonian exploitation. This research contributes to demystifying and redefining the process of Amazonian colonization, as well as deconstructing the distorted image of indigenous people created by Europeans.

Keywords: Mad Maria; Márcio Souza; memory; deconstruction.

Introdução

O autor Márcio Gonçalves Bentes de Souza, que nasceu em Manaus, município no Amazonas, é um romancista, cineasta, teatrólogo e jornalista que aborda em seus livros a região amazônica, preservando a cultura regional. Em alguns de seus trabalhos, atua como crítico ao discutir sobre a Amazônia e os indígenas da região que sofreram com o processo violento de dominação, como nos livros “História da Amazônia”, publicado em 2019, e “Amazônia Indígena”, publicado em 2015.

A obra “Mad Maria”, um romance de Márcio Souza que foi publicado em 1980, aborda a construção da ferrovia Madeira Mamoré entre os anos 1907 e 1912 e tem como espaço o rio Abunã, na região amazônica. O objetivo da ferrovia era atravessar os pantanais do Rio Abunã, o que facilitaria o transporte da borracha entre Brasil e Bolívia. O romance é de grande importância tanto para a literatura quanto para a história da região amazônica, tendo recebido destaque ao servir de inspiração para a minissérie “Mad Maria”, veiculada pela Rede Globo em 2005.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e com base na busca de trabalhos relacionados ao tema no *Google Acadêmico*, a partir dos seguintes descritores: Mad Maria, Márcio Souza e Estudos pós-coloniais, encontramos dois trabalhos que merecem destaque, pois estão relacionados diretamente à temática dessa pesquisa. O primeiro trata da dissertação de mestrado de Márcia Letícia Gomes, intitulada “A ficção descolonizadora em Márcio Souza: uma análise de Mad Maria sob uma perspectiva pós-colonial” (2012), na qual a autora disserta sobre os impactos da construção da ferrovia na vida dos personagens colonizados do romance. O segundo é um artigo intitulado “A figuração da Amazônia em Mad Maria, de Márcio Souza” (2017), de Wanessa de Oliveira Coelho e Marli Tereza Furtado, no qual analisam a maneira como o autor descreve a

Amazônia dentro da obra. Contudo, não encontramos trabalhos com a mesma temática que trata este artigo.

A partir disso, o presente artigo tem como finalidade investigar os fluxos de memória do personagem Joe Caripuna, assim como os motivos que o levaram a ter as duas mãos decepadas pelos trabalhadores da Ferrovia Madeira Mamoré. Entende-se que a denúncia que o personagem faz contra a violência e a opressão causadas pelo homem branco colonizador, tido como “civilizado”, seja de extrema importância para que haja a desmistificação do sistema colonial imposto aos nativos da região amazônica.

Com base nisso, utilizou-se autores renomados para a construção do referencial teórico, como Maurice Halbwachs (1990), que aborda as distinções entre os tipos de memória e a sua importância para os indivíduos; Thomas Bonnici (2009) que explica os processos de dominação utilizados pelos colonizadores e a importância da releitura dos textos literários; e, por fim, Márcio Souza (2019) que aborda em seu livro, “História da Amazônia” (2019), o engendramento que atraiu os colonizadores para a região e faz uma denúncia ao tratamento que os indígenas receberam.

Embora todo o enredo do romance “Mad Maria” (1980), de Márcio Souza, possua uma releitura do período de construção da Ferrovia Madeira Mamoré, este trabalho limita-se a investigar o personagem Joe Caripuna que apresenta fluxos de memória que são importantes para denunciar e subverter a imposição cultural e a violência dos europeus, assim como o embate entre o personagem e os homens “civilizados³” que resultou na assimilação cultural do indígena.

Uma breve contextualização do período de conquista da Amazônia

A Amazônia é uma floresta tropical surpreendente, que foi alvo de buscas por riquezas naturais e tesouros escondidos que atraíram muitos exploradores, inclusive numa tentativa frenética de encontrar a cidade perdida de El Dorado. De acordo com Márcio Souza, em “História da Amazônia” (2019), El Dorado consistia em um “País fabuloso situado em algum lugar do noroeste amazônico, dele se dizia ser tão rico e

³ O termo civilizado é utilizado diversas vezes no romance “Mad Maria” (1980), pelo personagem Joe Caripuna. Refere-se justamente aos europeus colonizadores devido ao discurso colonial de que eles eram cultos e civilizados.

cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico.” (2019, p. 78). No entanto, ainda de acordo com Márcio Souza (2019), ocorreu uma descoberta frustrante, pois a cidade perdida era, na verdade, uma lenda que havia se fixado na mente dos exploradores.

Devido à busca pela cidade perdida e por outras lendas que prometiam tesouros e riquezas, muitos homens perderam a vida ao adentrar a selva amazônica, que escondia muitos “mistérios”. Há vários relatos de viagens que associam a Amazônia a um paradoxo entre o paraíso e o inferno, pois, apesar de possuir uma vasta beleza e riquezas naturais, a região também apresenta um clima quente e, durante o período de chuvas, ocorrem frequentes tempestades, dificultando a entrada na selva. Além disso, a região possui doenças tropicais, como a malária, e a presença de indígenas que outrora foram considerados bárbaros e violentos, pois, conforme explica Santos (2009, p. 16) “a riqueza majestosa, que encantou os cronistas, fez que os olhos da cobiça subjugassem o nativo, ignorando a sua presença e dizimando-o em nome do alargamento das fronteiras do território a ser ocupado.”

Após isso, iniciou-se várias expedições com o intuito de conquistar a região amazônica, que contou ainda com a presença da mão de obra africana que migrou para a Amazônia. No entanto, “[...] a revelação da Amazônia foi um verdadeiro impacto para os europeus. Uma verdadeira colisão cultural, racial e social” (SOUZA, 2019, p. 87). Ainda segundo Souza (2019), os europeus tomaram todas as medidas administrativas para dominar os indígenas e moldá-los de acordo com as suas necessidades. Evidencia-se, desta forma, o apagamento ou ocultamento das diferenças culturais entre os europeus e os indígenas. Ao passo que a colonização da Amazônia ocorria, os povos indígenas tentaram resistir, porém foram subjugados, marginalizados, explorados, silenciados, saqueados e mortos.

Houve, primordialmente, como aponta Bonnici (2009), a divisão do mundo em duas partes: o “Outro”, que representa o europeu colonizador visto como “centro” do mundo; e o “outro”, que representa o colonizado visto como a “periferia” do mundo. Acrescenta-se a esta divisão, ainda de acordo com Bonnici, o discurso colonial em que o colonizador é descrito como culto, civilizado e detentor de uma superioridade moral. No

que diz respeito ao colonizado, ele é descrito como alguém sem lar, sem religião, sem roupa e reduzido ao nível bestial.

Uma das estratégias utilizadas pelos europeus para dominar os povos indígenas, além do discurso colonial, foi a missão civilizatória, que teve como objetivo a conversão da religião dos nativos da região ao cristianismo e a imposição da cultura ocidental. Aos poucos, o indígena que continuou a conviver com o colonizador, perdeu a sua própria identidade ao adotar as práticas culturais dos europeus.

Dessa forma, criou-se uma deturpação da imagem do colonizador que, ainda hodiernamente, pode ser vista ou entendida como uma pessoa aventureira que possuiu boas intenções ao levar o progresso para a colônia, salvando os naturais da região de sua própria barbárie e do seu atraso cultural. Por isso, é de extrema importância que haja a repercussão de trabalhos que subvertem a imagem do colonizador como “mocinho” da história, porque foi devido ao processo de colonização que a imagem do indígena foi estrategicamente inferiorizada e associada à barbárie, o que resultou no apagamento da voz do indígena.

A memória como ferramenta de desconstrução da identidade do homem civilizado

A memória é uma ferramenta capaz de fazer com que um indivíduo se lembre de momentos que viveu e histórias que ouviu. Segundo Halbwachs (1990), em sua obra “Memória Coletiva”, há a “memória individual” que corresponde exatamente aos momentos que um indivíduo viveu ou presenciou. Trata-se de uma recordação pessoal denominada lembrança. Existe também a “memória coletiva”, de outra pessoa, que tem o poder de reconstruir o passado, sendo distinta da “memória histórica”, responsável por supor uma reconstrução do passado com base em dados fornecidos pelo presente da vida social, os quais são projetados no passado, reinventando-o. A partir destas distinções, o autor discorre a respeito da importância da memória e suas atribuições para um indivíduo.

Desse modo, a memória é uma ferramenta essencial para a contribuição de informações em vários campos de estudo, como é possível verificar no excerto abaixo:

Na história, na educação, na filosofia, na psicologia o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens (GAGNEBIN, 2006, p. 97).

Na literatura, a memória pode ser utilizada para ressignificar o passado e, com base nisso, é possível averiguar que no romance “Mad Maria” (1980), de Márcio Souza, ao abordar o período de conclusão da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, um dos grandes empreendimentos da região amazônica, há a desconstrução da imagem do homem civilizado e a subversão do sistema colonial que foi imposto pelos europeus. De acordo com Thomas Bonnici (2009), é necessário que se faça uma releitura de textos literários para identificar as “implicações imperialistas e trazer à tona o processo colonial” (2009, p. 269).

Nessa perspectiva, o romance de Márcio Souza, ao apresentar os embates entre os colonizadores e os indígenas da região, dando enfoque aos fluxos de memória do personagem indígena Joe Caripuna, revela-se como uma ferramenta importante para desconstruir a imagem do homem civilizado, porque através da leitura do romance, há a oportunidade de ouvir a voz do indígena mediada pela ficção e denunciar os colonizadores, a dita colonização e as estratégias para dizimar, silenciar, explorar e oprimir os indígenas, ao passo que reconta como ocorreu o processo de construção desse grande empreendimento.

Os fluxos de memória do personagem Joe Caripuna, revelados pelo narrador, aparecem como uma denúncia contra a violência e a opressão causadas pelos colonizadores. Há dois tipos de memória presentes na narrativa: a individual e a coletiva. A memória individual de Joe Caripuna, associada à memória coletiva de seus antepassados, transmitida a ele oralmente, desempenha um papel fundamental na construção do romance e do personagem. Através dos relatos, revela-se um passado que não deve ser esquecido, contribuindo assim para a denúncia de um povo marginalizado, como também se agrega à memória nacional.

Ao ver-se sozinho, Joe Caripuna passa a observar os trabalhadores e, no decorrer da narrativa, as suas lembranças constroem um personagem fundamental para o romance. Dessa forma, a releitura da obra “Mad Maria” (1980), preenche os vazios da

memória coletiva e subverte o processo de colonização, evidenciando todo o sofrimento e a violência causada aos indígenas da Amazônia.

Joe Caripuna: a voz desconstrutora da identidade colonizada

Joe Caripuna representa, no romance, a voz de um indígena que viu o seu povo, aos poucos, ser destruído pela cobiça dos colonizadores. Através do personagem, há uma denúncia que evidencia a violência que os indígenas sofreram desde os primeiros contatos com os europeus, intitulados homens “civilizados”.

No início do romance, o índio caripuna, que a princípio não revela o seu nome, vivia sozinho vigiando os trabalhadores da ferrovia que invadiriam as terras que pertenceram ao seu povo. Ele observava os seus hábitos para entendê-los melhor. Ele furtava objetos e alimentos do alojamento dos trabalhadores para sobreviver, mas o seu ato causou grande confusão entre os funcionários, pois os alemães acusaram os barbadianos de roubo mesmo sem provas, o que terminou em algumas mortes.

Nesta passagem, evidencia-se que os homens, ditos civilizados, foram capazes de matar os seus colegas de trabalho por objetos de pouco valor e acusações infundadas, apoiados em um discurso colonial que descrevia o homem colonizado como ladrão. Os roubos, para Joe, não tinham o mesmo significado que tinham para os homens “civilizados” que eram “[...] tão miseráveis que um toco de lápis era como uma lâmina de ouro” (SOUZA, 1980, p. 130).

No decorrer do romance, os fluxos de memória do indígena levam o leitor às lembranças das histórias que ele ouviu de seus ancestrais sobre os primeiros contatos com os colonizadores. Em uma das memórias coletivas presentes no romance, o seu ancestral conta que quando o seu povo tentou um contato pacífico e sem armas com os colonizadores, eles foram cruelmente assassinados. No seguinte trecho, outra memória coletiva vem à tona e revela a violência praticada pelos colonizadores:

Quando algum civilizado chegava na maloca, todos vinham recebê-lo e mostrar amizade para amansar o branco. É que os velhos diziam sempre que de todas as tribos os civilizados eram os mais bravos e perigosos porque matavam sem nenhum motivo, sem estarem fazendo guerra ou por qualquer cerimônia deles.

Matavam por matar, atirando com as suas espingardas até naqueles que vinham para a beira do rio fazer sinal de alegria (SOUZA, 1980, p. 80).

Denuncia-se, dessa forma, a violência e o genocídio contra os indígenas que tentaram pacificamente um contato amigável com os colonizadores.

Mais adiante, o narrador desmistifica a suposta identidade violenta do povo indígena que foi criada pelos “civilizados”:

Os civilizados chamavam o seu povo de caripuna e tinham inventado a lenda de que eles eram perigosos porque usavam duas penas de arara, amarelas, atravessadas no nariz. Era mentira, as penas só eram usadas em determinadas cerimônias e os homens de seu povo não gostavam de guerra e mantinham apenas algumas cerimônias lembrando que já haviam lutado em guerras, isto há tanto tempo que nenhum velho podia afirmar ter participado delas. Mas os civilizados gostavam de mentiras e começaram a matar gente de sua maloca ou a atrair os rapazes com promessas que nunca cumpriam (SOUZA, 1980, p. 80-81).

Ao revelar as mentiras inventadas sobre os indígenas, fica evidente que a sua denominação étnica, intitulada caripuna, também foi criada pelos europeus. Ao analisar cuidadosamente o excerto acima, pode-se observar a descrição de estratégias utilizadas para dominar os povos indígenas, pois de acordo com Santos (2009), “aos olhos do invasor, o índio, como um ser bárbaro, deveria ser domesticado; por não ter a fé do colonizador, deveria ser catequizado; dado o número incontável deles, seria mão-de-obra abundante” (SANTOS, 2009, p. 16). Com base nisso, além de associar os indígenas à barbárie, eles eram atraídos por falsas promessas que levaram alguns a trabalharem com seringueiros, enquanto outros tiveram que fugir de suas terras. Alguns indígenas começaram a consumir bebidas alcólicas, assim como algumas mulheres começaram a se prostituir no vilarejo de Santo Antônio (SOUZA, 1980).

Posteriormente, de acordo com as lembranças do personagem, revela-se que Joe Caripuna morava em uma maloca com cerca de vinte famílias e já havia sido casado. No entanto, devido à presença dos homens brancos, os indígenas, aos poucos, abandonaram o local. Quanto à sua esposa, ela foi assassinada de forma violenta pelos “civilizados” depois de se recusar a ser levada à força por eles. Isso evidencia o que Enrique Dussel (1993), discute em seu livro “1492: o encobrimento do outro”, onde aborda o fato de que o povo indígena foi morto violentamente ou reduzido à servidão. Ainda conforme Dussel

(1993), o fato de outras culturas serem “civilizadas” e saírem de sua barbárie era considerado um progresso que ocultava a violência ou dominação que aquele povo sofria.

A partir disso, é possível constatar que através do personagem Joe Caripuna, há a desmistificação de que o indígena era um homem selvagem e bárbaro, ressignificando a identidade da população indígena que outrora foi deturpada. Em relação ao colonizador, evidencia-se que o bárbaro e selvagem era, de fato, o homem branco.

Mais adiante, com o único desejo de se abrigar da chuva, o personagem indígena entrou no alojamento dos “civilizados” e foi visto pelos trabalhadores da ferrovia. Ao ser confrontado, os pertences que havia roubado caíram no chão. Os homens reconheceram rapidamente os seus objetos desaparecidos. Tudo o que Joe Caripuna possuía foi retirado dele, conforme o trecho abaixo:

Tudo o que tinha lhe foi retirado, incluindo o calção imundo, presente dos homens do Pai Rondon. Os civilizados estavam excitados e batiam nele, batiam com força e ele gritava. Vomitava sangue e os beijos estavam partidos e inchados e mal podia abrir os olhos. Aconteceu então o pior. Os civilizados seguraram ele esticado no chão e colocaram os dois braços dele sobre um dormente. Um civilizado pegou um machado e decepou na altura do antebraço as suas mãos (SOUZA, 1980, p. 103).

Neste trecho, é possível verificar que os trabalhadores “civilizados” da ferrovia, que no momento estavam na situação de subalternidade, foram capazes de decepar os membros de um indígena num ato de extrema violência, assim como eram capazes de matar por motivos banais e matariam Joe se o engenheiro do acampamento, Sthefan Collier, não tivesse intervindo.

O indígena passa a ser atendido pelo médico do acampamento, Richard Finnegan, de quem recebe o nome Joe Caripuna. A partir do contato com os “civilizados”, Joe passa a aprender rapidamente os costumes do “Outro” e sente-se endividado pelo médico ter salvo a sua vida. Há uma preocupação que atormenta a mente do indígena: quando o médico cobrar a dívida por tê-lo salvado, ele terá condições de retribuir? No entanto, essa era uma preocupação exclusiva do indígena devido às diferenças culturais.

Entretanto, todos se admiram da sua capacidade de continuar sendo um homem feliz, mesmo que tenha sido vítima de extrema violência, com requinte de crueldade.

Para o médico, a única explicação que vem à mente, é alguma força espiritual que lhe dá contentamento, pois, para ele, era difícil acreditar que um homem sem as mãos, vítima de um ato desumano, continuaria a sorrir e alegrar as pessoas que estavam a sua volta da forma como Joe fazia.

Joe Caripuna logo se recupera e passa a ter habilidades que divertem a todos que o veem, como acender palitos de fósforo com os dedos dos pés. A partir daí, o indígena passa a se familiarizar com a cultura dos “civilizados”, devido ao contado com os homens da Ferrovia Madeira Mamoré.

A partir desse processo, o indígena, após ser levado ao hospital da Candelária, situado em Porto Velho, próximo ao vilarejo de Santo Antônio, passa a compreender melhor a cultura do europeu. No seguinte trecho, é possível averiguar tal comportamento, após Joe pensar que estava ganhando presentes ao receber objetos em troca da realização de alguns truques com os pés:

Por isto, quando recusou-se a acender com os pés o cigarro de um doente, este, após muita insistência, deu-lhe de presente uma camisa. Joe aceitou porque tinha gostado da camisa, agradeceu e voltou para a sua cama, enfurecendo o doente que lhe pedira para acender o cigarro. O doente levantou-se e foi até a cama de Joe.

— Escuta aqui, você não vai acender o meu cigarro, índio? — perguntou enfurecido o doente. Joe Caripuna sorriu e sacudiu negativamente a cabeça.

— Agora não, amigo. Joe está cansado.

O doente recebeu a resposta como um insulto.

— Então devolva a minha camisa (SOUZA, 1980, p. 319-320).

A partir da negociação feita com a camisa, Joe aceitou acender o cigarro do doente em troca da vestimenta. Dessa forma, ele compreendeu que este era um costume do homem europeu e passou a “cobrar”, recebendo vários presentes, para realizar os pedidos de truques.

Com o passar do tempo, o indígena passou a tocar piano com o auxílio de uma mulher boliviana chamada Consuelo. Ela sofreu um acidente e foi resgatada desacordada, sendo levada à enfermaria onde Joe também estava internado, em recuperação devido ao decepamento de suas mãos. Esta nova habilidade foi usada por Percival Farquar, um dos responsáveis pela construção da ferrovia, como fonte de renda. Farquar conseguiu um contrato para o indígena tocar piano fora do país, mas somente porque “ganharia trinta por cento de todos os rendimentos da atração, além do

ressarcimento das despesas com a vinda dos dois de Porto Velho para o Rio” (SOUZA, 1980, p. 414). Após Joe Caripuna e Consuelo chegarem ao Rio de Janeiro, partiram para Nova York. Após dezesseis anos que o indígena saiu do seu país de origem, ele morreu de sífilis.

Com isso, é possível destacar que Joe Caripuna é um personagem que desconstrói a imagem do colonizador que se auto intitula civilizado para dominar os povos originários da Amazônia. A partir da memória individual e coletiva do personagem, há uma denúncia de toda a opressão, exploração, genocídio, violência e outras estratégias dos colonizadores que inferiorizavam e destruíam a identidade dos indígenas, assim como o ato de extrema violência que sofreu pelas mãos dos trabalhadores da ferrovia Madeira Mamoré e, apesar de sofrer o processo de transculturação, ainda foi explorado, como associado a algum objeto ou empreendimento lucrativo, para que um europeu lucrasse a partir de suas habilidades.

Considerações finais

Com base na análise do personagem Joe Caripuna, da obra “Mad Maria” (1980), de Márcio Souza, foi possível, através dos fluxos de memória, individual e coletiva, denunciar o genocídio que o povo indígena sofreu durante o período de colonização da Amazônia, assim como a invenção de uma identidade violenta que foi associada à barbárie e ao atraso cultural. Os indígenas também foram explorados, marginalizados, oprimidos e silenciados. O personagem Joe Caripuna, ao denunciar a imposição da cultura europeia e a violência que ele e os seus antepassados passaram, dessacraliza a imagem do colonizador que apenas visava o lucro e as riquezas naturais da Amazônia.

Dessa forma, as memórias individual e coletiva são utilizadas pelo narrador para dar voz não somente ao personagem analisado, mas também aos seus ancestrais que fizeram os primeiros contatos com os colonizadores e passaram a ser ouvidos devido à memória coletiva que foi passada de geração para geração e contribui, assim, para uma memória nacional.

Ao encontrar-se sozinho e faminto, o indígena passa por um episódio de extrema violência que, num ato de crueldade, leva o personagem a ter as duas mãos decepadas pelos trabalhadores da Ferrovia Madeira Mamoré por furtar pequenos objetos.

O personagem Joe Caripuna, no romance “Mad Maria”, denuncia as violências causadas pelos colonizadores, desmistifica o processo de colonização e representa os indígenas que, fora da ficção, sofreram de fato, com a imposição cultural e o apagamento.

Pode-se concluir, portanto, que a obra, como um todo, denuncia a violência que houve durante a construção da Ferrovia Madeira Mamoré. No entanto, por intermédio do personagem indígena que usa as lembranças da memória individual e coletiva de seus ancestrais para ressignificar a identidade de seu povo, há a possibilidade de conhecer a outra “face” da história oficial e assim poder contribuir para a desconstrução do discurso colonizador que por muito tempo criou estereótipos sobre o colonizado, não só no campo da literatura ou da história, mas também, no imaginário coletivo da sociedade brasileira.

Referências

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Edum, 2009. p. 257-283.

COELHO, Wanessa de Oliveira; FURTADO, Marli Tereza. A figuração da Amazônia em Mad Maria, de Márcio Souza. **Asas da Palavra**, Belém: Unama, vol. 14, n. 1, jun. 2017, p. 53-61. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasadapalavra/article/view/986/533>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 97-106.

GOMES, Márcia Letícia. **A ficção descolonizadora em Márcio Souza: uma análise de Mad Maria sob uma perspectiva pós-colonial**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/294852917.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2009.

SOUZA, Márcio. **Amazônia Indígena**. 2 ed. Manaus: Record, 2015.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Record, 2019.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

Submetido em 18 de outubro de 2023.

Aceito em 06 de dezembro de 2023.

UMA (RE)LEITURA DOS CHAMADOS VERBOS TRANSITIVOS “BIRRELATIVOS”

A (RE)READING OF THE SO-CALLED “BIRRELATIVE” TRANSITIVE VERBS

Francisco Levi Apolinário de Moraes¹
Raimundo Francisco Gomes²

Resumo: O presente artigo tem por finalidade discutir a ocorrência dos chamados verbos “birrelativos”, a partir de uma releitura feita mediante análise do estudo de Azeredo (2011) e sustentada segundo a Teoria dos Papéis Temáticos, conforme Caçado (2013). Nesse contexto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, de aspecto descritivo-explicativo, com base nos preceitos de Azeredo (2011), Caçado (2013), Luft (2008) e Sacconi (1990), assevera-se a natureza inconstante dos verbos birrelativos, haja vista que eles não podem selecionar, sob o viés normativo-tradicional, dois objetos indiretos simultâneos, sendo considerados, sob o prisma da Sintaxe Gerativa e da Semântica dos Papéis Temáticos, certos tipos de adjuntos adverbiais ou de objetos diretos. Com isso, ressalta-se a importância deste estudo, de forma a desconstruir o conceito da birrelatividade, a partir de uma análise de dados, podendo servir como escopo de estudo para pesquisas linguísticas mais aprofundadas, em corpus, futuramente, bem como contribuir para possíveis aprofundamentos didáticos de professores e pesquisadores da área.

Palavras-chave: Papéis Temáticos; Transitividade Verbal; Verbos Birrelativos.

Abstract: The present article aims to discuss the occurrence of the so-called “birrelative” verbs, based on a reinterpretation through the analysis of AZEREDO’s study (2011) and supported according to the Theory of Thematic Roles, as proposed by Caçado (2013). In this context, through a qualitative bibliographic research with a descriptive-explanatory aspect, based on the principles of Azeredo (2011), Caçado (2013), Luft (2008), and Sacconi (1990), we affirm the inconsistent nature of birrelative verbs. This is because, under the normative-traditional bias, they cannot select two simultaneous indirect objects, being considered, from the perspective of Generative Syntax and Thematic Roles Semantics, certain types of adverbial adjuncts or direct objects. Thus, the importance of this study is emphasized, aiming to deconstruct the concept of birrelativity through a data analysis. It may serve as a scope for more in-depth linguistic research in corpora in the future and contribute to possible didactic deepening for teachers and researchers in the field.

Keywords: Thematic Roles; Verbal Transitivity; Birrelative Verbs.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4566099191389604>, Orcid: <http://lattes.cnpq.br/4566099191389604>, Email: leviapolinario55@gmail.com

² Doutor em Letras/Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professor Adjunto M do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9542010211907146>, Orcid: <http://lattes.cnpq.br/9542010211907146>. Email: msc_gomes@yahoo.com.br

Introdução

Os verbos constituem a categoria gramatical mais abundante na Língua Portuguesa, existindo cerca de 10 (dez) mil vocábulos no léxico português. Essa classe se refere às palavras que representam ação, estado ou fenômeno da natureza, funcionando, também, como predicador da oração, isto é, a essência de qualquer sentença. A ideia de que o verbo é núcleo operacional de uma frase foi proposta, inicialmente, por Tesnière. De acordo com seus estudos, o verbo é “como um polo imantado, capaz de atrair um determinado número de actantes³, sendo responsável pela dominância entre eles. (*apud* Borba (1996, p. 19))” Com isso, entende-se que cada sintagma presente em uma oração é, ou deve ser, uma exigência direta do verbo. Isso posto, entende-se o fato de este ser essencial na composição frasal.

Nesse ínterim, no plano sintático, os verbos têm a capacidade de ‘selecionar’ argumentos para, caso necessário, completar-lhes o sentido dentro de uma oração. Dessa maneira, à luz da Gramática Tradicional, os verbos podem ser de natureza intransitiva, transitiva direta, transitiva indireta, bitransitiva ou de ligação. Entretanto, consoante estudo de alguns linguistas contemporâneos, como Azeredo (2011), alguns verbos podem ter viés birrelativo, isto é, quando admite dois objetos indiretos. Assim, pretende-se revisitar a teoria proposta por Azeredo (2011), sob o prisma da semântica dos papéis temáticos e da sintaxe.

Com isso, este artigo objetiva demonstrar a inexatidão dos verbos “birrelativos”, no tocante à sintaxe e à semântica, bem como perceber a função dos papéis temáticos no processo de classificação de complementos verbais.

A realização deste artigo vem suprir uma carência pouco discutida nos atuais estudos linguísticos e nos compêndios gramaticais, que é a existência dos verbos “birrelativos”, nomenclatura praticamente inexistente nas Gramáticas Tradicionais, mas que é empregada em alguns materiais, mais antigos⁴, sobre transitividade verbal. Nesse sentido, numa sentença como: “Paulo queixava-se do funcionário ao patrão”, tem-se a ocorrência de um verbo transitivo direto e indireto ou de um verbo birrelativo, isto é, com dois objetos indiretos? Ora, um falante da Língua pode entender que são aceitáveis

³ Entenda-se ‘actante’ como sendo, tradicionalmente, os “complementos” do verbo.

⁴ Um dos materiais consultados e que continha a noção de verbo ‘birrelativo’ foi o “Dicionário de Verbos e Regimes”, de Francisco Fernandes.

as perguntas ‘de quem?’ e ‘a quem?’ ao verbo “queixar-se”. Não obstante, é sabido que não é aceitável, precipuamente, em manuais mais tradicionais de gramática, a ocorrência simultânea de dois complementos indiretos a um mesmo verbo. Assim, tem-se um caso de verbo birrelativo ou de outro fenômeno linguístico⁵? Com essa problematização, busca-se apresentar hipóteses e/ou respostas a essa questão, que se torna relevante, principalmente, em se tratando de transitividade verbal, conteúdo amplamente abordado nas escolas e nos vestibulares/concursos tradicionais, além de contribuir para futuras pesquisas, mais aprofundadas, em *corpus*.

Metodologias

Para realização deste artigo, fez-se uma pesquisa bibliográfica qualitativa, de caráter descritivo-explicativo, revisitando os estudos de autores na área abordada, tais como Azeredo (2011), Luft (2008), Cançado (2005) e Sacconi (1990), recolhendo fundamentação consistente, de maneira a sustentar a tese desenvolvida neste trabalho.

A maioria dos exemplos abordados no artigo para exemplificar e embasar a discussão foi retirada dos manuais dos autores consultados, usando-se de contra-argumentação, em certas ocasiões, de modo a suprir as necessidades de desenvolvimento do trabalho.

Além disso, para detalhar os papéis temáticos dos verbos abordados, utilizou-se a plataforma virtual “VerboWeb”, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, consultando-se, no campo específico no site, os verbos mencionados, embasando a argumentação do texto. Ademais, a regência de alguns verbos citados no trabalho foi consultada no “Dicionário Prático de Regência Verbal” de Luft (2008), resgatando-se alguns verbetes escritos no material.

Por fim, com o fito de justificar as relações de dominância entre o verbo e seus complementos, fez-se uso do esquema arbóreo da Sintaxe Gerativa, destacando a hierarquização dos constituintes oracionais.

⁵ No decorrer do estudo, será demonstrado que a maioria dos exemplos abordados, como sendo casos de ‘birrelatividade’, na realidade, apresentam simplesmente objeto direto preposicionado, objeto indireto ou adjunto adverbial.

Transitividade Verbal: dos aspectos básicos à Birrelatividade

A transitividade verbal constitui a capacidade de o verbo ‘ir além’, ‘passar adiante’, ‘transcender’ dentro de uma oração, selecionando argumentos internos, de modo a inteirar-lhe sua casa valencial. Nesse sentido, a Gramática Tradicional preconiza a transitividade verbal da seguinte forma: intransitivos (verbos com significação completa, sem necessidade de complementadores); transitivos diretos (verbos com significação incompleta, necessitam de um complementador sem preposição); transitivos indiretos (verbos com significação incompleta, necessitam de um complementador com preposição; bitransitivos (verbos com significação incompleta, necessitam de dois complementadores, um com preposição e outro, sem) e de ligação (verbos que estabelecem uma “igualdade” entre o sujeito e sua característica, o predicativo, sendo essencial no contexto em que está inserido).

No entanto, alguns estudos linguísticos vêm adotando uma outra relação de transitividade, os chamados verbos birrelativos. Esses verbos, segundo Azeredo (2011), são uma variante do transitivo relativo⁶, com a diferença de que estes apresentam dois complementos preposicionados; nesse caso, dois objetos indiretos. Por outro lado, a Tradição Gramatical abona que não se pode haver dois objetos iguais a um mesmo verbo, ou seja, só há a possibilidade de um verbo aceitar um objeto direto e/ou um objeto indireto. Assim, analise-se o exemplo:

(1) Paulo informou-lhe da aula.

No exemplo (1), tem-se o verbo causativo, isto é, indicador de causa, ‘informar’, que seleciona um argumento externo “Paulo” (agente) e dois internos, “lhe” (beneficiário) e “da aula” (tema). Todavia, no plano sintático e no que concerne aos compêndios gramaticais, a sentença em estudo falha, em adotar dois objetos indiretos, ou seja, dois complementos preposicionados⁷. Luft (2008) esclarece, em seu “Dicionário prático de Regência Verbal”, que o verbo ‘informar’ é bitransitivo, tomando o objeto

⁶ Para Azeredo (2011), os verbos transitivos relativos são aqueles que apresentam um complemento relativo que, no contexto da Gramática Tradicional, concatenam-se aos verbos transitivos indiretos.

⁷ Segundo Luft (2008), o exemplo (1) é agramatical, do ponto de vista normativo. Nesse viés, eis exemplos de construções que são aceitáveis na norma-culta: “Paulo informou-lhe a aula”; “Paulo informou-o da aula”; “Paulo informou-a da aula”; “Paulo informou-a ao amigo”.

direto ora como um ser animado, ora inanimado; e um objeto indireto ora um ser animado; ora inanimado. A estrutura argumental-sintática desse verbo aponta para apenas uma possibilidade de se encontrar um complemento preposicionado:

(2) INFORMAR: V, < Agente, Tema, (Alvo) >
 SN SN (SP)
 x y z

Em que X age causando a transferência, por meio de um evento específico, de Y para Z.

Perceba-se que o verbo ‘informar’ admite apenas um actante/complemento, representado graficamente pelo sintagma preposicionado (SP), que assume o papel de ‘Alvo’, ou seja, o destino ao qual a informação veiculada chegará.

Desse modo, voltando-se à ocorrência dos chamados verbos birrelativos, observem-se os exemplos:

- (3) a. Paulo bateu *com a cabeça no chão*.
 b. Ele passou *de tenente a capitão*⁸.
 c. Rogai *por mim a Deus*.

Em 3a, tem-se o verbo ‘bater’ que seleciona um argumento externo, desempenhando papel de agente, e dois argumentos internos, sendo o primeiro o objeto afetado e o segundo, o locativo. Contudo, note-se que o complemento ‘com a cabeça’ que, para Azeredo (2011) funciona com objeto indireto, admite a supressão da preposição ‘com’, exercendo, assim, a terminologia de objeto direto, já que representa o afetado/paciente da ação verbal⁹. Já o termo ‘no chão’ que, igualmente para o autor funciona como objeto indireto, tem caráter estritamente locativo, isto é, o lugar sobre o qual a ação verbal realizou-se, operando como adjunto adverbial de lugar. Ademais, se se analisar a estrutura argumental e sintática desse verbo, constata-se que ele admite apenas um SN, como argumento interno, e, um SP, locativo, a depender do contexto.

⁸ Os exemplos (3a-b) foram retirados da Gramática Houaiss do Português (p. 219), de José Carlos Azeredo. (Grifos do autor)

⁹ Normalmente, o objeto direto funciona como o paciente no qual recai a ação verbal.

(4) BATER: V, < Agente, Objeto Afetado, (Locativo) >

SN	SN	(SP)
x	y	z

Em que X age sobre Y, por meio de um evento mediado pelo corpo, que pode ocorrer num meio Z¹⁰.

Com isso, verifica-se que o verbo ‘bater’, no exemplo (3a), dado por Azeredo (2011), não é um paradigma para o que o autor define como um transitivo birrelativo, já que na semântica dos papéis temáticos e no próprio plano sintático, não se encontram evidências para se atribuir uma função de objeto indireto, mas sim de objeto direto ou adjunto adverbial.

No exemplo (3b), o verbo ‘passar’, embora seja comumente causativo de transferência ou de contato, assumindo diversas predicções, desde verbo copulativo a bitransitivo, no contexto dado, ele não apresenta dois objetos indiretos, como afirma o autor, em sua contextualização. Veja-se que a forma verbal assume valor de ‘mudança’, isto é, saiu de um ponto X para chegar (transformar-se) num ponto Y. Observa-se, também, que a preposição ‘de’ pode ser suprimida, tornando-se, mais uma vez, um caso de objeto direto:

(5) a'. Ele passou tenente a capitão.

a''. Ele passou-se tenente a capitão.

a'''. Ele passou-se (de) tenente a capitão.

a'''''. Ele passou(-se) de tenente a capitão.

Pode-se perceber que ‘(de) tenente’ é um mero caso de objeto direto preposicionado¹¹, com o verbo ‘passar’ pronominal, visto que a ação de ‘passar’, aqui transmutada em mudança de estado, recai sobre o próprio sujeito, pois ‘tenente’ é o seu estado atual (sujeito Ele) e ‘capitão’ a sua mudança, o que se tornou após sair do estado

¹⁰ A semântica dos papéis temáticos dos verbos aqui abordados foi consultada no site “VerboWeb”, elaborado pela professora Dra. Márcia Maria Caçado Lima.

¹¹ Bechara (2009, p. 254) elenca algumas situações nas quais o objeto direto preposicionado é empregado. Dentre elas, está o fato de ele evitar a ambiguidade. Note que, caso não houvesse preposição, não se saberia quem (ou o quê) passaria: “? Ele passou-se tenente a capitão/ ? Ele passou de tenente capitão.”

de tenente. Por isso, o verbo ‘passar’ é pronominal nesse contexto, porque a ação recai sobre si mesmo. Observe-se a sua estrutura sintática-argumental:

(6) PASSAR: V, < Experienciador, Objeto Estativo, Alvo >

SN	SN	SP
x	y	z

Em que X recebe/experiencia a mudança desencadeada pelo deslocamento de Y para Z.

O problema encontrado com o verbo ‘passar’ está na vagueza na preposição ‘de’ que, nesse contexto, não é uma exigência do verbo passar, uma vez que, segundo Luft (2008), numa conjuntura em que se perceba aparente mudança de estado, esse verbo pode ser transitivo direto (preposicionado) ou transitivo indireto, acompanhado de um predicativo do sujeito. Assim, poder-se-ia interpretar “de tenente” como objeto direto preposicionado ou objeto indireto e “a capitão” um predicativo do sujeito. Sobre a problematização da preposição, em construções verbais, MENEZES (2005), citando CANÇADO (2003), coloca:

De acordo com Cançado (2003), há três tipos de preposições: as predicadoras, que não são acarretadas pelo verbo e atribuem papel temático ao seu argumento, apresentando funções semântica e sintática; as funcionais, que introduzem um argumento acarretado pelo verbo e/ou marcam o argumento que sofreu alternância sintática, mas não possuem função semântica; e as inerentes, que fazem parte do verbo (CANÇADO, 2003 *apud* MENEZES, 2005, p. 01).

Logo, vê-se que a preposição ‘a’, em “a capitão”, não se configura uma exigência do verbo, assim como a preposição ‘de’, que funciona como uma aparente necessidade do verbo naquela ocasião, funcionando como precipuamente predicadoras.

Em (3c), o verbo ‘rogar’, aparentemente inergativo (intransitivo ou que possui, presumivelmente, apenas argumento externo (sujeito)), é precedido pelos termos “por mim” e “a Deus”. De acordo com o “Dicionário de Regência Verbal”, de Luft (2008), esse verbo não pode ter dois complementos preposicionados, ligados a ele: “É má regência rogar a alguém para fazer algo. Diga-se rogar a alguém que faça algo.” (LUFT, 2008, p. 466). Isto é, na visão do autor, o verbo rogar pode exigir um objeto direto e/ou um objeto indireto. Desse modo, observa-se a estrutura sintática-argumental de ‘rogar’:

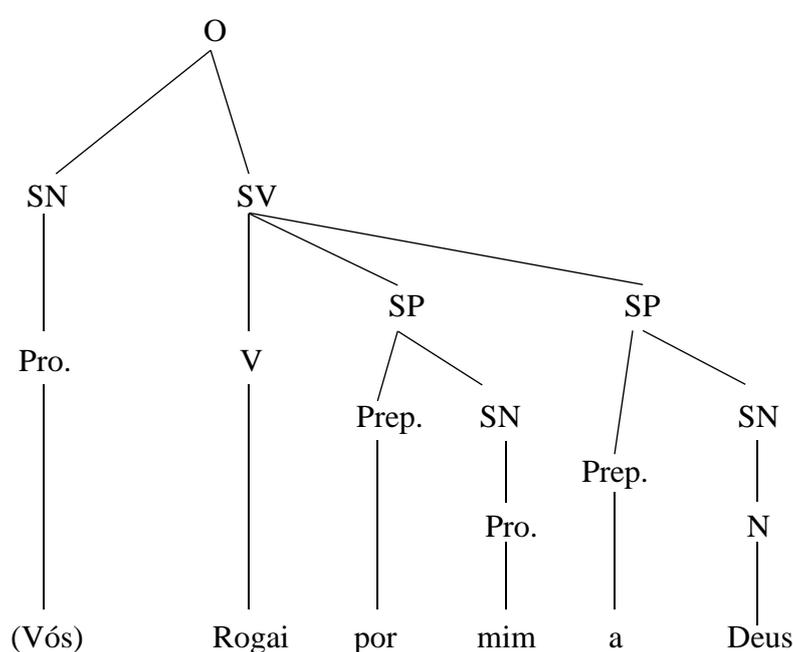
(7) ROGAR: V, <Agente, Experienciador, Alvo>

SN	SN(SP)	SP
x	y	z

Em que X age causando transferência, por um evento específico, de Z, que recai sobre Y.

Entretanto, a relação sintática entre os complementadores fica mais evidente, por intermédio da estruturação arbórea¹²:

Figura 1 . Representação arbórea do exemplo 3(c)



Fonte: Produzidos pelos autores

Na representação gráfica, pode-se perceber a hierarquia sintática dos complementadores e notar que o sintagma preposicionado “por mim” parece não ser uma dominância do sintagma verbal, haja vista que ele pode ser comutado na oração, sem sofrer alteração semântica à expressão e à sentença.

(8) a. Rogai por mim a Deus.

a'. Por mim, rogai a Deus.

a''. Rogai a Deus por mim.

¹² Para demonstração gráfica da estruturação sintagmática dos exemplos, baseou-se na Teoria Padrão Gerativista, abordada por Silva & Koch (2009).

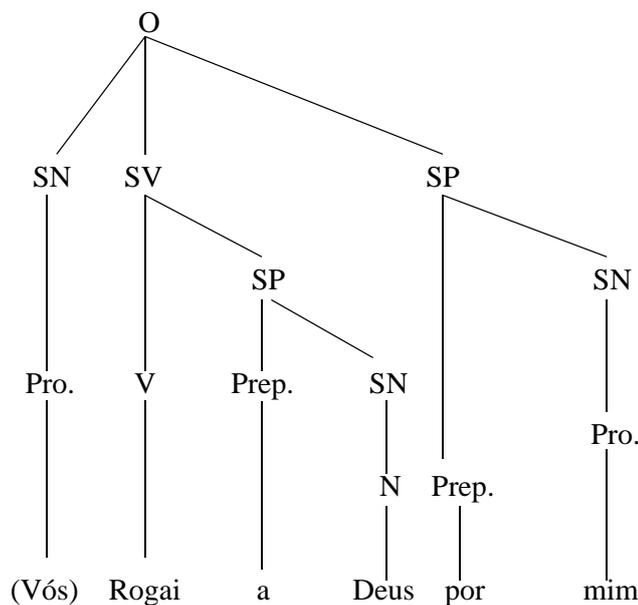
a'''. Rogai a Deus.

a''''? Rogai por mim.

Esse fenômeno não é comum aos verbos transitivos indiretos, pois os complementos regidos por este tipo de verbo devem sofrer dominância direta, isto é, o sintagma preposicionado deve ser ligado ao sintagma verbal¹³. Consta-se também que o termo “por mim” pode ser suprimido da frase, no exemplo (5a'''), concluindo-se que é um mero acessório, sendo, pois, dominado pela oração. Percebe-se que, caso se elidisse o termo “a Deus”, como mostra o exemplo (5a''''), a sentença ficaria incompleta, posto que não haveria a ação destinada pelo verbo, ou seja, não existiria o porquê de rogar. Com isso, o termo “a Deus” é uma exigência do verbo, representando um objeto indireto.

Veja-se a representação gráfica do exemplo (3c), seguindo a lógica sentencial dos argumentos:

Figura 2. Representação Arbórea do exemplo 3(c)



Fonte: Produzido pelos autores

¹³ Sobre a dominância “direta”, MIOTO (2013, p. 50) afirma que: “ α domina β se e somente se existe uma sequência conexa de um ou mais galhos entre α e β e o percurso de α até β através dos galhos é unicamente descendente.” Logo, caso o sintagma consiga comutar-se dentro da sentença, ele não sofrerá dominância direta do sintagma verbal (SV), mas sim da própria oração.

Dessa maneira, não se pode entender esse caso como de um verbo birrelativo, em virtude de um dos complementos preposicionados não ser diretamente necessitado pelo verbo, mas sim ao contexto. Tendo em vista isso, conclui-se que, na realidade, trata-se de um adjunto adverbial e não um objeto indireto. Sacconi (1990) elenca vários tipos de adjuntos adverbiais; dentre esses, há um em específico que se confunde como um objeto indireto, pois assume papel temático de beneficiário à maneira desse complemento verbal: o adjunto adverbial de substituição. Observem-se os exemplos, retirados de Sacconi (1990, p. 275):

- (9) a. Comparecer à solenidade [por alguém.]
- b. Assinar o recibo [pelo chefe.]
- c. Jurar [por Deus.]

Compreende-se que os sintagmas preposicionados iniciados pela preposição ‘por’ assumem função sintática de adjunto adverbial de substituição. Note-se que podem ser substituídos pela expressão “em nome de”, assumindo, respectivamente, os papéis temáticos de beneficiário, beneficiário e objeto estativo:

- (10) a. Comparecer à solenidade [em nome de alguém].
- b. Assinar o recibo [em nome do chefe].
- c. Jurar [em nome de Deus].

Dessa forma, entende-se que alguns complementos preposicionados dos chamados verbos birrelativos são, na realidade, certos tipos de adjuntos adverbiais. Pela esquematização arbórea e pela semântica dos papéis temáticos, é possível desconstruir a ideia de que um mesmo verbo possa demandar dois objetos indiretos, ao passo que, efetivamente, um desses complementos será dominado pela oração e não será necessariamente indispensável à compreensão da sentença.

Questões Residuais em ‘birrelatividade’ verbal: da teoria à prática

A noção de um verbo transitivo comportar, simultaneamente, dois objetos indiretos, conforme explicitado neste artigo, é praticamente insustentável, posto que, pelo menos, um dos complementos preposicionados podem ser avaliados como meros casos de circunstancializadores (adjuntos adverbiais) ou de complementos diretos (preposicionados). No entanto, esse conceito ainda é cobrado em avaliações externas e de larga escala, como concursos públicos, conquanto não seja amplamente exposto nas Gramáticas Normativas atuais.

Em “*A Gramática para concursos públicos*”, de Fernando Pestana, o autor aponta, baseando-se nas observações de Azeredo (2011), para a existência dos verbos transitivos birrelativos que, para ele, “são verbos transitivos indiretos que exigem dois objetos indiretos.” (PESTANA, 2022, p. 526)

Observa-se o exemplo, retirado de Pestana (2022, p. 526):

(11) Ela contribuiu *com dinheiro para a instituição*¹⁴.

Ora, é perfeitamente aceitável que a expressão ‘com dinheiro’ possa se comutar dentro da oração:

(11) a’. Com dinheiro, ela contribuiu para a instituição.
a”. Ela, com dinheiro, contribuiu para a instituição.
a”’. Ela contribuiu para a instituição, com dinheiro.

Retomando-se as noções de adjuntos adverbiais propostas por Sacconi (1990), poder-se-ia entender o termo “com dinheiro”, como sendo um caso de adjunto adverbial de modo: como ‘ela’ contribuiu para a instituição? Nota-se também que o termo em análise pode ser suprimido, sem maiores prejuízos semânticos à sentença.

Em contrapartida, Luft (1990, p. 150) lança mão da construção “contribuir com...para”, mas prevê a possibilidade da omissão da preposição ‘com’:

¹⁴ Grifos do autor.

- (12) a. Contribuiu alimentos para os refugiados.
b. Contribuiu (com) alimentos para os refugiados.

Desse modo, pode-se inferir que, de fato, “(com) alimentos” não pode ser interpretado, amiúde, como sendo um objeto indireto, dado que a supressão da preposição leva a classificá-lo como um mero objeto direto. Quanto ao termo “para a instituição”, observa-se que é o destinatário da ação de ‘contribuir’, ou seja, a contribuição deverá chegar a algum destino. Nesse caso, deve funcionar, necessariamente, como objeto indireto. Perceba-se que a exclusão da preposição ‘para’ torna a sentença agramatical:

- (13) a’. ? Ela contribuiu com alimentos a instituição.

Logo, desconstrói-se a ideia de ‘birrelatividade’ no exemplo (11), tendo em vista a vagueza da preposição ‘com’ e a possibilidade de dupla classificação sintática do sintagma iniciado por ela.

Além disso, essa temática já foi abordada em provas de concursos públicos, organizadas por famosas Bancas Organizadoras do país. Atente-se ao exemplo:

- (14) IBADE - 2018 - Câmara de Porto Velho - RO - Técnico Legislativo
A opção, na qual o pronome relativo está empregado corretamente, é:
A) O caso: o qual me referi, foi resolvido logo.
B) O lápis, cujo o dono saiu da sala, foi guardado.
C) Preencheu a lista aonde enumerava suas preferências
D) Li sua confissão, donde as ações ficaram claras.
E) As revistas, das quais lhe falei, são essas.

Veja-se apenas a sentença (E), do exemplo (14), a qual foi considerada a alternativa correta para a questão. Nota-se que o verbo ‘falar’, naquele contexto, está comportando dois complementos indiretos: “lhe¹⁵” e “das quais = das revistas”. Analisa-se o exemplo reescrito:

¹⁵ O pronome oblíquo ‘lhe’ sempre é considerado objeto indireto, sendo a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Lima (2010) assevera que o ‘lhe’ é o único clítico com função dativa, isto é, de substituir regularmente um objeto indireto.

(15) Eu falei-lhe das revistas.

Novamente, poder-se-ia interpretar o sintagma “das revistas”, como sendo um circunstancializador. Nesse caso, o termo reforça a noção de assunto (adjunto adverbial de assunto). Nas referências bibliográficas, indicadas pela Banca para o Concurso, estava a “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”, de José Carlos Azeredo, que abona tal fato linguístico.

Com isso, evidencia-se que inquirições sobre ‘birrelatividade’, sejam em avaliações de larga escala, sejam em estudos escolares, devem ser tratadas como sendo casos de circunstancializadores e não de dois objetos indiretos. É demonstrável que, na prática, não é possível coocorrerem, tendo em vista a influência dos papéis temáticos e da lógica hierárquica das sentenças.

Considerações Finais

Apesar de não serem próprios da terminologia gramatical atual, os verbos birrelativos constam em estudos linguísticos de autores como Azeredo (2011), além de já terem sido abordados, nos últimos anos, em provas de Língua Portuguesa de certos concursos públicos. Em que pese a Gramática Normativa não permitir a ocorrência simultânea de dois objetos preposicionados a um mesmo verbo, a incidência da birrelatividade não se sustenta na prática, haja vista a dinamicidade dos termos iniciados pela preposição em análise, os quais ora poderão ser meros casos de adjuntos adverbiais (comumente, os chamados adjuntos adverbiais de substituição, na visão de Sacconi (1990)), ora objetos diretos preposicionados que admitem a supressão da preposição.

Dessa maneira, é mister inferir que os papéis temáticos assumem posição de determinadores do aspecto sintático dos complementos, atribuindo possíveis funções semânticas aos argumentos e adjuntos, de modo a sistematizar os papéis temáticos relativos a objetos indiretos e aos circunstancializadores.

Ademais, com este trabalho, sustentado nos estudos de Cançado (2013), Luft (2008) e Sacconi (1990), pôde-se evidenciar a “fragilidade” do conceito de verbo ‘birrelativo’, proposto por Azeredo (2011), haja vista a natureza mutável dos

complementos preposicionados, não apresentando concomitância com as possibilidades de tais verbos em selecionar argumentos com determinados papéis semânticos.

Referências

- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana; MEIRELLES, Letícia. VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro. **Banco de dados lexicais**. UFMG, 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb>. Acesso em 10 de set. de 2023.
- CANÇADO, Márcia. Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: Anotações de Carlos Franchi. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, vol. 11, n. 2, 2003.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 1 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário de verbos e regimes**. 44 ed. São Paulo: Globo, 1940.
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de Regência Verbal**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MENEZES, Rosimeire Corrêa de. **Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica**. 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- MIOTO, Carlos *et al.* **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática: teoria**. 14 ed. São Paulo: Atual, 1990.
- SILVA & KOCH. SILVA, Maria C. P. de S. e; KOCH, Ingedore G.V. **Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Submetido em 20 de outubro de 2023.

Aceito em 06 de dezembro de 2023.